

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO  
INSTITUTO DE ARTES – CAMPUS SÃO PAULO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

***MESTRADO***

FLICTS , LIVRO DE ARTISTA

Claudia Cascarelli

UNESP  
SÃO PAULO/SP

2007



CLAUDIA CASCARELLI

## FLICTS, LIVRO DE ARTISTA

Dissertação de Mestrado apresentada  
Universidade Estadual Paulista– Unesp,  
em cumprimento às exigências do curso  
de Pós-Graduação em Artes, para a  
obtenção do grau de mestre. Área de  
Concentração: Artes Visuais.

Orientadora:

Profª Drª Claudete Ribeiro

UNESP

SÃO PAULO/SP

2007

C336f Cascarelli, Claudia.  
Flicts, livro de artista / Claudia Cascarelli. - São Paulo : [ s.n.], 2007.  
146 f. : il.

Bibliografia.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudete Ribeiro.

Dissertação (Mestrado em Artes ) – Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Artes.

1. Arte-psicologia. 2. Percepção visual. 3. Literatura infantil. I.  
Ribeiro, Claudete. II. Ziraldo. III. Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Artes. IV. Título.

CDD – 701.15  
CDU – 7.01

CLAUDIA CASCARELLI

## FLICTS, LIVRO DE ARTISTA

Dissertação de Mestrado apresentada  
Universidade Estadual Paulista– Unesp,  
em cumprimento às exigências do curso  
de Pós-Graduação em Artes, para a  
obtenção do grau de mestre. Área de  
Concentração: Artes Visuais.

Banca Examinadora:

---

Prof` . Dr` . Claudete Ribeiro

Orientadora

---

---

UNESP

SÃO PAULO/SP

2007

DEDICATÓRIA

---



Com muito carinho,  
por acreditar que eu poderia plantar grandes pomares

---

JONAS RIBEIRO

## AGRADECIMENTOS

---

Agradeço a oportunidade de rever certas questões que somente no silêncio foi possível refletir.

- Agradeço à minha querida e inesquecível orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudete Ribeiro pelos caminhos apontados com segurança e carinho;
- À CAPES pelo apoio operacional;
- Ao meu filho pelas palavras de amor e afeto;
- À minha amiga Rosana Gabriel pela luz que alimenta a alma;
- Ao Sítio São João, paraíso onde recarreguei minhas baterias;
- Aos colegas do Américas pela compreensão;
- Ao Cesar, Mohamad e Ticiano pela força e apoio técnico;
- Aos moradores do Edifício Copan que nas horas precisas foram minha companhia;
- Ao meu amigo Alan Livan pela amizade sincera;
- Ao Colégio das Américas pela estrutura e às crianças que participaram deste trabalho;
- À minha avó Lúcia e meu irmão Gilberto que notaram mas não cobraram a minha presença nos almoços de domingo;
- As bibliotecárias do Instituto de Artes da Unesp e para a Taty pela força e compreensão que uma pesquisadora precisa;
- E finalmente, agradeço ao Zivaldo por ter feito uma obra maravilhosa, onde apoiei minhas reflexões e hoje posso oferecê-las por meio deste trabalho.
- Obrigada!

## RESUMO

---

Sem o uso de configuração naturalista, Ziraldo narra os problemas de uma cor deslocada do espectro do nosso imaginário. *Flicts* é uma cor que não está na caixa de lápis de cor, não está nas bandeiras dos países e não está no arco-íris. Seu primeiro exemplar foi lançado em 1969, pela editora Expressão e Cultura, Rio de Janeiro.

O livro *Flicts* tomado como objeto da presente pesquisa, abrange estudos da segunda edição, 1969, a quinquagésima sétima edição, 2005. Os estudos foram apresentados em três capítulos, sendo o primeiro sobre Ziraldo, sua trajetória como autor/artista, o criador da obra estudada; o segundo para apresentação e análise da obra propriamente dita, *Flicts*, no seu projeto gráfico original e as reedições modificadas ao longo do tempo, como a palavra e a imagem constroem a significação da obra, e sobre a abstração das formas naturais e sua geometrização, resultando uma simplificação num nível profundo de caracterização do mundo não figurativo, mas figural; e o terceiro destinado ao registro da percepção e percurso do leitor, o seu primeiro contato e a reflexão do desenvolvimento perceptivo das crianças em oficinas de criatividade.

Palavras-chave: Ziraldo; *Flicts*; livro infantil; artes visuais; percepção visual.

## ABSTRACT

---

Without the use of naturalistic configuration, Ziraldo tells the problems of a dislocated color of the specter of our imaginary. Flicts is a color that is not in the box of color pencil, is not in the flags of the countries and it is not in the rainbow. Its first unit was launched in 1969, for the publishing company Expressão e Cultura, Rio de Janeiro.

Taken the Flicts book as object of the present research, encloses studies of the second edition, 1969, fifty seventh edition, 2005. The studies had been presented in three chapters, being the first one on Ziraldo, his trajectory as author/artist, the creator of the studied work; as for presentation and the analysis of the work properly said, Flicts, in its original graphical project and the new editions modified throughout the time, as the word and the image construct the meaning of the work, and on the abstraction of the natural forms and its geometry, resulting a simplification in a deep level of characterization of the world not figurative, but figural; and the third destined to the register of the perception of the passage of the reader, its first contact, and the reflection of the development of the children in creativity workshops.

Word-key: Ziraldo; Flicts; infantile book; visual arts; visual perception.



## LISTA DE IMAGENS

---

imagem 1	Ziraldo Alves Pinto.....	22
imagem 2	Heucy Miranda, Ziraldo, João B. e Paulo Abreu.....	23
imagem 3	Revista PERERÊ.....	24
imagem 4	Anúncio revista <i>O Cruzeiro</i> .....	25
imagem 5	Cartazes.....	26
imagem 6	Zélio, Ziralzi e Ziraldo.....	27
imagem 7	Escola de Samba.....	31
imagem 8	Ziraldo, 1982.....	31
imagem 9	Capa e contra-capas Flicts, 1970.....	33
imagem 10	Flicts, 16ª edição, 1984.....	41
imagem 11	Augusto de Campos.....	48
imagem 12	Lygia Pape.....	49
imagem 13	Revista MANCHETE, Edição Histórica.....	50
imagem 14	Os conquistadores da lua.....	50
imagem 15	O Menino da Lua e Capa do disco FLICTS.....	51
imagem 16	Capa de FLICTS, 52ª edição, 2005.....	55
imagem 17	Capa de FLICTS, 2ª edição, 1970.....	55
imagem 18	Capas de Flicts.....	56

imagem 19	FLICTS, 52 <sup>a</sup> edição, p.5.....	56
imagem 20	FLICTS, 52 <sup>a</sup> edição, p. 6 e 7.....	58
imagem 21	FLICTS, 52 <sup>a</sup> edição, p. 8 e 9.....	59
imagem 22	FLICTS, 52 <sup>a</sup> edição, p. 10 e 11.....	60
imagem 23	FLICTS, 2 <sup>a</sup> edição, p. 16 e 17.....	61
imagem 24	FLICTS, 52 <sup>a</sup> edição, p.12 e 13 .....	62
imagem 25	FLICTS, 2 <sup>a</sup> edição, p. 18,19, 20 e 21.....	62
imagem 26	FLICTS, 52 <sup>a</sup> edição, p.14 e 15.....	64
imagem 27	FLICTS, 2 <sup>a</sup> edição, p. 22.23.24 e 25 .....	64
imagem 28	FLICTS, 52 <sup>a</sup> edição, p. 16 e 17.....	65
imagem 29	FLICTS, 52 <sup>a</sup> edição, p. 18 e 19.....	66
imagem 30	FLICTS, 52 <sup>a</sup> edição, p. 20 e 21.....	67
imagem 31	FLICTS, 2 <sup>a</sup> edição, p. 30, 31, 32 e 33.....	67
imagem 32	FLICTS, 52 <sup>a</sup> edição, p.22 e 23.....	68
imagem 33	FLICTS, 2 <sup>a</sup> edição p. 34, 35, 36, 37, 38 e 39.....	68
imagem 34	A roda, 2005.....	69
imagem 35	A roda, 1970.....	69
imagem 36	FLICTS, 52 <sup>a</sup> edição, p. 24 e 25.....	70
imagem 37	FLICTS, 2 <sup>a</sup> edição, p. 40, 41, 42 e 43.....	71

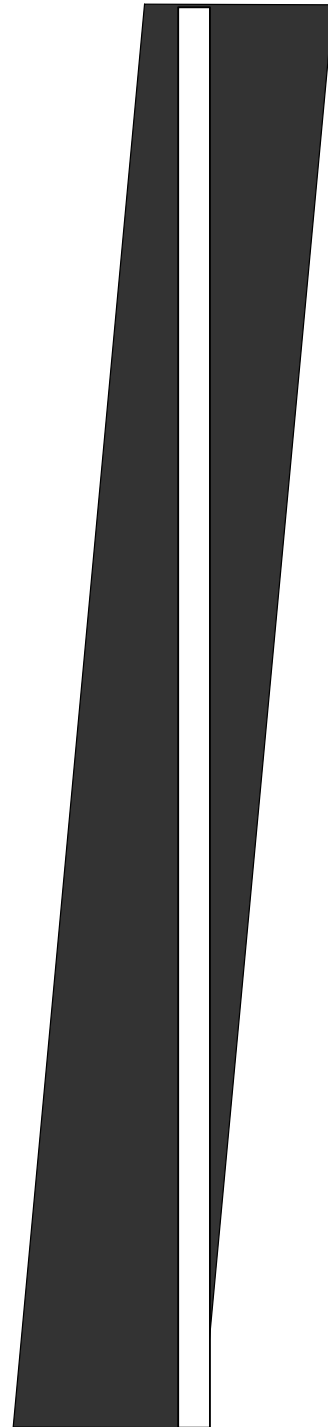
imagem 38 FLICTS, 2ª edição – Bandeira da Inglaterra.....	72
imagem 39 A Fábula das três cores .....	75
imagem 40 FLICTS, 52ª edição, p. 26 e 27 .....	76
imagem 41 FLICTS, 2ª edição, p.40, 41, 42 e 43 .....	76
imagem 42 FLICTS, 52ª edição, p. 28 e 29 .....	77
imagem 43 FLICTS, 2ª edição, p. 46, 47, 48 e 49.....	77
imagem 44 FLICTS, 52ª edição, p. 30 e 31.....	78
imagem 45 FLICTS, 2ª edição, p. 50, 51, 52 e 53.....	78
imagem 46 FLICTS, 52ª edição, p. 32 e 33.....	79
imagem 47 FLICTS, 2ª edição, p. 54, 55, 56 e 57.....	79
imagem 48 FLICTS, 52ª edição, p. 34 e 35.....	80
imagem 49 FLICTS, 2ª edição, p. 58, 59, 60 e 61.....	80
imagem 50 FLICTS, 52ª edição, p. 36 e 37.....	81
imagem 51 FLICTS, 52ª edição, p. 38 e 39.....	82
imagem 52 FLICTS, 2ª edição, p. 64, 65, 66 e 67.....	82
imagem 53 FLICTS, 52ª edição, p. 40, 41, 42, 43, 44 e 45.....	83
imagem 54 FLICTS, 52ª edição, p. 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74 e 75.....	83
imagem 55 FLICTS, 52ª edição, p. 46 e 47.....	84
imagem 56 O pôr-da-terra.....	85

imagem 57 Os astronautas.....	85
imagem 58 The moon is Flicts.....	86
imagem 59 Desenho por Isabela.....	110
imagem 60 Desenho por Jaqueline.....	110
imagem 61 Desenho por Gabriela .....	111
imagem 62 Desenho por Paloma.....	111
imagem 63 Desenho por Angélica.....	112
imagem 64 Desenho por Rosana.....	112
imagem 65 Desenho por Adriana.....	113
imagem 66 Bilhete 1.....	113
imagem 67 Bilhete 2.....	113
imagem 68 Desenho por Carlos.....	114
imagem 69 Desenho por Carlos.....	114
imagem 70 CD-ROM Flicts.....	115
imagem 71 CD-ROM Flicts.....	116
imagem 72 CD-ROM Flicts.....	117
imagem 73 CD-ROM Flicts.....	118
imagem 74 Bandeiras.....	119

## SUMÁRIO

RESUMO.....	06
ABSTRACT.....	07
LISTA DE IMAGENS.....	08
INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1.....	21
Ziraldo.....	22
Infância.....	27
<i>Flicts</i> 1969.....	32
Trajetória da obra <i>Flicts</i> .....	35
Década de 70.....	39
Década de 80.....	41
Década de 90.....	43
2000.....	44
CAPÍTULO 2.....	45
<i>Flicts</i> , livro de artista.....	46
Conhecendo <i>Flicts</i> .....	50
Percebendo <i>Flicts</i> .....	54
A Fábula das Três cores.....	73
CAPÍTULO 3.....	87
Leitor, livro e leitura.....	88
A cultura da leitura.....	89
A narrativa visual nos livros infantis.....	94
Na escola com <i>Flicts</i> e as crianças.....	99
Sessão leitura.....	103
Oficina de desenhos.....	110

<i>Flics</i> multimídia.....	115
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>121</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>124</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>128</b>



“Toda Percepção é pensamento; Todo raciocínio é também intuição; Toda observação é também invenção”.  
Rudolf Arnheim

## INTRODUÇÃO

Imagine um livro, a capa, suas folhas, cores, imagens, seu peso e tamanho, o cheirinho de tinta fresca, a gramatura do papel. Posso dizer com convicção que tenho grande carinho pelos livros, mas minha verdadeira paixão sempre foi voltada para os volumes, seus cadernos costurados, guardas coloridas, seu peso e volume, o cheiro das páginas impressas, as ilustrações junto aos textos, os tipos de encadernações, as folhas amareladas, ou mesmo as anotações feitas durante uma leitura interessante, o nome do seu dono escrito à caneta na primeira página do livro, juntamente com a data em que o adquiriu e se for um presente sempre há espaço para uma amigável dedicatória.

São estas as circunstâncias que me levaram a crer que o livro é um objeto. Seu conteúdo, a obra literária, esta pertence ao seu autor. O livro é de artistas, artesãos e fruidores, um objeto para reflexão.

Os livros-objetos não se prendem a padrões de forma ou funcionalidade, extrapolam o conceito *livro* rompendo as fronteiras que comumente são atribuídas aos livros de leitura para se assumirem como objeto de arte. São objetos de percepção. Normalmente são obras raras, únicas ou com tiragem reduzida, representando talvez a evolução do livro.

Quanto aos livros infantis da nova geração, esses procuram introduzir a terceira dimensão em suas páginas, livros que se desdobram e surpreendem o leitor com verdadeiras arquiteturas de papel, despertando a imaginação da criança, transformado num brinquedo e simplesmente ao dobrar-se novamente,



volta a ser uma página comum, assim como, uma mágica. Nesta brincadeira de ir e vir o livro torna-se um grande companheiro de aventuras, sonhos e desafios. Neste mercado encontram-se disponíveis também, os livros-brinquedos, livros-de-banho, livros-de-pano, livros-teatro, alguns trazendo a narrativa visual como proposta de leitura e outros que conduzem a leitura com narrativas verbais e visuais.

Pesquisando sobre o assunto livro-objeto, imagem e literatura infantil tive o prazer de conhecer o livro *Flicts* de Ziraldo, 1969, trabalho que inovou profundamente a literatura infantil brasileira ao propor uma diagramação sugestiva, com imagens e formas de encher os olhos. Pude conhecer uma nova relação entre texto e imagem, e também sobre o autor como construtor de um projeto gráfico narrativo.

Sem o uso de configuração naturalista, Ziraldo narra os problemas de uma cor deslocada do espectro do nosso imaginário. *Flicts* é uma cor que não está na caixa de lápis de cor, não está nas bandeiras dos países e não está no arco-íris. Seu primeiro exemplar foi lançado em 1969, pela editora Expressão e Cultura. Ele ficava um pouco deslocado no setor de livros infantis, aparecendo como uma obra diferenciada para sua época, fruto de um trabalhador gráfico moderno.

Sendo uma obra de Ziraldo, o fato que mais nos chama atenção é a naturalidade com que ele configura a criança e a permissividade, para ser feliz no presente da infância, explicitando a habilidade com que o autor trata a condição existencial desses seres, a sua trajetória de aprendizagem, a sua

busca, a iniciação e a passagem para as novas etapas de vida e as condições de tal experiência.

*Flicts* foi exposto na 1ª Exposição Nacional de Livro de Artista, em 1983, em Pernambuco. As cores, formas e movimentos narram visualmente o percurso do feio e aflito *Flicts*.

Acompanhando as edições que a cada ano aumentam, hoje, em 2006, o livro *Flicts* chega a 57ª edição, publicado pela editora Melhoramentos. Foi possível observar muitas modificados da estrutura inicial do projeto gráfico de Ziraldo. É clara a diferença que há de uma edição para outra, sabemos que a natureza empresarial do livro mostra situações em que, o acesso aos elementos da linguagem visual, enquanto arte, muitas vezes se torna reduzido, em função das limitações econômicas, exigindo a modificação do projeto inicial apresentado pelo autor/artista.

Este procedimento é justificável pela editora Melhoramentos, já que ela tenta baratear os custos gráficos para dar maior acesso ao livro pelo público leitor. Entretanto, estas modificações alteraram o projeto inicial do livro, mas não comprometeram a leitura, pois tanto sua narrativa visual como a verbal foram mantidas e somente a dimensão de cada uma delas é que foi reduzida, bem como a encadernação.

Em termos de qualidade estética, literária e editorial, a produção de livros infantis é uma realidade crescente, sendo assim, esta pesquisa destina-se a analisar o livro *Flicts* de 1969 a 2006, no processo das reedições pela editora Expressão e Cultura, 2ª edição, 1970, comparativamente à edição 57ª, Editora

Melhoramentos, 2005. Suas alterações e restrições sofridas durante os anos, bem como, a leitura perceptual da obra por crianças, que encontram-se na fase identificadora da aprendizagem e consolidação da linguagem, ou seja, crianças de oito anos de idade.

Pretendo investigar e tenho como metas:

- Buscar a biografia do autor/artista Ziraldo Alves Pinto para investigar o seu percurso histórico;
- Verificar por meio das reedições de Flicts, 1969 a 2006, suas principais mudanças a partir do projeto gráfico inicial, analisando principalmente sua concepção visual;
- Pretendo verificar como ocorre a compreensão da narrativa visual por crianças de oito anos de idade, quando evolutivamente é priorizado para a criança o uso de alguns sentidos que lhe trazem maior dificuldade e que exigem maior abstração perante a obra;
- Pretendo também, identificar em que fase evolutiva perceptual a criança se encontra para realizar a leitura e as suas reações durante a leitura;

Para alicerçar esta pesquisa usarei como referências teóricas as análises de leituras e estudos sobre a investigação perceptual do objeto artístico, os trabalhos de Rudolf Arnheim nos estudos gestálticos da imagem; Jean Piaget nos estudos sobre a psicologia infantil e desenvolvimento psíquico da criança, as obras de L.S. Vigotski na afirmação da utilidade dos sistemas simbólicos para mediar as relações do indivíduo com o mundo e a linguagem como mecanismo

pelo qual os indivíduos se intercomunicam, abstraindo e generalizando o pensamento; Walter Benjamim com suas reflexões que abordam assuntos sobre o aprender brincando, o escrever que nasce do desenhar e ao mesmo tempo põe em evidência a afinidade entre os signos imagéticos-gráficos e as próprias coisas do mundo infantil.

Esta é uma pesquisa qualitativa - descritiva que me permite analisar e correlacionar dados como meio facilitador do encontro de crianças de oito anos de idade com o imaginário literário, no momento da leitura do livro *Flicts*.

Nestes estudos descritivos uso os elementos alicerçados na observação no momento de leitura e percepção das narrativas verbais e narrativas visuais, principalmente porque, o objeto de estudo não contém imagens figurativas.

As observações realizadas no momento de leitura de *Flicts* e a participação das crianças nas oficinas de histórias contadas e oficinas práticas de artes plásticas, serão fundamentadas na percepção gestáltica, cujos caminhos sistêmicos e os elementos visuais sensibilizaram e motivaram a leitura e percepção visual das crianças.

As leituras observadas serão realizadas com crianças matriculadas em escola de ensino fundamental ciclo I, do bairro da Água Branca, SP, capital, por meio de:

- Leitura, percepção e fruição observadas em leitura individual com o livro em papel.

- Leitura do livro em papel, sua percepção e fruição observadas num processo de mediação por um arte-educador seguida de oficina de arte.
- Leitura, percepção e fruição observadas por meio do cd-room onde a história de *Flicts* é sonorizada e animada.

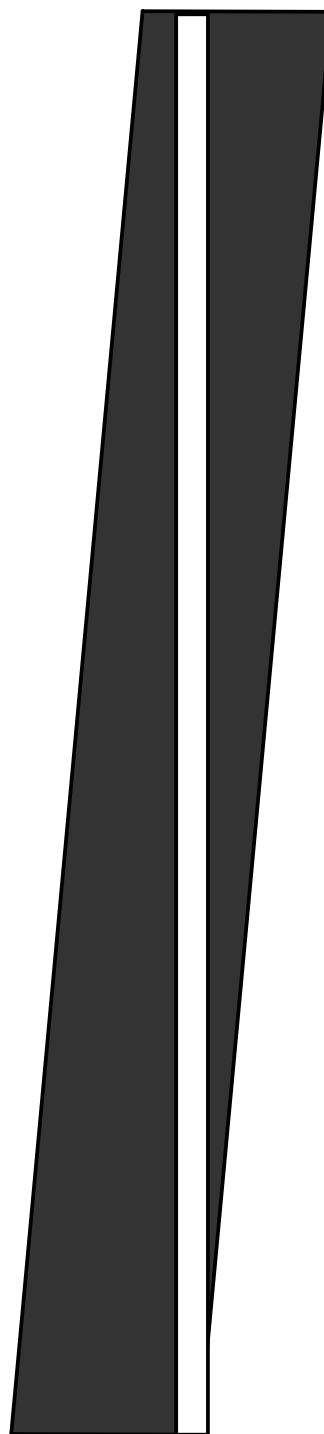
A investigação a partir da entrevista com o editor de arte da Editora Melhoramentos, cataloga as mudanças nas edições do livro *Flicts* nos últimos 36 anos, e principalmente, nos dá a informação do porque de tais mudanças ocorreram, e se as mesmas implicaram diretamente na percepção visual do leitor. Em seguida entrevisto o autor/artista para investigar:

- Como foi o processo de criação de *Flicts*;
- Sobre a ausência da bandeira brasileira em *Flicts*, 1969;
- A criação do livro: *A Fábula das três cores*, 1985;
- As mudanças causadas pelas reimpressões de *Flicts*.

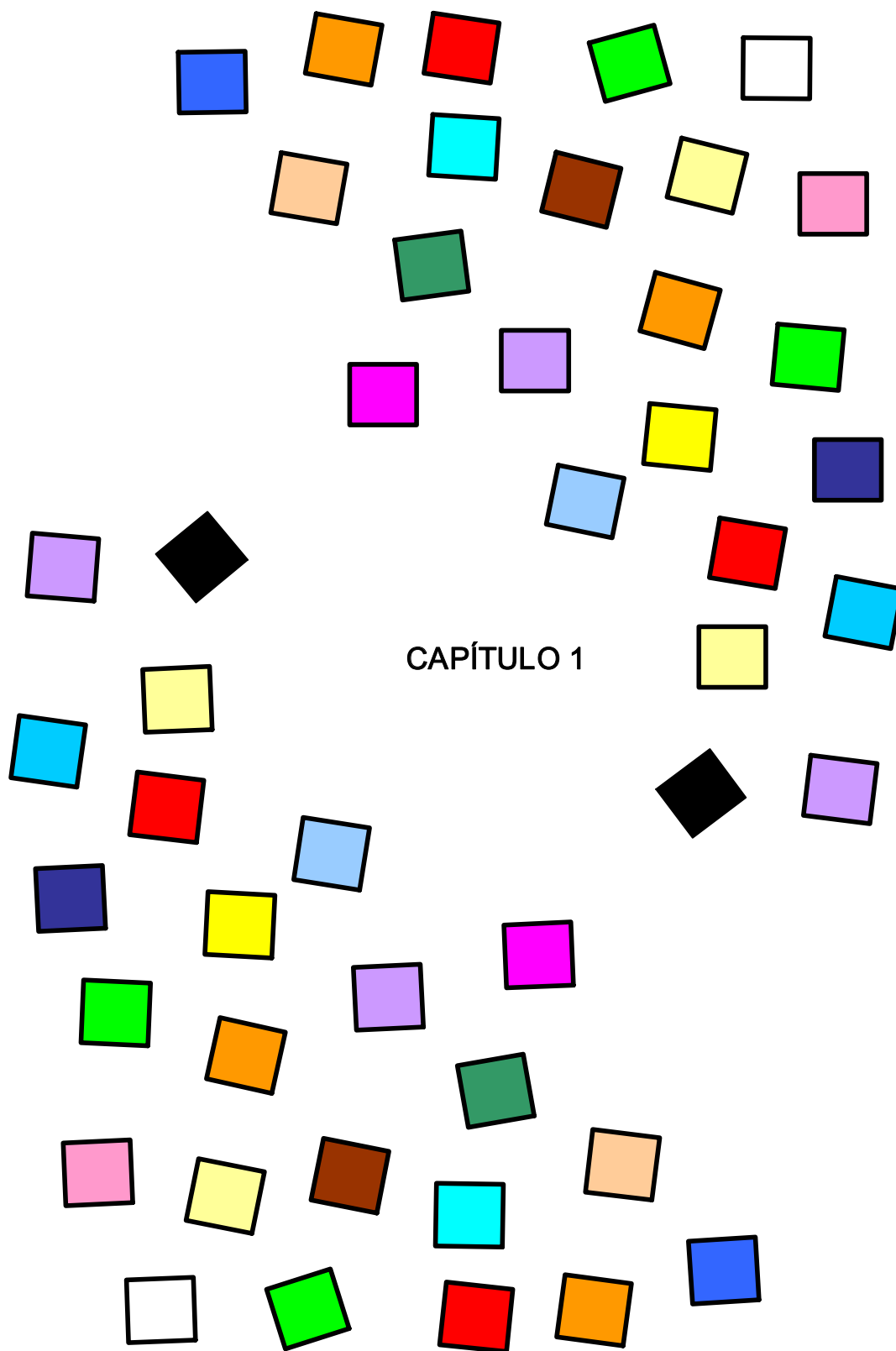
Com o objeto livro *Flicts*, editado de 1969 a 2006 realizarei o registro e análises dos elementos visuais utilizados para a conceitualização da obra, fundamentados nos conceitos da percepção visual de Rudolf Arnheim, cujos aspectos, elementos e conceitos artísticos são adotados a cada página do livro e como estes foram relacionados com a narrativa verbal, conduzindo o leitor para a fruição e mergulho no imaginário.

Esta Dissertação será apresentada em três capítulos, sendo o primeiro sobre Ziraldo, sua trajetória como autor/artista, o criador da obra estudada; o segundo para apresentação e

análise da obra propriamente dita *Flicts*, no seu projeto gráfico original e as reedições modificadas ao longo do tempo, como a palavra e a imagem constroem a significação da obra, e sobre a abstração das formas naturais e sua geometrização, resultando uma simplificação num nível profundo de caracterização do mundo não figurativo, mas figural; e o terceiro destinado ao registro da percepção do percurso do leitor figurativizado pela obra, o seu primeiro contato, e a reflexão do desenvolvimento das crianças em oficinas de criatividade, assim como seus registros das diversas formas de leituras.



“Toda Percepção é pensamento; Todo raciocínio é também intuição; Toda observação é também invenção”.  
Rudolf Arnheim



CAPÍTULO 1



## ZIRALDO

---

Para falar sobre Ziraldo, a sua personalidade inquieta, sua entrega incansável ao que faz e sobre sua obra, que encanta tantos leitores de várias gerações, acredito que seja necessário encontrar uma palavra repleta de matizes surpreendentes da sua história e de sua arte. *Versatilidade* foi a palavra escolhida, devido à natureza de sua linguagem portadora de um senso mágico e lúdico do seu universo criativo.

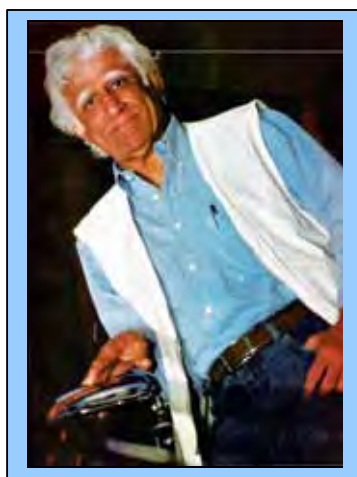


imagem 1 - Ziraldo Alves Pinto<sup>1</sup>.

Percorrendo anos do seu trabalho intelectual e artístico, identifiquei um artista sempre rejuvenecido, sempre disponível para começar, numa ebulição de idéias e sonhos guiados por um ritmo interior efervescente de criatividade.

Versátil na personalidade e no estilo, Ziraldo não se dá pausas, alimentando-se do novo, dando realidade aos seus projetos. Conciliando várias

---

<sup>1</sup> Revista Língua Portuguesa, Ed. Segmento, ano I nº 6 / 2006, p.13.

frentes de trabalho na imprensa, como chargista, caricaturista, articulista, idealizador e editor de jornal, na publicidade, na área editorial de livros, como ilustrador de outros escritores, entre outras atividades.

Irônico, ágil, incansável, o desenhista de humor, advogado, jornalista e autor teatral, Ziraldo Alves Pinto vê-se como um jovem que não se deixa dominar pela passagem do tempo. Sua obra múltipla e de contínua criatividade é indissociável da sua personalidade, onde o humor crítico provoca gargalhadas sem diminuir a seriedade dos problemas levantados.



imagem 2 – Equipe que criou a “*Turma do Pererê*” na primeira fase, 1960.

Da esquerda para a direita: Helcy Miranda, Ziraldo, João Barbosa e Paulo Abreu<sup>2</sup>.

Ziraldo tornou-se um desenhista humorístico conhecido do público brasileiro no decorrer da década de 1960, quando começaram a aparecer seus cartuns e charges políticas na revista *O Cruzeiro* e no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro.

---

<sup>2</sup> ZIRALDO. Galeria de Fotos. **Quadrinhos e Autógrafos**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em : <http://www.ziraldo.com/lhistoria/perere.htm>. Acesso em: 13 jul. 2005.

Personagens como Jeremias, o Bom, a Supermãe e o Mineirinho são popularmente conhecidas, a figura do seu autor é ligada imediatamente à caricatura política brasileira, em especial pela sua colaboração no *Jornal do Brasil* e em *O Pasquim* do qual foi um dos diretores.



imagem 3 – “Revista Pererê”, janeiro de 1961<sup>3</sup>.

Como desenhista de humor e cartazista, Ziraldo obtém reconhecimento internacional a partir de 1968, quando suas produções foram publicadas na revista suíça *Graphis*, uma espécie de panthéon das artes gráficas. Ganhou nesse ano o Oscar Internacional de Humor no 32º Salão de Humor Internacional de Caricaturas de Bruxelas. Seus trabalhos têm sido publicados em importantes revistas internacionais, como *Penthouse* e *Private Eye* (Inglaterra), *Plexus* e *Planète* (França) e *MAD* (Estados Unidos).

É igualmente do início da década de 60 o aparecimento do *Pererê*, um dos primeiros volumes de história em quadrinhos, em cores, exclusivamente

---

<sup>3</sup> ZIRALDO. Galeria de Fotos. **Quadrinhos**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.ziraldo.com/historia/perere.htm>> Acesso em: 13 jul. 2005.

brasileiro. As histórias em quadrinhos da série: *O Pererê*, publicadas em revista pela Editora *O Cruzeiro*, de 1960 a 1964, trazem a identificação cultural brasileira, elas ressurgem na década de 70 e depois na de 90. Em 2002, as personagens voltam em publicações da Editora Moderna, com novas histórias, como as narra na *Turma do Pererê*, iniciado com o volume 1, seguido em 2003, pelo volume 2.



imagem 4 – Anúncio de 1960, na revista *O Cruzeiro*, sobre o lançamento da revista da *Turma do Pererê*, um dos grandes sucessos de Ziraldo<sup>4</sup>.

É também nesse campo, associando texto ao desenho, que Ziraldo vai apresentar produções criativas e de grande sucesso editorial. Seu principal livro foi *Flicts*, que mereceu tradução para o italiano, inglês, francês, dinamarquês, espanhol e esperanto, além de dar origem a peças de teatro infantil. Foi sucesso absoluto de público em todo o Brasil, encenado por diversos grupos teatrais.

O meu objeto nesta pesquisa está inserido no campo literário contemporâneo e posso afirmar que a concepção de *Flicts*, que Ziraldo

---

<sup>4</sup> FORTUNATO, Sandro. Vovô Maluquinho. Memória Viva, Rio de Janeiro, set. 2004. Seção Hoje. Disponível em : <http://www.memoriaviva.digi.com.br/hoje/ziraldo.htm>. Acesso em: 13 jul. 2005.

arquitetou, não só reitera a singularidade desse estilo, inconfundível em termos de conjunto de sua obra literária, como projeta a atualidade do artista em consonância com o seu tempo e a cultura do seu país.

Sob a interpretação de outro artista gráfico, que acompanhou as experiências profissionais de Ziraldo, a sua personalidade criadora e versátil é assim compreendida: *“Vejo nessa versatilidade o aspecto novo-mundista fundamental que deve caracterizar a obra e a vida de um artista brasileiro do nosso tempo.”* (PINTO,1988:14).



imagem 5 – Cartazes criados por Ziraldo:  
ECOLOGIA, PAZ e CIGARROS, respectivamente<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> ZIRALDO. Livros e Obras. **Cartazes**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em : <http://www.ziraldo.com.br/livros/cartaz.htm>. Acesso em: 13 jul. 2005.

## Infância

---

Vivendo sua infância em Caratinga, MG, onde nasceu em 24 de outubro de 1932, Ziraldo é o filho mais velho de uma família de sete irmãos. Seu nome vem da combinação dos nomes de sua mãe, Zizinha com o de seu pai Geraldo que somados compõem Zi-raldo, o nome do artista. Ele passou sua infância em Caratinga, onde cursou o Grupo Escolar Princesa Isabel.



Imagem 6 – Da esquerda para a direita: Zélio, Ziralzi e Ziraldo, 1943<sup>6</sup>.

Em 1949 foi com o avô para o Rio de Janeiro, onde cursou dois anos no MABE (Moderna Associação de Ensino). Em 1950 voltou para Caratinga para fazer Tiro de Guerra. Terminou o científico no Colégio Nossa Senhora das Graças na sua cidade natal. Formou-se em Direito na Faculdade de Direito de Minas Gerais em Belo Horizonte, em 1957.

Ziraldo tem verdadeira paixão pelo desenho desde a mais tenra idade. Desenhava em todos os lugares, na calçada, nas paredes, na sala de aula. Outra de suas paixões desde a infância era a leitura, lia tudo que lhe caía às

---

<sup>6</sup> ZIRALDO - Galeria de fotos. **Família**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.ziraldo.com/historia/familia.htm>. Acesso em: 13 jul. 2005.

mãos: Monteiro Lobato, Viriato Correa, Clemente Luz, e todas as revistas em quadrinhos da época. Recebia informações, dentro dos limites da província, através do rádio, do cinema e de história em quadrinhos, ele se refere aos desenhos iniciais, cuja criação reflete informação disponibilizada por aqueles três meios: “Com essas três peças de um puzzle impossível, eu tinha que construir meu sonho.” (PINTO, 1988:49).

O caráter profissional do seu trabalho começa a se delinear na revista *Malho*, onde aos 16 anos faz ilustrações e também na *Folha de Minas*, onde inicia uma página de humor em 1954, entre outros. Sua expressão se fortalece a partir da década de 60, ganhando expansão e aprimoramento. É nítido que a sua profissionalização diversifica-se e complementa-se, já no ponto de partida das experiências do ilustrador, caricaturista, cartazista e publicitário.

A peculiaridade da influência de signos na sua produção vai encontrando soluções e efeitos originais para a linguagem de dimensão gráfico-visual ou verbo-visual, típica dos cartuns, das histórias em quadrinhos e dos livros infantis, que efetivarão o mais rico enfeixamento de significações. O artista gráfico e o escritor vão entendendo-se muito bem em outras criações, como na síntese criativa de *Marcas nada patentes* da editora Salamandra, em 1988 e nos projetos editoriais das revistas *Palavra e Bundas* nos últimos anos da década de 90.

O traço de Ziraldo é amadurecido e inconfundível, atingindo uma circulação cada vez maior no plano nacional, no continente americano e na Europa. Com o poder subversivo mantém-se através de charges na imprensa

nacional, durante o regime militar. Em 1969, juntamente com outros intelectuais, o artista leva adiante o jornal de resistência política *Pasquim*, produzindo histórias da personagem: *The Supermãe*. O jornal *Estado de Minas* reeditou a personagem em 1996 no livro: *The Supermãe*. O artista publicou ainda, os livros: *Dez em humor; Jeremias, o Bom;* e *Flicts* na sua 1ª e 2ª edições pela Editora Expressão e Cultura em 1969. Nesta época *Flicts* media 28 x 21,5 cm. As reedições posteriores ficaram sob a responsabilidade das: editora Primor em 1978, medindo 23 x 22,5 cm e Melhoramentos, em 1984, medindo 26 x 20,5 cm.

Reconhecido pela crítica, com publicações e prêmios nacionais e internacionais Ziraldo ganha o *Oscar Internacional de Humor* em Bruxelas no ano de 1969 e com a admiração de muitos leitores, vai abrindo caminhos nas artes visuais, nos quadrinhos, na literatura infantil, no humor e para novos artistas e intelectuais.

Quanto aos quadrinhos, as afinidades antigas de Ziraldo estão presentes em seu trabalho na forma de influências assimiladas e recriadas. Histórias desse estilo já haviam sido publicadas em 1949, em revistas infantis.

Experimentando possibilidades da arte nova, Ziraldo conjuga gêneros, renova e inventa histórias em quadrinhos genuinamente brasileiras, constrói o seu sonho com a pluralidade de uma linguagem sem fronteiras. No prefácio do livro *Ziraldo 40/55 - itinerário de um artista gráfico*, Millôr Fernandes faz uma avaliação do seu contemporâneo, cuja arte ele viu amadurecer:



“Olho o livro, desde os desenhos juvenis até os de fama internacional em recursos plásticos é impossível usar um idioma que o Ziraldo não fale. Habita o mundo de todos esses loucos – Scarfe, Steadman, François, Gorey, Steinberg – expoentes de uma arte amadurecida no século, e, como eles, se apropriam de todo o acervo visual, popular erudito, da cidade e do mundo – lugares-comuns, conceitos formados, verdades estabelecidas, idéias feitas – argamassadas para uma semiótica moderna desvairada, sinais dos tempos, fantasias – muita cor.” (FERNANDES, 1988:11).

Para quem é familiar à produção de Ziraldo não é difícil constatar a peculiaridade de seu perfil. Fazendo um retrocesso na trajetória do artista encontramos realmente uma somatória de experiências acumuladas na área artística e cultural, emergindo na arte dos seus livros com o caráter de síntese criativa. Na diversidade condensada no objeto livro, fruto de uma curiosa interação entre a multiplicidade e a síntese, reside o traço diferencial da personalidade do autor. Como Ziraldo tem transitado por diferentes formas de expressão – linguagem visual, teatral, gráfica, verbal e algumas se mesclando em cartuns, cartazes, caricaturas, histórias em quadrinho, piadas, como ele conhece os bastidores da linguagem da propaganda, da mídia (jornal, revista, televisão), do cinema, do desenho, da pintura, dominando visões técnicas e espaços, formatos, planos, tirando proveito da concomitância dos signos na concepção dos seus livros. A sua produção tem se apresentado com excessiva qualificação.

Em 2003 a história de criação de Ziraldo ganhou significativa repercussão popular. Através do tema: “É melhor ler... O mundo colorido de um maluco genial”, a escola de samba “Nenê de Vila Matilde”, de São Paulo, cantou e dançou no carnaval com uma beleza colorida, inteiramente inspirada no artista,

cuja vida e obra somam militância política, educativa, cultural e artística.



imagem 7 – Ziraldo e as passistas da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde, 2003<sup>7</sup>.

Estiveram desfilando, ou presentes através de alegorias de carros alegóricos, personagens como a *Professora Maluquinha*, o *Menino Maluquinho*, *Flicts*, o *Pererê*, a *Boneca de pano*, a *menina Nina*. O desenrolar do enredo enfatizou o saber através da leitura, com alas de destaque para as letras, obras literárias do autor, o jornal *Pasquim*, para professores e estudantes.



Imagem 8 – Ziraldo, 1982<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> XAVIER, Jesuan. **Carnaval 2003**, São Paulo, Rio de Janeiro, mar. 2003. Disponível em : <[http://www.ibonline.terra.com.br/destaques/carnaval2003/sp\\_materia\\_0103Consolidade.htm](http://www.ibonline.terra.com.br/destaques/carnaval2003/sp_materia_0103Consolidade.htm)>. Acesso em: 13 jul. 2005.

<sup>8</sup> Ziraldo / seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico e exercícios por Samira Youssef Campedelli, Benjamin Abdala Jr. – São Paulo: Abril Educação, 1982, capa.

## Flicts – 1969

---

A partir de *Flicts* o livro infantil brasileiro avança em termos de experimentação; redimensiona-se a concepção gráfica desse objeto e também a leitura. Torna-se necessário atualizarem-se os instrumentos de recepção do leitor, que deve passar da percepção fragmentária (que separa texto verbal e imagens em leituras independentes, justapostas), linear (que lê apenas em linha reta horizontal, em andamento sucessivo) e predominantemente linguística (supremacia da palavra para a construção dos significados) a um olhar semiótico (aberto à interposição de códigos, ao acasalamento de signos, geradores da leitura em mais de uma direção).

A linguagem da arte é comprometida com a renovação, sendo que na dianteira daqueles que assumem mudanças estão os criadores de formas estéticas, escritores, pintores, desenhistas, artistas gráficos, músicos, entre outros, que tem alcance muitas vezes visionário. Antecipando-se ao censo comum, introduzem a inovação, subvertendo regras desgastadas, detonando modelos envelhecidos. O objeto de nossa pesquisa está inserido no campo literário contemporâneo, este, revoluciona ao exercer a criatividade, e ganha potência, isto é, densidade estética pelos caminhos de experimentação renovadora.

As interpretações que *Flicts* suscita entre jornalistas, articulistas, escritores – Carlos Drummond de Andrade, Millôr Fernandes, Raquel de Queiroz, Dom Marcos Barbosa, Jayme Maurício, Lago Burnett, Norma Pereira Rego, entre outros é muito interessante, pois proporciona uma abertura do

lirismo à poesia e ao humor; outros a comparam como fábula à obra *O pequeno príncipe*, ao conto clássico *O patinho feio*, ou reconhecem até semelhanças com o gênero policial; outros ainda, evidenciam o caráter lunar da personagem e da sua *viagem astronáutica* às modernas conquistas do homem no espaço; conotações místicas também são dadas e, ainda sociais, ligadas à exclusão.



imagem 9 – Flicts 2ªedição – Ed. Expressão e Cultura, 1970.  
Capa e contra-capa respectivamente.

Nas próprias palavras de Ziraldo encontramos razões histórico-culturais que atuaram na sua consciência profissional. De uma entrevista retiramos o trecho que justifica a causa que teve influência na pluralidade do seu perfil artístico:

“A minha geração pegou muitos espaços vagos, muito lugar para ser preenchido, um país muito jovem. Aí, você podia querer ser tudo. Havia mais espaço. Agora está mais difícil. Vejam vocês que agora tudo começa coletivamente, as criações iniciais são sempre de grupos, em quase tudo. Fenômeno que permitiu o aparecimento da famosa “carreira solo”. No meu tempo a gente começava “solo” mesmo e queria ser vários solos.” (ZACUR, s.d.: 5).

Em contraponto à justificativa de Ziraldo, acrescento um comentário que

dá outros ângulos sobre a pluralidade na obra do autor:

“Ziraldo é um artista de bom calibre porque é capaz de criar um mundo particular por meio de suas obras. O seu Brasil não é o país atual, mas dos anos 50 para trás, mais otimista, mais solidário, menos perigoso e muito mais inocente. (...) A obra de Ziraldo não valoriza o saber nem os valores cosmopolitas, sem pátria e sem raízes, da aldeia global, mas a cultura tradicional, de um mundo anterior à televisão – onde o que é importante se aprende com os pais, ou, melhor ainda, com os avós.” (CAMAROTTI, 1996: 157).

Esta parte reserva um levantamento de fontes que documentam notícias, comentários, pareceres, análises, à primeira obra infantil e juvenil de Ziraldo. Além de dicionários, revistas, periódicos especializados no gênero, consultei também jornais e revistas de circulação na imprensa de 1969.

O material foi organizado separando o que circulou no ano de 1969, na imprensa escrita dentro do limite de 15 de agosto, primeira notícia veiculada na imprensa do Rio de Janeiro, no *Jornal do Brasil*, anunciado o lançamento de *Flicts* em 18 do mesmo mês a 16 de dezembro. Em seguida foram relacionados os anos seguintes por décadas, e encerrei o balanço com o ano de 2006.

**- O ano de lançamento de *Flicts*: de 15 de agosto a 16 de dezembro de 1969.**

Início com a opinião que fechou o círculo de notas, opiniões, crônicas, manifestações, enfim, sobre o livro de Ziraldo, reproduzindo um recorte, retirado da matéria intitulada “ Jeremias, o bom; Ziraldo, o ótimo”, publicada em dezembro:

“Quando se fizer um balanço literário de 69 ter-se-á de dar o maior destaque ao *Flicts*, de Ziraldo. Simplesmente por isso: o mais belo livro da temporada – o mais belo como concepção literária e artística, como realização plástica, como criação e objeto. Uma obra que, parecendo ser destinada a crianças, é, na realidade, boa para andar nas mãos de adultos inteligentes.” (CAVALCANTI, 1969:12).

A imprensa escrita, sobretudo no Rio de Janeiro, veiculou mais de cem matérias, entre notas sobre o lançamento e comentários sobre o livro em pauta. Em várias delas há referências ao trabalho gráfico inovador. Selecionei trechos

de algumas dessas matérias, que enfatizam essa inovação, que se deve à competência artística de Ziraldo, e também pela atitude e sensibilidade de um editor brasileiro em conjunto com o empenho técnico de profissionais gráficos:

“Por toda redação pela qual passava, Ziraldo deixava a marca de sua genialidade criativa, o traço de reformador gráfico, de injetor de vitalidade, através de novas soluções redacionais. Onde estava Ziraldo havia, pelo menos, a perspectiva de se estar fazendo coisa séria! E, numa correspondência a esta confiança, apareceu FLICTS (...)

Numa época onde o audiovisual, dentro da profundidade dos estudos de comunicação (agora entendida como a ciência dos contatos humanos), divididos entre vários setores, entre os quais o visual, o livro de Ziraldo é um poema concreto, pelo adorno em tecnicolor.

Sob um outro aspecto, pode ser considerado como o pólo de abertura da sensibilidade de quem o ler, ou mesmo de um acordamento, se esta sensibilidade houver sido bloqueada. Nesse sentido, transforma-se num livro de mais de um público, consumível por várias gerações, numa aceitabilidade ímpar em todas elas, que por si só lhe dá uma dimensão de obra rara e definitiva” (CRUZ, 1969).

“Já que estamos na maré de boas novas, falemos de FLICTS, presente de ZIRALDO ao tão sofrido bom gosto de todos nós. Imaginação, inteligência, poesia e técnica, aves raras neste descampado agreste, deram as mãos, foram brincar, e encontraram os nossos pobres minutos. Belo trabalho das Artes Gráficas Gomes de Souza S.A. O Brasil melhora, é pena que insoladadamente, e há muita água para pouca ilha. Vivemos as alegrias modestas de um ou outro brilho isolado, sem que um clarão global venha liquidar a noite densa. Há os que acreditam no Brasil e lutam por vê-lo melhor. A própria Gomes de Sousa, que citamos acima, acaba de importar dos Estados Unidos, por 400 mil dólares, computador eletrônico responsável por moderno método de composição em chumbo ou em filmes fotográficos. Tudo isso é arrojo, pioneirismo, audácia. Ingredientes de um Brasil maior” (CRUZ, 1969).

“FLICTS é, além de tudo, uma obra inteiramente nova na História das Artes Gráficas Brasileiras, pela quantidade do material, pela integração de uma equipe, pelo vôo inteligente de um editor. Nos dá uma idéia de maturidade e de possibilidade de competição com qualquer grande mercado livreiro do mundo. Espero apenas que o trabalho da Expressão e Cultura seja largamente imitado e que Ziraldo leve mais adiante ainda o jogo mágico de sua inspiração e o trabalho ágil de seus dedos.” (TAPAJÓS, 1969).

Todas estas reportagens destacam a riqueza do livro como um objeto novo, mostrando inclusive a necessidade da percepção amplificada. O verbo *ver* aparece em determinadas matérias, substituto do *ler*, tendo em vista não apenas o literário, mas o que há de visualidade plástica e gráfica em *Flicts*, sendo que este estava muito além, comparado à imprensa jornalística e aos meios de comunicação televisivos nacionais.

“O melhor livro de poesia lançado este ano na praça não é de um poeta profissional. Chama-se *Flicts* e seu autor é Ziraldo. Embora recorra a símbolos convencionais – as palavras – Ziraldo conseguiu o milagre de produzir um poema em cores. São elas que dão a tonalidade lírica do livro, que marcam o ritmo e – eu ousaria afirmar – chegam até a colisão sonora da rima,(...).

É difícil transmitir a emoção causada por um poema quando não se pode oferecer uma mostra ao distinto público. Se nosso jornal não fosse impresso apenas em preto e branco, eu teria muito prazer em exhibir aqui alguns trechos da linda mensagem de Ziraldo. Mas, como dizem os locutores de televisão, nos desfiles de escolas de samba, é uma pena, senhores, que nossas transmissões não sejam feitas ainda em cores.

(...) E já que me meti a falar de *Flicts* vou ter que encontrar uma saída, na convicção prévia de que, para quem está perdido, todo mata é caminho.

O caminho no caso de Ziraldo, além da onda envolvente de sua poesia, é a comprovação da força poderosa da comunicação visual. Os poetas de laboratório, a turma do poema-processo, o pessoal da publicidade, jornalistas, radialistas, homens da televisão – todos, enfim, que se empenham por encontrar uma fórmula mais direta de persuasão – vão ter muito que aprender com o invento de Ziraldo”. (BURNETT, 1969).

A popularidade que *Flicts* atingiu tem algumas justificativas, além do valor da obra em si. A divulgação, por exemplo, foi exemplar: através da imprensa, de locais de lançamentos atraentes em clima cultural e festivo propício, como na boate “Sucata”, local onde foi o primeiro lançamento, livrarias do Rio de Janeiro e feiras de livros na escola. Fica bem claro que, como novidade impactante, de beleza plástico-gráfico-visual, sensibilizou o gosto da época de tal maneira a permitir a conclusão de que fugiu completamente ao padrão editorial vigente. A temática atual, a linguagem poética tocante e os meios de expressão econômicos, dando a dimensão concreta do livro, também foram contagiantes.



Enfim a sociedade brasileira sentiu-se presenteada como mostra este comentário: “seria pecar por omissão não dizer nada sobre este livro que nos faz esquecer que ainda somos um país subdesenvolvido. (...) Editando *Flicts*, a expressão e cultura deram um presente à intelectualidade brasileira.” (VERGNIAUD, 1969).

A seguir citarei o conteúdo que encontrei nas páginas introdutórias de *Flicts*, 2ª edição, 1ª reimpressão, 1970. É importante salientar que compõe esta edição o maravilhoso artigo “*Flicts: o coração da cor*”, que Drummond publicou no *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro no dia 22 de agosto de 1969, localizado logo após as palavras do editor Fernando de Castro Ferro.

“Poucas vezes terá um autor conseguido entusiasmar um editor com tanta rapidez e a intensidade de que fui “vitima, quando Ziraldo acabou de me contar a história de *Flicts*. A sessão de leitura durou talvez meia hora. Não foram precisos quaisquer comentários. As palavras se tornaram inúteis. A comunicação que se estabeleceu entre nós foi imediata. Ziraldo sabia que eu tinha “sentido” totalmente esta extraordinária obra. Na verdade, não tive a menor dúvida de que me estava sendo confiado algo de muito importante: uma nova dimensão do livro, aquela obra que todo e qualquer editor aguarda e que só muito raramente lhe chega às mãos. No mesmo dia, os nossos serviços técnicos iniciaram a montagem de *Flicts*.

Passaram-se apenas seis semanas e, agora, ao apresentar esta edição ao público de língua portuguesa, enquanto também já preparamos a sua difusão pelos quatro cantos do mundo, sinto com grande humildade uma das maiores alegrias dos meus muitos anos de editor. Confesso que até então não tivera a sorte de publicar outra obra que possuísse esta grandeza e, de resto, elas são raras, em todo o mundo: poucos são os paralelos que posso encontrar, e todos eles de motivações bem diferentes. Assim, Ziraldo, que já gozava de reputação mundial como humorista e especialista em artes gráficas, adquire uma posição de destaque na literatura do nosso tempo e, sem qualquer espécie de exagero, abre novas perspectivas para aquela aliança, que se torna essencial, entre as letras e a comunicação visual, aliança em que todo editor consciente buscava há muitos anos. “Obrigado Ziraldo” (FERRO, 1969).

No capítulo II deste trabalho, na análise de *Flicts*, entre as três faces interpretativas, existe uma que situa o conflito nas experiências emocionais do personagem, que denuncia as condições da realidade sócio-política vividas historicamente no país em plenos tempos de criação da obra. É mais um aspecto sob o qual a obra de Ziraldo pode ser vista como pioneira, por permitir, entre outras leituras, a do embate entre o poder repressor e a busca de liberdade, no que ele antecipa o grupo de obras que surgiram nos anos 70, velando o mesmo foco de tensão histórica e humana gerado pelo regime ditatorial.

Em 1971 o boletim informativo nº 13, de março, editado pela Fundação Nacional do Livro Infantil, traz o espaço “Atividades Internacionais”, sob o título “*Flicts corre o mundo*”, com esta nota:

“O livro de Ziraldo *Flicts* que é na verdade um álbum de grande poesia – poesia da cor - agrada a crianças desde os menores de 8 anos até os maiores de 80, já foi traduzido e editado no Brasil em três línguas – francês, inglês e espanhol. (...) Todas as traduções foram editadas pela Expressão e Cultura em 1970. *Flicts* recebeu o prêmio Santa Rosa do Instituto Nacional do Livro destinado ao mais belo livro de cada temporada” (1970).

Em 1978, na oportunidade de relançamento de *Flicts* pela editora Primor, Laura C. Sandroni faz a crítica à obra para a sua coluna no caderno “Jornal da Família”, no jornal *O Globo*<sup>11</sup>. A resenhista dá notícias das modificações da nova edição da obra, referindo-se a “belo conto”. Além de admitir também que o livro possa ser apreciado por crianças a partir de sete anos, por jovens e adultos, a crítica faz breve análise da dimensão gráfica modificada:

---

<sup>11</sup> Laura Constância Sandroni realiza trabalho crítico inovador, mantendo a partir de 1975, no jornal *O globo*, uma coluna dedicada a livros para crianças e jovens. Tivemos acesso à matéria da autora sobre *Flicts* em consulta ao livro *Ao longo do caminho*, que a editora Moderna lançou em 2003, contendo uma seleção de resenhas assinadas por ela e publicadas no citado jornal entre 1975 e 2002. A matéria sobre *Flicts* circulou em 21/11/1976.

“Esgotado há anos, ressurgiu *Flicts*, o grande sucesso de Ziraldo no campo da literatura infantil. Nesse intervalo tornou-se conhecido internacionalmente, com edições em diversos países da Europa. Sua história, um poema em prosa, e a de uma cor *Flicts* “muito rara e muito triste” que simplesmente não encontra lugar na terra. (...) Graficamente está ainda mais bonito nessa nova edição. Seu tamanho foi reduzido, tornando-o de fácil manuseio, a utilização do papel couchê valoriza a excelente impressão. A capa dura foi modificada para melhor, com a utilização de outra página interna de efeito mais interessante do que a da primeira edição. Quando ao miolo, houve uma diminuição drástica do número de páginas (de 82 para 44), sem nada se perder do original. Ao contrário, a condensação só trouxe benefícios ao livro, evitando-se os grandes espaços brancos que sobravam na forma anterior”<sup>1</sup>.

## Década de 80

---

<sup>1</sup> Laura Constância Sandroni realiza trabalho crítico inovador, mantendo a partir de 1975, no jornal *O globo*, uma coluna dedicada a livros para crianças e jovens. Tivemos acesso à matéria da autora sobre *Flicts* em consulta ao livro *Ao longo do caminho*, que a editora Moderna lançou em 2003, contendo uma seleção de resenhas assinadas por ela e publicadas no citado jornal entre 1975 e 2002. A matéria sobre *Flicts* circulou em 21/11/1976.

*Flicts* foi exposto justificadamente na primeira Exposição Nacional de Livro de Artista, 1983, em Pernambuco.

Em 1984 a editora Melhoramentos passa a assumir as edições de *Flicts* em formato 26 x 20,5 cm. O ano de 1988 foi muito importante para a obra *Flicts* pois o mesmo incorporou o livro de arte Ziraldo 40/55 – itinerário de um artista gráfico brasileiro, primorosa edição da editora Salamandra, inteiramente dedicado à evolução de Ziraldo na área de artes gráficas. É das fontes mais ricas de consulta e beleza visual, além de, muitas informações sobre a evolução do artista gráfico. As imagens selecionadas e os comentários que as acompanham dão a medida de um trabalho diversificado, que evoluiu mas não mudou de rumo.



Imagem 10 – *Flicts*, Ed. Melhoramentos, 16ª edição, 1984.

Em 1989 quando *Flicts* completava 20 anos, a editora Melhoramentos preparou a edição comemorativa, que contou com 80 páginas. Em minha opinião, tanto a edição da editora Primor, quanto a assumida pela editora Melhoramentos a partir de 1984, modificaram o projeto inicial do livro, trazendo certo prejuízo à sua integridade original. A redução de páginas significa redução de espaço, inclusive do branco. Na edição da Primor de 1978, em certas passagens o olhar acusa a massificação/aceleração do ritmo visual e narrativo, o que acarreta não só a perda de leveza e de qualidade estética, como alteração no próprio andamento interpretativo do processo de leitura. Na edição da Melhoramentos há um corte em uma das cirandas, prejuízo ou defeito inadmissível da forma circular. Nas edições das duas editoras, os textos que acompanham as três cirandas perdem a disposição dinâmica no espaço, o que não era visto na edição original, pois integrava a palavra aos sentidos visuais da cor e do movimento do giro.

Essas edições posteriores à de 69 fazem, ainda, algumas modificações quanto à disposição de certas partes do texto. Na edição 47<sup>a</sup> (2003), observamos a modificação da substituição do papel couchê para um tipo sem brilho, afetando negativamente a beleza visual, os tons, a força e a luminosidade das cores.

## A década de 90

---

Muitos pesquisadores, escritores, ilustradores continuam atribuindo a *Flicts* a marca de “absolutamente original”, a obra criada por Ziraldo há 30 anos é citada em vários livros sobre literatura infantil, artigos e reportagens pela sua qualidade estética em linguagem visual. Nesta década é lançado pela Editora Melhoramentos o CD-ROM – *Flicts*, o livro em multimídia.

De Guto Lins, escritor, ilustrador, designer gráfico, professor do departamento de Artes e Design da PUC/Rio, no artigo “O Mundo Zira”:

“Sempre tive e continuo tendo muitas influências na minha carreira e na minha vida. O que eu faço hoje só é possível porque teve gente que veio na frente abrindo alas e quebrando barreiras. Ainda me lembro da minha sensação ao ler pela primeira vez um livro chamado *Flicts*. Era um livro grande, diferente para um garoto de 7 ou 8 anos: um livro ilustrado sem ilustrações. Um livro infantil? Um livro de arte? Eu me sentia um pouco *Flicts*. Com o tempo fui conhecendo outras cores do Ziraldo (...).

Fui crescendo meio *Flicts*.

Depois, comecei a fazer minhas cores também.

Descobri as artes gráficas. Conheci o universo das cores. Re-descobri *Flicts* (...).

No meu primeiro livro como autor, Qual é a cor, pedi um texto pra aquele cara que tinha mostrado para um garoto de 7 ou 8 anos que as cores podiam falar (...).

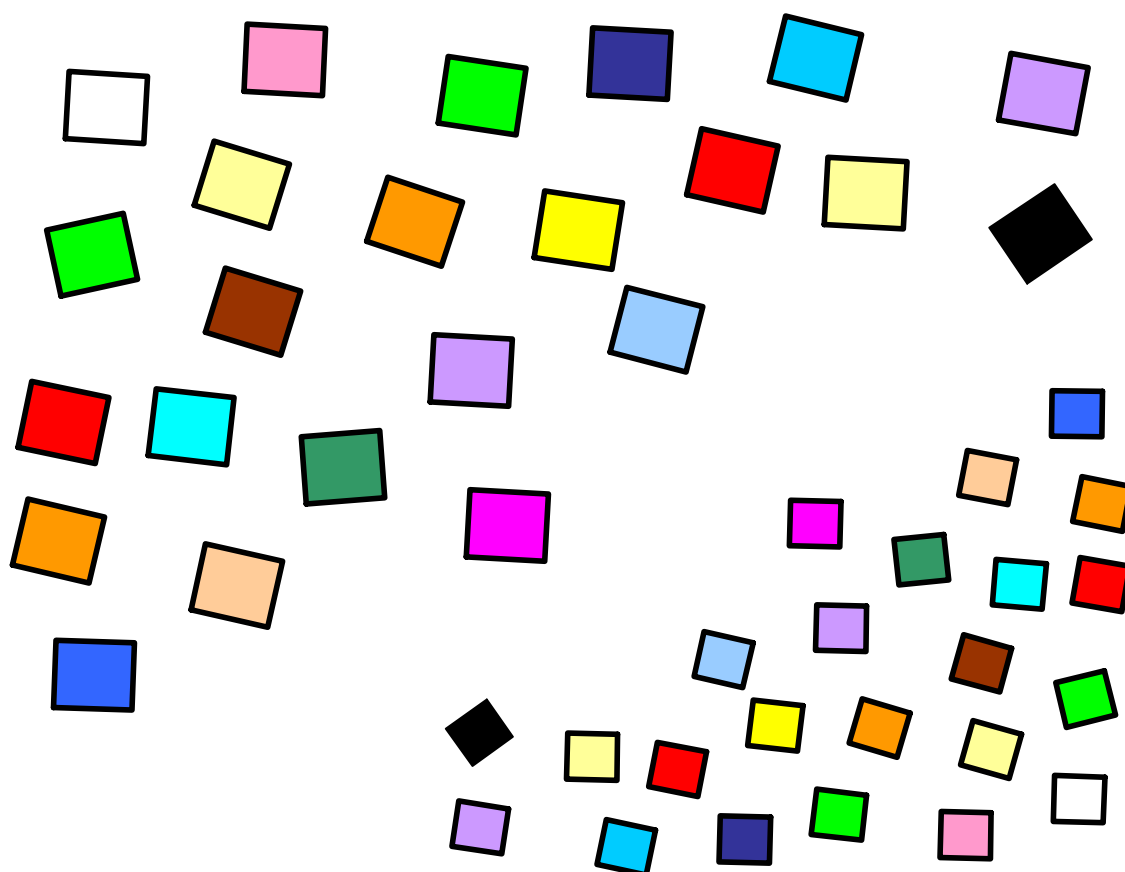
Hoje sei como é bom ser *Flicts*”.

2000

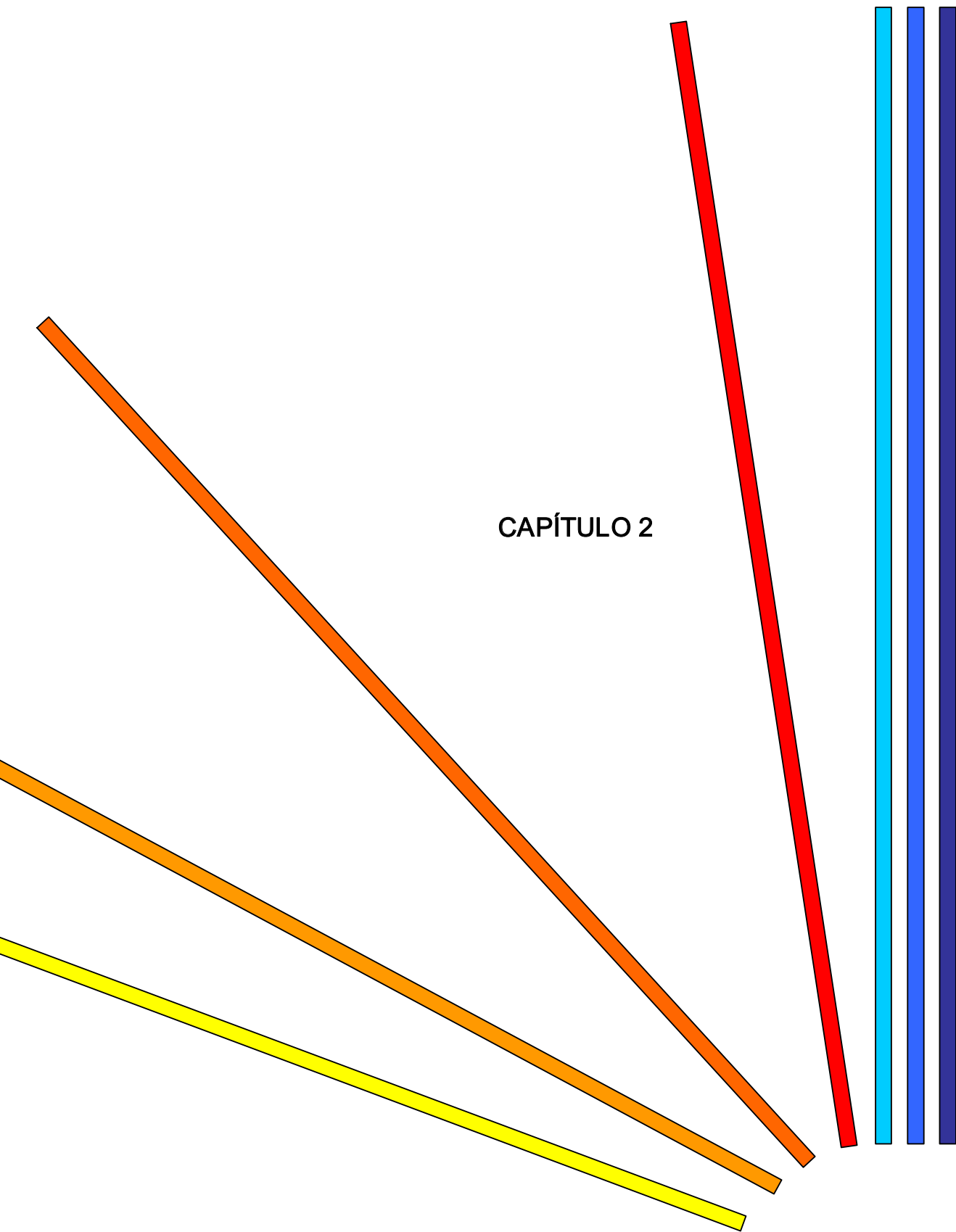
---

Em 2002, Ziraldo foi o homenagiado do Annual selection of brazilian books for children and young people – Bologna children book fair 2002. No artigo sobre o artista – “Convergence of paths in Ziraldo art” – que integrou o referido catálogo (produzido no Brasil pela fundação Nacional do Livro Infantil).

Na bienal do livro em março de 2006, Ziraldo e a editora Melhoramentos lançam o “Menino da Lua”, com encadernação clássica, capa dura, este livro nos remete a uma continuação da procura de *Flicts* por um lugar no mundo, agora, na figura de um menino, ele procura um lugar no espaço.



CAPÍTULO 2





## **FLICTS, LIVRO DE ARTISTA**

---

“O livro é um objeto perfeito. É o objeto mais perfeito que o homem criou. (...) É um superdesenho. Você abre, você move a página, é o tempo; você pára na página, é o espaço. A vida está dentro do livro – contida nele -, você está com a vida nas mãos”. **Ziraldo**

*Flicts* traz o sentido da vanguarda do seu criador, fazendo do livro infantil um objeto novo, grande texto tecido de muitas linguagens convergindo para uma linguagem total, em diferentes gêneros ou na face compacta de um objeto, componentes imagístico-verbais, gráfico-visuais, cromático-espaciais. Sob as considerações de Lúcia Pimentel Góes sobre o livro infantil e juvenil, a estudiosa o define como objeto novo:

“O objeto novo segue aprofundando e ampliando a proposta da poesia concretista, entre outras, que atinge e explora as camadas materiais do significante: o som, a letra impressa, a linha, a superfície da página, ainda da cor, a massa. Se o poema concreto é identificado como objeto de linguagem, o *objeto novo* - literatura infantil e juvenil, também quer falar a linguagem da percepção e da sensibilidade na sua leitura de mundo e de vida. A palavra poética concretista projeta e opera sobre as dimensões da palavra semântica, sonora, gráfica – em síntese espaço-temporal, utilizando categorias diversas, como o jogo, a geometria. O *objeto novo* não parte de condicionamentos e se pretende plural: sua proposta é produzir sentidos, a partir de signos, sem delimitações prévias. Portanto, poderá utilizar recursos de artes e técnicas diversas, como cinema, televisão, quadrinhos, palavras, tecnologia de ponta e muitas outras conhecidas ou a descobrir.”<sup>13</sup>

A formação profissional de Ziraldo é variada, permitindo que se reflitam as condições históricas específicas dos movimentos artísticos ocorrentes no Brasil daquela época, assim como foi o movimento concretista<sup>14</sup> ocorrido em 1951, quando houve a primeira Exposição Nacional de Arte Concreta em São Paulo,

---

<sup>13</sup> In: *Jornal do Professor de 1º grau*. Brasília, nº 5, publicação do MEC/INEP, março, 1969, p.4.

<sup>14</sup> GOES, Lúcia Pimentel - *Olhar de descoberta* - São Paulo: Paulinas Ed., 2003, p.21.

reunindo artistas plásticos de vanguarda e poetas.

Nesta primeira exposição foi recebida uma delegação de construtivistas suíços e, um ano antes, um deles, Max Bill (1908-1994) fizera uma exposição individual no Brasil. Sob influência deles, artistas plásticos brasileiros, que em fins da década anterior já procuravam abandonar a arte figurativa pelo construtivismo, fundaram então o Grupo Ruptura em São Paulo. Este grupo surgiu para se diferenciar dos puramente “abstracionistas” e se diziam integrantes do “movimento concreto”, Tinha entre seus membros Waldemar Cordeiro, Geraldo de Barros, Anatol Wladyslaw, Lothar Charoux, Kazmer Féjer, Luis Sacilotto e Leopoldo Haar. Eles passaram a praticar uma arte desvinculada do “velho”, que combatia todas as variedades e hibridações do naturalismo, levantando a bandeira de todas as experiências que tendem à renovação dos valores essenciais da arte visual (espaço-tempo, movimento e matéria).

Ambas as tendências desvinculam-se do naturalismo, mas os concretos se aproximavam dos homônimos russos e faziam uso da composição geométrica, da sobriedade das formas, da repetição de estruturas modulares, opondo-se à abstração livre e gestual. Esta movimentação artística também era cultivada no Rio de Janeiro, na mesma época por Alfredo Volpi, Milton Dacosta, Almir Mavignier, Abraam Palatinik e Ivan Serpa, entre outros desenvolvendo trabalhos que procuram se desvincular do figurativismo. Serpa juntamente com seus ex-alunos como Lygia Clark, Lygia Pape, Décio Vieira e Aluísio Carvão formaram o Grupo Frente, expondo juntos pela primeira vez em 1954, no Instituto Cultural Brasil – Estados Unidos, no Rio de Janeiro. Em seguida,

juntaram-se a eles Hélio Oiticica e Franz Weissmann, entre outros. Ao mesmo tempo, autores de São Paulo como Décio Pignatari e os irmãos Haroldo e Augusto de Campos; do Rio de Janeiro, Ferreira Gullar, Ronaldo Azeredo, Júlio Plaza e Wladimir Dias-Pino revolucionariam a concepção de poesia. Antidiscursiva, a poesia concreta aboliu o verso e a estrofe. A disposição das letras e/ou palavras passando a explodir em liberdade no espaço em branco do papel, que se tornava parte integrante de sua composição. Ela rompe com a tradição de se visualizar e ler o texto da esquerda para direita, de cima para baixo. Assim o poema ganha uma pluralidade de possibilidades interpretativas, não apenas no significado dos vocábulos (“verbi”), mas também em seus aspectos materiais: sonoridade (“voco”) e arranjos gráficos (“visual”), que incluem cores, tamanho, tipo de fontes, construções visuais, de modo a fazer comungar Literatura, Música e Artes Plásticas. Trata-se de uma poesia sinestésica, ou seja, que funde várias impressões sensoriais. Vejamos os exemplos na literatura e nas artes plásticas:

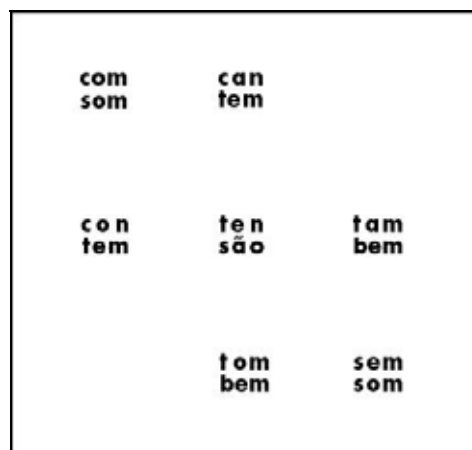


imagem 11 - Augusto de Campos. *Tensão*, poema concreto, 1956.

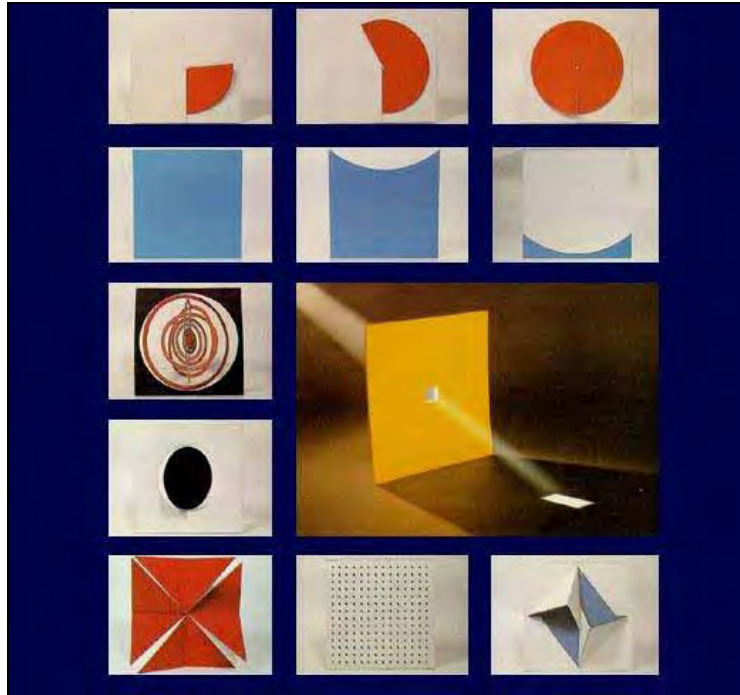


imagem 12 - Lygia Pape. *Livro da criação*, guache sobre cartão 30x30cm, 1959.

## CONHECENDO FLICTS

---

A história com pouquíssimas palavras, sobre a trajetória de uma cor que busca seu espaço no mundo, ganhou do astronauta Neil Armstrong a seguinte frase: “A Lua é Flicts”.



imagem 13– Revista MANCHETE, Edição Histórica, Rio de Janeiro, 1969, p.3, autografada por Ziraldo em maio de 2006, confirmando sua referência inspiradora nas páginas desta revista para realizar a obra FLICTS.

A ciência provaria que a existência desta cor não estava errada, pois recentemente, o astrônomo americano Karl Glazebrook descobriu que Flicts é, de fato, a cor do universo.



imagem 14 – Da esquerda para a direita respectivamente, os astronautas norte-americanos: Neil Armstrong, Edwin Aldrin e Michael Collins. Revista MANCHETE, p.36 e 37, Edição Histórica, Rio de Janeiro, 1969.

A coincidência é homenageada por Ziraldo no novo livro do artista *O Menino da Lua*, que foi produzido em 2006. Este clássico nasceu em meio à

safrá de mais de 120 obras que Ziraldo escreveu e ilustrou. Nele, traz um tempo de verbo inédito, o pretérito imperfeito do futuro do indicativo, adequado à ficção científica, mostrando que: nem o “herói se chamava” nem “chamará”, mas “chamarava”. Observando a imagem do *Menino da Lua* e comparando-a com a imagem da capa do disco *Flicts* que Ziraldo lançou em 1980 pela Brazil Philips 6349.432 juntamente com Sérgio Ricardo, MPB-4 e Quarteto em Cy, podemos concluir que o projeto do *Menino da Lua* já existia, ou seja, figuratizar *Flicts* já era da sua vontade.



imagem 15 – LP *Flicts*, Philips, 1980 e o livro *O Menino da Lua*, Ed. Melhoramentos, 2006.

Em *Flicts*, o autor narra a história de uma cor que não consegue achar a sua forma. Ela se percebe sozinha e quer de alguma maneira, estar junto dos seus pares. Em sua primeira etapa a personagem pede ajuda para elementos do universo infantil, figuras que representam a função da brincadeira: escola, paisagem, casinha, cerca, telhado, árvore, flor, caminho, laço, ciranda e fita. Em sua segunda etapa a personagem se encontra com elementos do universo adulto com a função do trabalho: faixa, escudo, brasão, bandeira, estandarte, estrela inscrição. Na terceira etapa a personagem encontra os elementos

naturais marcados pela inconstância: céu, mar, fases da lua. Na quarta etapa a personagem busca fazer parte de um grupo, seria o universo das amigadas: par, companheiro, amigo, irmão complementar.

Essa análise revela o desejo da personagem *Flicts* tornar-se um qualificador de outros sujeitos. Seu desejo é buscar uma forma para poder qualificá-la. Para atingir esta meta, percebe-se ao longo da narrativa, um percurso de figurativização dessa função almejada, que de certa maneira, revela um percurso de transformação do ator (de criança para adulto): brincar – trabalhar – ser companheiro, ou mesmo adquirir forma por meio de elementos da natureza.

Toda a história é construída por imagens que guardam um traço comum com as figuras do mundo natural. A concretização das figuras abstratas fica a cargo do texto verbal.

Seguiremos refletindo sobre a questão da imagem que concretiza a abstração da palavra, conforme afirmação de Nelly Novaes Coelho:

“É, pois, devido ao caráter sincrético e globalizador do pensamento infantil, que a psicologia da aprendizagem privilegia a imagem, como o fator básico nos processos de alfabetização e dos mecanismos de leitura, - uma vez que a visualização das formas facilita a comunicação imediata entre a criança e a situação proposta pelo texto. Já o conceito incorporado pela didática moderna que a linguagem visual dos desenhos, imagens ou ilustrações, associada à linguagem verbal é das mais eficazes como processo educativo, - não só no sentido de promover o encontro da criança com o imaginário literário (que tanto a seduz), mas também no de seu desenvolvimento pedagógico.

Daí a importância do livro de gravuras ou das histórias em quadrinhos durante a infância, - fase em que o cérebro ainda é pobre de experiências e não dispõe do repertório indispensável a decodificação da linguagem escrita. Literária ou não, a palavra escrita é, por natureza, simbólica e abstrata: remete para representações mentais, que exigem vivência ou experiências anteriores, para serem compreendidas ou decodificadas.” (COELHO, 1984 : 143).

Desta maneira, em *Flicts* o movimento é outro, já que é a palavra que vai

concretizar a abstração da imagem. Não há uma relação de importância entre elas, ambas, integradas, constroem um sentido. O efeito no ato da leitura é de dependência, visto o sentido de complementação que uma expressão oferece à outra. Usaremos como referência para as análises *Flicts*, na sua edição número 52, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005 e para as análises comparativas evidenciando principalmente as alterações dimensionais da obra a 2ª edição, Editora Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970. Serão inseridas imagens da 2ª edição, tendo em vista as mudanças que aconteceram desde o seu projeto gráfico original. Vale registrar que *Flicts*, em seu projeto inicial contava com 82 páginas encadernadas com capa dura de 23,5 x 28cm impressas em papel couchê brilhante. Hoje na 52ª edição da Ed. Melhoramentos traz *FLICTS* com 48 páginas, dorso grampeado, medindo 20,5cm x 26cm, impressas em papel couchê fosco. Percebemos que foram adaptadas as configurações e diagramações do texto devido a redução de páginas. Segundo entrevista com editorial da Melhoramentos a justificativa para as mudanças vem da necessidade de colocar o livro num preço acessível ao público leitor.



## PERCEBENDO FLICTS

---

Sendo o objeto analisado, um texto sincrético, em que se associam as linguagens verbal e visual. Descreverei suas páginas a partir da percepção enquanto objeto de leitura, cujo caminho será trilhado sob o alicerce da teoria gestáltica de Rudolf Arnheim, ele será o mestre de cerimônias, e juntos faremos uma viagem rumo às análises perceptivas das páginas de *Flicts*.

Para começar, irei realizar a leitura de *Flicts* pela capa. Na capa da 52ª edição, as sete cores do arco-íris, sobrepõem-se no espaço branco, expandindo-se horizontal e circularmente do centro para as partes inferior e superior da página, abrangendo todo o centro do espaço, pesam quase que gravitacionalmente sobre a palavra *Flicts*, provocando tensão e dirigindo o olhar para o nome da personagem principal. A palavra *Flicts*, título da obra aparece escrita em caixa alta, na mesma a cor que ele representa, ocre, posicionada abaixo do arco-íris, no rodapé da página. Nesta configuração, as cores sugerem envolvimento, como num abraço, na contracapa encontro uma faixa azulada, supostamente simbolizando o céu, a parte superior é branca e recebe as inscrições da editora juntamente com o trecho do artigo que Drummond escreveu sobre a obra. Simbolicamente, a imagem do arco-íris traz muitos significados.

“Arco-íris: fenômeno atmosférico de grande efeito, em muitas culturas é um símbolo da benevolência divina. Não se sabe com certeza se a ponte de Byfrost, elemento característico da concepção do mundo dos antigos germanos, deve ser interpretada como a via-láctea ou como um arco-íris. O simbolismo cristão medieval vê nas três cores principais do arco-íris a imagem do Dilúvio Universal (azul), do incêndio de todas as coisas (vermelho) e da nova terra (verde), como por exemplo, em Gottfried von Viterbo (c.1125-1192),

ou nas sete cores a imagem dos sete sacramentos e dos sete dons do Espírito Santo, ou ainda o símbolo mariano que concilia céu e terra. Na Europa, a credence popular considera o arco-íris um presságio de riqueza futura, ou a descoberta de um tesouro onde o arco-íris toca a terra. As moedas de ouro cunhadas na era pré-histórica dos celtas eram chamadas de “tigelinhas de arco-íris”.<sup>15</sup>

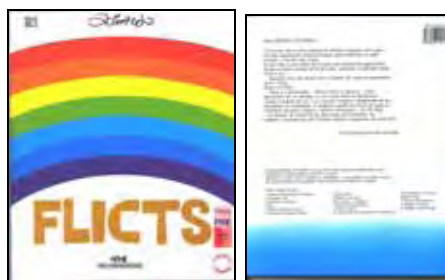


imagem 16 - Capa e contra-capa de FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005.

Formato caderno grampeado em 26cm x 20,5 cm, 48 páginas.



Imagem 17 – Capa e contra-capa de FLICTS, 2ª edição, Ed. Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970.

Formato álbum em 28cm x 23,5cm, capa dura, 82 páginas.

Numa análise comparativa ao projeto gráfico inicial, a capa e a contra-capa da 2ª edição nos traz uma imagem graficamente equilibrada onde as cores foram distribuídas em pequenos quadrados como num mosaico, cada cor fazendo par com o Branco. O tipo de letra, em caixa alta, permaneceu o mesmo, porém encontra-se no centro da página, sendo envolvido pelas cores de uma maneira mais suave. Os elementos que compõe as capas fazem parte da

<sup>15</sup> BIEDERMANN, Han. Dicionário ilustrado de símbolos/ Hans Biedermann - tradução Glória Paschoal de Camargo - São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993, p.46.

história, ou seja, estão contidos na parte interna da obra em sua primeira fase, o mosaico representa o jardim e o arco-íris representa as crianças se reunindo para brincar. Nas duas capas temos como base o Branco, personagem que acompanha Flicts em toda sua trajetória. Na imagem abaixo, lado a lado, estão os dois volumes.



imagem 18 – Capas de Flicts – 2ª e 57ª edição, respectivamente.



imagem 19 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p.5

**Era uma vez uma cor/ muito rara muito triste/ que se chamava Flicts**

Abrindo o livro, início a dinâmica verbal na página cinco. São mais de 3/4 da folha ocupada por uma cor terrosa, tonalidade essa que é obtida à partir da mistura em pigmento do amarelo e preto, denominada por ocre.

Numa configuração concretista, *Flicts* é apresentado sobreposto ao branco, onde se inscreve a narrativa verbal. Esta narrativa define a personagem pelo seu estado de raridade, tristeza, fragilidade, feiúra e aflição, uma cor que se chama *Flicts*. Portanto, descrito como uma cor que não tem sua especificidade está disjunto de seu objeto e valor dentro do universo das cores.

O Branco, cor neutra, que aparece em toda a história representa o vazio, a solidão, é a cor que acompanha *Flicts* em sua trajetória.

“Do ponto de vista físico, o branco é a soma das cores; psicologicamente, é a ausência delas. O branco sempre é o ponto extremo em qualquer escala: partindo da luminosidade rumo às trevas... Branco, resultado da mistura de todos os matizes do espectro solar, o branco é a síntese aditiva das luzes coloridas. Uma cor-luz e a sua complementar produzem sempre o branco. Em pigmento, o que se chama branco é a superfície capaz de refletir o maior número possível dos raios luminosos contidos na luz branca. (...) Do ponto de vista místico é a cor indicativa das mutações e transições do ser. O branco do Oeste é o branco fosco da morte que absorve o ser e o introduz no mundo lunar, frio e fêmea.” (PEDROSA, 1989 :117).

As próximas cinco páginas são cobertas pelas cores vermelho, amarelo e azul, respectivamente. Nestas páginas não há espaço reservado para a narrativa verbal, elas estão inscritas nas próprias cores. São explosões coloridas a cada página aberta.

Não há linha, nem contorno, não há direita nem esquerda, peso nem direção a potencialidade de cada pigmento impõe a necessidade de espaço, são cores puras, nesta configuração não divide nem se deixa influenciar por nenhuma

outra cor, sua percepção é total. O Vermelho, o Amarelo e o Azul, cada um por sua vez é apresentado. *Flicts* é reapresentado em comparação às três cores puras, aquelas que física ou fisiologicamente são responsáveis pela produção de uma série de cores.

Na imagem 20 estão as páginas que recebem a primeira cor geradora, uma das cores primárias apresentada no livro. O Vermelho. Esta é uma das sete cores do espectro solar, primária, (indecomponível), tanto em cor-luz como em pigmento. Possuindo elevado grau de cromaticidade é a mais saturada das cores, portanto, é a que possui maior visibilidade.

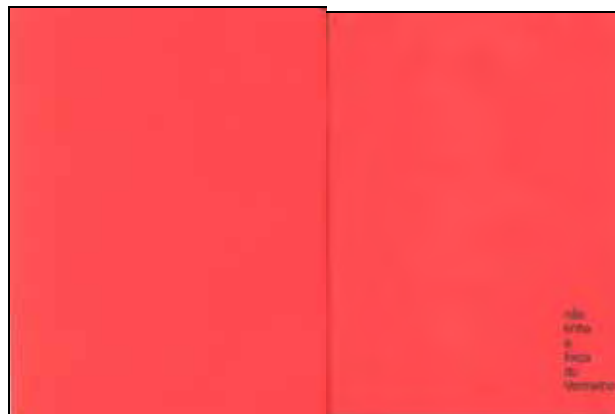


imagem 20 – FLICTS - 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 6 e 7.

### **Não / tinha / a / força / do / Vermelho**

Sendo uma cor essencialmente quente, age interiormente como uma cor transbordante de vida ardente e agitada. Nas páginas seis e sete do livro a personagem Vermelho, é apresentada no sentido comparativo à *Flicts*. O isolamento da narrativa verbal, no canto inferior direito da página, nos traz a

sensação de força do Vermelho, pois empurra as palavras numa composição onde é inscrita sozinha, compondo a narrativa verbal verticalmente.

“Vermelho: vem-nos do latim *vermiculus* (verme, inseto). Desta se extrai uma substância escarlate, o carmim, e chamamos cor de carmesim (do árabe qirmezi), vermelho vivo ou escarlate. Simboliza uma cor de aproximação, de encontro.” (FARINA, 1986:113).



imagem 21 – FLICTS - 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p.8 e 9.

### **Não tinha a imensa luz do Amarelo**

Nas páginas oito e nove há uma grande expansão de luminosidade gerada pela cor amarelo, uma cor primária, uma das faixas coloridas do espectro solar. Na escala de tons é a mais clara de todas as cores e a que mais se aproxima do branco.

“Amplio e ofuscante como uma corrida de metal incandescente, é a mais desconcentrante das cores, transbordando dos limites onde se deseja encerrá-lo, parecendo sempre maior do que é na realidade, devido à sua característica expansiva. Segundo Kandinsky, o amarelo, representando o calor, a energia e a claridade, assume a primazia do lado ativo das cores, em oposição à passividade, frieza e obscuridade representadas pelo azul. Olhando-o fixamente, percebe-se logo que o amarelo irradia, que realiza um movimento excêntrico e se aproxima quase visivelmente do observador.” (PEDROSA, 1989 :110).

Nesta configuração é apresentada a personagem Amarelo, (em comparação à *Flicts*), a narrativa verbal é descrita de forma plana, horizontal, natural e influenciando no peso da página.

“Amarelo: deriva do latim *amaryllis*. Simboliza a cor da luz irradiante em todas as direções. Iluminação, conforto, alerta, gozo, ciúme, orgulho, esperança,

idealismo, inveja, ódio, adolescência, espontaneidade, euforia, expectativa.” (FARINA, 1986:115).

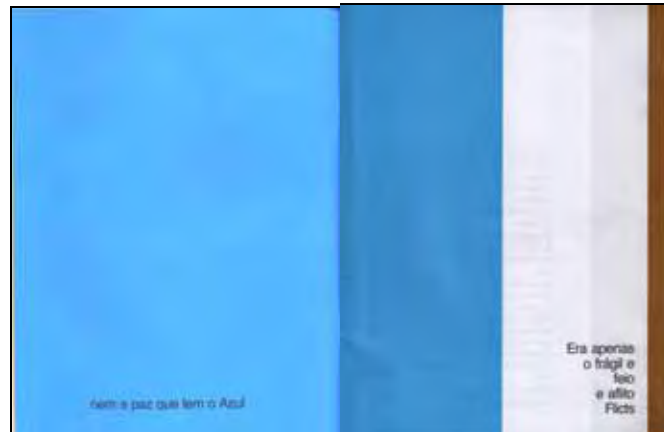


imagem 21 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 10 e 11

**nem a paz que tem o Azul**  
**Era apenas/o frágil e / feio / e aflito / Flicts**

Na página dez a cor Azul é exposta em uma e meia páginas, em sequência lateral encontramos o branco que separa a cor pura de *Flicts*, este ocupa somente uma estreita faixa no canto direito da página, sugerindo a sua saída da mesma. O espaço nesta página encontra-se dividido em três partes, do maior para o menor respectivamente, seu peso está na uniformidade do azul que ocupa a maior área. Sendo o azul uma cor pura, logicamente foi exposta na seqüência de páginas onde foram apresentadas as duas cores primárias (em oposição à *Flicts*). As inscrições da narrativa verbal são expostas no sentido provocativo, na parte inferior das páginas, para o azul uma frase linear, horizontal, equilibrada, a inscrição que compara *Flicts* vem sobreposta ao Branco em formatação verticalizada, decomposta e irregular. Na nova

concepção encontrada na quinquagésima segunda edição, estas páginas trazem uma outra configuração, pois, o Azul ocupa mais de cinquenta por cento do espaço, no entanto, traz novos elementos que provocam uma dinâmica na estrutura da página, o desequilíbrio das proporções no espaço, as forças perceptivas em relação à proporção das cores, e suas formas expostas, geram a compreensão da narrativa verbal inserida.

“Azul: tem origem no árabe e no persa *lazúrd*, por *lazaward* (azul). É a cor do céu sem nuvens. Dá a sensação do movimento para o infinito. Espaço, viagem, verdade, sentido, afeto, intelectualidade, paz, advertência, precaução, serenidade, infinito, meditação, confiança, amizade, amor, fidelidade, sentimento profundo..” (FARINA, 1986 : 114).



imagem 23 – FLICTS, 2ª edição, Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970, p. 16 e 17

### **nem a paz que tem o Azul**

Na imagem 23 pode-se observar que no projeto inicial (1969) a personagem Azul foi apresentada de forma diferente. Ela ocupa em cinquenta por cento o espaço das duas páginas, sobrepondo-se ao Branco, ocupando as partes superiores, nesta configuração percebemos a leveza do azul, sua inscrição a define como uma cor que tem a paz.

Após as três cores primárias terem sido apresentadas pelas suas especificidades e expressões (força, imensidão e paz), *Flicts* reaparece numa



estreita faixa sem ação, na narrativa verbal há apenas a descrição e seu estado em relação ao estado das outras cores.

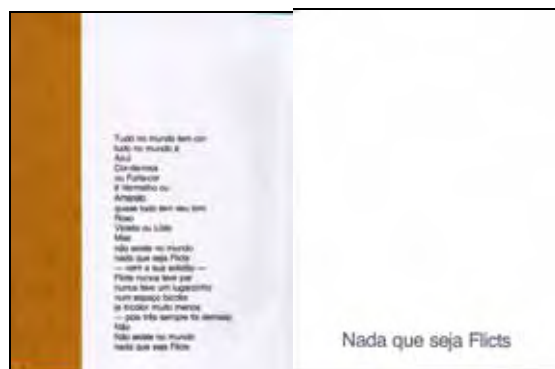


imagem 24 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p.12 e 13.

**Tudo no mundo tem cor / tudo no mundo é Azul / Cor-de-Rosa / ou Furta-  
cor / é Vermelho ou /Amarelo / quase tudo tem seu tom / Roxo / Violeta ou  
Lilás / mas / não existe no mundo /nada que seja Flicts / -nem a sua  
solidão- / Flicts nunca teve par / nunca teve um lugarzinho / num espaço  
bicolor / (e tricolor muito menos / - pois três sempre foi demais) / não / não  
existe no mundo / nada que seja Flicts**

### Nada que seja Flicts



imagem 25 – FLICTS - 2ª edição, Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970, p. 18, 19, 20 e 21.

Como uma continuação da página onze, na página doze, *Flicts* aparece em faixa sólida, isolada na parte esquerda, contrapondo-se ao Branco, que domina o espaço restante, a conflitante narrativa verbal por sua vez, tenta relacionar a

cor a algo existente no mundo, não havendo comparação com nada, abre-se uma frase no imenso Branco afirmando que: **“Nada quer ser Flicts”**, a configuração destas páginas anuncia a clara exclusão da cor, a frase escrita com letras grandes pode ser considerada como um ponto de equilíbrio no espaço reservado para a solidão. Nas páginas da 2ª edição a exclusão de *Flicts* é ainda mais evidente, numa faixa transversal *Flicts* é isolado em ambos os lados, aparece centrado entre as duas páginas de forma desequilibrada, inclinada. As páginas seguintes são reservadas para sua solidão, nenhuma referência lhe é dada e o Branco assume duas páginas inteiras, fechando com a inscrição de forma clara e incisiva. Analisando a configuração do projeto inicial de *Flicts*, há uma pausa maior para esta parte da história, o Branco ganha folha dupla, e com somente uma inscrição ao pé da página, há harmonia entre as narrativas na configuração plana da forma no espaço, a expressividade contida nestas páginas ocorrem como um respiro para o leitor, que agora se prepara para uma nova fase de *Flicts*.

A cor *Flicts* não tem espaço, não tem o “poder” de caracterizar nada no mundo. Logo, *Flicts* caracterizado pela falta, parte em busca de suprir o vazio que tanto lhe aflinge. Assim começa o seu percurso por ambientes que figurativizam o universo da criança. Sua existência, contudo, está condicionada a sua aceitação no mundo. *Flicts* precisa fazer parte de algo para existir, *Flicts* quer nascer.

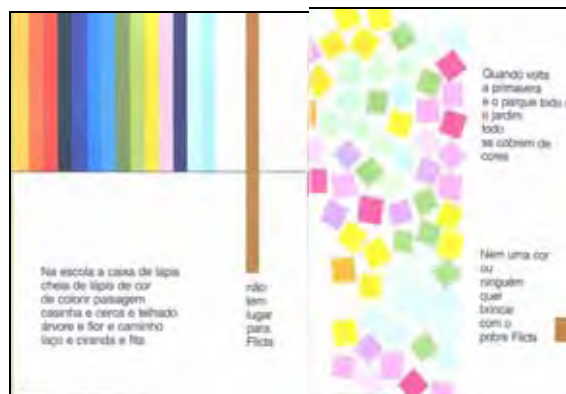


imagem 26 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 14 e 15.

**Na escola a caixa de lápis / cheia de lápis de cor/de colorir paisagem /  
casinha e cerca e telhado / árvore e flor e caminho / laço e ciranda e fita /  
não / tem / lugar / para/ *Flicts***

**Quando volta / a primavera / e o parque todo e / o jardim / todo / se cobrem  
de / cores / Nem uma cor /ou / ninguém / quer / brincar / com o /pobre *Flicts***



imagem 27 -FLICTS, 2ª edição, Expressão e Cultura,  
Rio de Janeiro, 1970, p. 22, 23, 24 e 25.

Na página catorze da 52ª ed. há uma linha divisória que separa dois planos, formas multicores assumem estar em segundo plano, pois o Branco os sobrepõe. As cores se agrupam por semelhança, cores diferentes porem formas iguais. No primeiro plano temos a cor *Flicts* que apesar dela ter a mesma forma das outras cores, aparece por inteiro e ocupa lugar de destaque pela sua exclusão, no pequeno espaço que lhe sobra, ele é objeto de peso no espaço,

mesmo a sua narrativa parece não encontrar espaço para ser inscrita e se acumula, palavra sob palavra. Segundo Arnheim:

“O isolamento favorece o peso (...) o interesse intrínseco afeta o peso compositivo. (...) Exatamente a pequenez de um objeto pode exercer um fascínio que compensa o reduzido peso que de outra forma teria. Experiências recentes têm sugerido que a percepção pode também ser influenciada pelos desejos e temores do observador.” (1980: 16 e 17).

Na página quinze da 52ª edição, formas geométricas em cores pastéis são distribuídas em pequenos blocos, como num mosaico, a página aparece dividida na vertical. Nas duas páginas a narrativa visual expõe uma gama de cores em bloco na parte esquerda de cada página e termina sua narrativa excluindo a cor *Flicts* no lado esquerdo, este sendo representado na mesma forma, porém em outro espaço, formando assim uma repetição de acontecimentos, ora na vertical, ora na horizontal. Vale lembrar que suas formas são idênticas, a diferença acontece por meio da cor, o peso da leitura acontece nas duas páginas de maneiras idênticas, equilibrando e contrastando por agrupamento e isolamento.



imagem 28 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p.16 e 17.

**Um dia ele viu no céu / depois da chuva Cinzenta / a turma toda feliz /  
saindo para o recreio / e se chegou para brincar:  
“Deixa eu ficar na berlinda? / Deixa eu ser o cabra-cega? / Deixa eu ser o  
cavalinho? / Deixe que eu fique no pique?”**

Nestas páginas se abre uma imensa massa em sete cores em folha dupla, as cores do arco-íris. Sua primeira metade é traçada da esquerda para a direita, de baixo para cima, cortando ao meio a página Branca, o peso das cores é amenizado pela direção que segue, ou seja, para cima, sua forma sugere movimento, ação. Esta leitura se faz pelo todo que representa, pois a continuação das linhas coloridas termina na página seguinte formando assim uma imagem semicircular colorida que direciona para o texto localizado abaixo da convergência.



imagem 29 – FLICTS, 52a edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 18 e19.

**Mas ninguém olhou para ele**  
**só disseram frases curtas / cada um por sua vez:**

Em resposta à narrativa verbal, o que era côncavo virou convexo a massa de cores se inicia da esquerda para a direita, de cima para baixo, e segue na mesma freqüência para a página seguinte, o sentido mudou em comparação às páginas anteriores, as linhas convergem de forma contrária, sugerindo abandono do espaço.

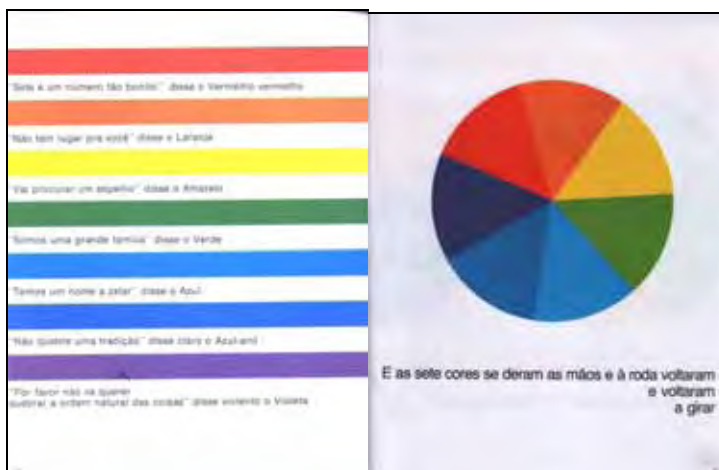


imagem 30 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 20 e 21

**“Sete é um número tão bonito”, disse o Vermelho vermelho / “Não tem lugar para você” disse o Laranja / “Vai procurar um espelho” disse o Amarelo/ “Somos uma grande família” disse o Verde / “Temos um nome a zelar” disse o Azul / “Não quebre uma tradição” disse o Azul-anil / “Por favor não vá querer quebrar a ordem natural das coisas” disse violento o Violeta.**

**E as sete cores se deram as mãos e à roda voltaram / e voltaram / a girar**



imagem 31 -FLICTS, 2ª edição, Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970, p. 30, 31, 32 e 33 .

Em faixas simétricas, cada cor do arco-íris expõe seu pensamento autoritário em relação à cor excluída. A página aparenta bastante equilíbrio tanto na narrativa verbal, quanto na narrativa visual, as cores se apresentam com similaridade num sentido único. A narrativa verbal é exposta em faixa brancas

que separam cada cor, todas do mesmo tamanho dispostas agora horizontalmente. Seguindo para a próxima página, as cores assumem outra forma e essa adquire uma forma circular como uma roda ou ciranda. Numa ordem cromática, a roda começa a girar, somando as forças cromáticas. Segundo o texto, elas retornam à roda, Ziraldo indica claramente o disco cromático criado por Issac Newton. As cores primárias e secundárias antes expostas no arco-íris, agrupadas, agora se apresentam por meio da dinâmica do disco que começa a girar.

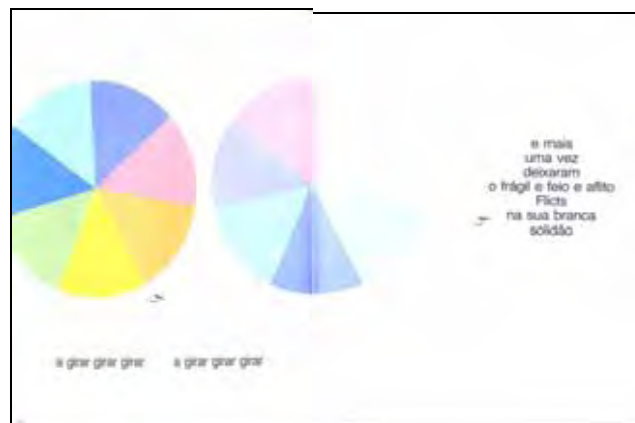


imagem 32 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 22 e 23.

**a girar girar girar / a girar gira  
e mais / uma vez / deixaram / o frágil e feio e aflito / Flicts /  
na sua branca / solidão**



imagem 33 -FLICTS, 2ª edição, Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970, p. 34, 35, 36, 37, 38 e 39.

Na sequência de imagens, nota-se a disposição do giro por completo, a dinâmica proposta pela localização das cores no disco, bem como suas tonalidades evidenciam o movimento da forma circular, nos trazendo o Branco novamente, este acompanha *Flicts* na sua solidão.

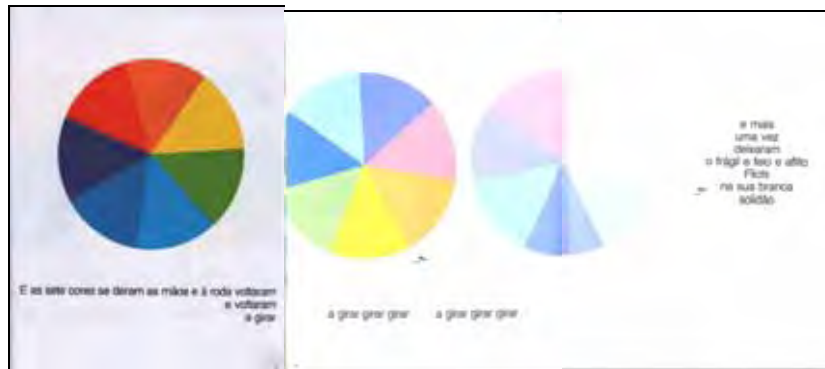


imagem 34 – A roda

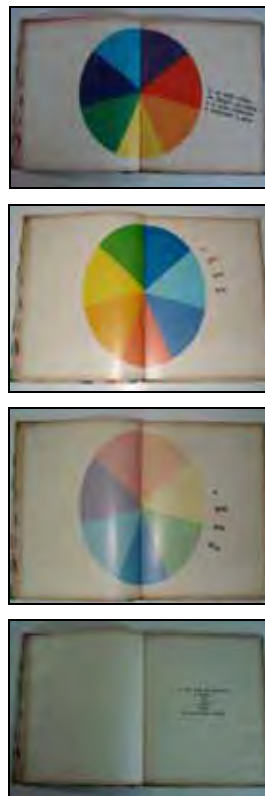


imagem 35 – A roda



“Mas Newton descobriu também outra propriedade dos raios simples, que permite defini-los quantitativamente, sem levar em conta a natureza da substância que atravessam. Data daí a perda da importância da nomenclatura da cor para o físicos, uma vez que todos os cálculos e aferições dos matizes são feitos e expressos matematicamente em milimícrons, fugindo das confusões e impressões vocabulares e sensíveis. Ao deduzir que a mesma síntese obtida com as cores-luz (o branco) poderia também ser conseguida utilizando cores-pigmento em movimento, Newton equivocou-se. Transportando para um disco de cartão a seqüência das cores espectrais, e dando a cada uma a área proporcional que elas tem no espectro, quando se gira o disco numa velocidade de 50 a 80 rotações por minuto, as sete cores reduzem-se visualmente a três, correspondendo às cores primárias. Aumentando a velocidade da rotação, ocorre o desaparecimento gradual dos azuis. A partir de 800 rotações por minuto, a mistura das luzes coloridas refletidas pelas cores-pigmento causa a sensação de uma cor ocre bastante forte, e não de branco, como vem sendo difundido há mais de três séculos. O disco criado por Newton é dividido por raios em sete partes, correspondentes proporcionalmente às sete cores do espectro: vermelho, laranja, amarelo, verde ,azul, anil, violeta.” (PEDROSA, 1989: 50)

A segunda parte da trajetória de *Flicts* começa aqui, quando a personagem resolve procurar um trabalho.



imagem 36 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 24 e 25.

**Mas / Flicts / não se emendava / (e por que / se emendar?) / não era bom / ser tão só / e um dia foi procurar / um trabalho / pra fazer / a salvação / no trabalho: / Será que eu / não posso ter / um cantinho / ou uma faixa / em escudo / ou em brasão / em bandeira ou / estandarte?**

**“Não há vagas” / falou o Azul/ “Não há vagas” / susurrou o Branco / “Não há vagas” / berrou o Vermelho / Mas / existem mil / bandeiras /trabalho / pra tanta/ cor /e/Flicts/correu/o mundo/em busca/do seu/lugar/ e Flicts correu o mundo:**



imagem 37-FLICTS, 2ª edição, Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970, p. 40, 41, 42 e 43.

Apresentando bandeiras de diferentes países observo que *Flicts* não pertence a lugar nenhum, portanto não tem nacionalidade e por isso procura se inserir trabalhando para alguma nação, tornando-se presente na sua bandeira.

Na imagem 36 observa-se uma bandeira suspensa no espaço, possuindo as cores Azul, Branco e Vermelho em faixas simétricas, ela exclui a cor interessada em participar da composição. Observo também, que na imagem 37 as páginas são muito mais intensas com linhas e formas, misturando-se e formando uma dinâmica com vários sentidos.

Nas páginas seguintes cabe uma pausa explicativa para as movimentações editoriais. Para a página 26 *“Pelos países mais bonitos”*, temos algumas observações a fazer. Até a 20ª edição de 1984 a editora Melhoramentos trazia impressa nesta página a bandeira da Inglaterra como mostra a imagem 38, a

mesma imagem do projeto inicial de Ziraldo. Porém encontramos na 21ª edição, 1985 e nas seguintes, até hoje, a bandeira do Brasil impressa na página 26. Juntamente com esta novidade Ziraldo lança pela editora Melhoramentos o livro: “A Fábula das três cores”, foi uma espécie de explicação para o público leitor, sobre o real motivo da ausência da bandeira brasileira no livro *Flicts* até então .



imagem 38 – Flicts, 20ª edição, Melhoramentos, 1984, p. 26 e

FLICTS, 2ª edição, Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970, p. 44 e 45 .

### **Pelos países mais bonitos**

## **A FÁBULA DAS TRÊS CORES**

---

Este livro resenha o símbolo nacional, a bandeira do Brasil. Ziraldo usa duas cores primárias, azul e amarelo, e uma terciária: o verde, que nasce da mistura delas e, a partir da perspectiva abstrata, recompõe a identidade do país no contexto fabular. A preocupação crítica que dirige a composição estética do autor assegura o reaparecimento do símbolo no universo criativo; não é gratuito que a bandeira redesenhada não tenha nem as estrelas nem a inscrição central. Ao realizar este projeto, Ziraldo recupera a imagem nacional, atrelada ao símbolo. Abaixo, segue o texto informativo que Ziraldo escreveu, referindo-se ao tempo que a bandeira não lhe pertenceu, à época da ditadura no Brasil.

“Eu era menino, vivia entre os livros do escritório do meu pai, mas já desconfiava enormemente dos livros chamados *cívicos*. Ou seja: os livros que, nas entrelinhas de suas histórias, queriam me ensinar a obedecer, a ser bem comportado, a respeitar os mais velhos, a temer a autoridade, a ser bem educado, essas coisas. Eu gostava era das historinhas que me encantavam e não me cobravam nada. Acho que foi aí que descobri que ia ser humorista: eu desconfiava de todas as *verdades* que queriam me impor.

Olha que a pressão era grande! Com toda esta desconfiança, era impossível para eu deixar de me *ufanar* pelo meu país. Vivíamos sob o governo de Getúlio Vargas e o nosso Grupo Escolar estava sempre cheio de fotos muito simpáticas com o sorriso do ditador brasileiro, com todas as criancinhas do Brasil indo a ele. E éramos obrigados a nos orgulhar de nossa terra, ainda que, metades dos meus amigos de infância tenham morrido de *shistose* ou de ameba. Mesmo assim, nós marchávamos cheios de patriotismo no “Dia da Raça”. Pobre raça a nossa! Na última parada em que eu marchei mais de dez menininhos desmaiaram sob o sol forte de setembro.

Cresci e virei desenhista. E criei muitos símbolos, aprendendo a conviver com eles. De toda esta vivência infantil, uma coisa ficou marcada em meu peito (!): uma paixão emocionada pela bandeira do Brasil. Lembro-me que, toda a vez que eu a via nas enciclopédias, lá no alto da página, entre as bandeiras da Bolívia e da Bulgária, eu não tinha dúvidas: ela era a mais bonita de todas. Não tinha nem pra Inglaterra nem pro Japão!

Bem jovem ainda, fui pela primeira vez à Europa numa excursão de universitários mineiros. E fui visitar nosso cemitério dos pracinhas em Pistóia. Eu ia olhando a paisagem italiana, morros e campos, árvores e céu e pensando que era bonito ver, lá fora do ônibus, uma paisagem que não era a da minha terra. De repente, numa curva da estrada, eis que me aparece tremulando lá no alto, contra o céu azul da península, a bandeira do Brasil. Caí no choro, na maior emoção, não deu pra resistir, como é que eu ia resistir se no “Dia da Raça” o porta-bandeira do desfile era eu? Imagine se eu tivesse ido pra guerra? Tinha morrido abraçado na bandeira. De chorar!

Depois, o tempo passou e eu fiz meu primeiro livro infantil, chamava-se *Flicts*. E era a história de uma cor que percorria o mundo em busca de seu lugar. E na hora do *Flicts* visitar o lugar mais bonito do mundo eu queria botar lá a bandeira do Brasil, claro. Ela é que era a mais bonita. Não deu. Naquela época, 1969, a bandeira não me pertencia. Ninguém podia *amar* a bandeira do Brasil, naquela época. Tínhamos que respeitá-la. Só que aqueles que queriam que nós as respeitássemos confundiam respeito com medo. E aí, nós tínhamos medo de um pai severo, que obriga a que o respeitemos em troca de gritos e chineladas. Fiz, então, o *Flicts* sem verde, amarelo ou azul. Mas fiquei muito frustrado. Foi aí que de repente, me ocorreu a idéia de fazer esta fábula. Para resgatar minha bandeira da infância, minha bandeira da Enciclopédia, minha

bandeira de Pistóia. Eu acho que o ato de amar implica em verbos parecidos com enrolar-se, enroscar-se, envolver-se, viver junto, dormir junto, abraçar, gostar muito. Não se ama o que se teme. E agora, tenho esperanças de que uma nova era se inicie no Brasil. Uma era em que possamos sair por aí, com a bandeira da nossa terra fazendo parte do nosso corpo e da nossa alma – uma camiseta de verão – uma coisa íntima e muito respeitada, pois que a amamos por ser símbolo da terra onde nascemos.

Aí está minha fábula. Quem achar que eu escrevi um livro cívico que vá plantar batatas. Não quero ensinar nada a ninguém. Sou apenas um rapaz (?) latino-americano que hoje sabe que tem – e assume inteiramente o adjetivo – um *acendrado* amor pela pátria.” (1985:31).





imagem 39 – Ziraldo, *A fábula das três cores*, 1985.

A imagem 39 mostra páginas do livro “*A fábula das três cores*”, podemos observar que Ziraldo optou pela geometrização, trazendo formas e cores que remetem nossa percepção da bandeira brasileira, no entanto compõe também esta obra imagens figurativas que valorizam faces do Brasil por meio de belíssimas fotos que Ziraldo toma emprestado; elas reproduzem potencialidades brasileiras naturais e a imagem do país culturalmente construída e cultivada. Vale lembrar que no momento em que este livro é lançado ao público brasileiro – início de 1985- há uma grande esperança envolvendo todo país. Esperança de dias melhores, novos tempos.

Justificada a mudança na página vinte e seis, a gosto do autor/artista, prosseguirei com as análises.



imagem 40 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 26 e 27.

### **Pelos países mais bonitos / Pelas terras mais distantes**



Imagem – 41 -FLICTS, 2ª edição, Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970, p. 40, 41, 42 e 43.

Cada bandeira escolhida por Ziraldo (Brasil, Japão, Índia e Congo) é apresentada na parte superior da página, dividindo o espaço ao meio, a narrativa verbal se apresenta na metade inferior, sobre o Branco. Esta configuração é nova, pois no projeto inicial as bandeiras apareciam dispostas em páginas duplas e suas inscrições sobre a imagem.



imagem 42 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 28 e 29.

### **Pelas terras mais antigas / Pelos países mais jovens**



Imagem – 43 -FLICTS, 2ª edição, Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970, p. 46, 47, 48 e 49.

E assim mais uma fase da personagem se passa sem sucesso algum. Nas bandeiras as cores primárias juntamente com a secundária verde, configuram os espaços com dinamismo e com múltiplas variações de formas e sentidos.

Nesta parte do livro, Ziraldo se utiliza das inconstâncias que a natureza mostra em seus ambientes no tempo e espaço. Aborda as nuances do mar, tendo como referência diversas partes do planeta Terra.



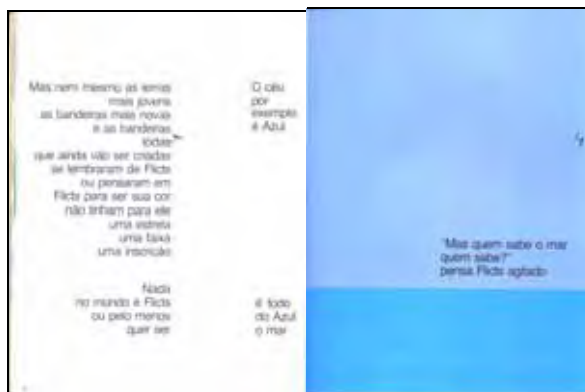


imagem 44 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 30 e 31.

**Mas nem mesmo as terras / mais jovens / as bandeiras mais novas / e as  
bandeiras / todas / que ainda vão ser criadas / se lembraram de Flicts / ou  
pensaram em / Flicts para ser sua cor / não tinha para ele / uma estrela /  
uma faixa/uma inscrição / Nada no mundo é Flicts / ou pelo menos / quer  
ser /**

**O céu / por exemplo é Azul / é todo / Azul / o mar /  
“Mas quem sabe o mar / quem sabe?” / pensa Flicts agitado**



Imagem – 45 -FLICTS, 2ª edição, Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970, p. 50, 51, 52 e 53.

Nas páginas quarenta e oito e quarenta e nove da 2ª edição, Ziraldo mostra as circunstâncias políticas que o aflingiram na época, ele compôs a página com o círculo azul, o mesmo que aparece nas páginas da *Fábula das três cores*, no entanto ele evidencia a ausência das estrelas e da inscrição cortando a forma ao meio, e entre as formas e com letras garrafais a narrativa: “uma estrela, uma faixa, uma inscrição”.



imagem 46 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 32 e 33.

**“O mar é tão inconstante”**

**”É Cinzento / se o dia é /Cinzento / como / um imenso / lago / de chumbo”**



Imagem – 47 -FLICTS, 2ª edição, Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970, p. 54, 55, 56 e 57.

Na 52ª edição Ziraldo configura o mar utilizando 1/4 da página, com as cores Azul, Verde, Cinza e Vermelho respectivamente, Somente na cor Azul ele tonaliza numa das páginas, ou seja, apresenta o azul em outro tom, nos 3/4 restantes como numa escala de valores. Nas outras páginas a configuração apresenta os 3/4 em Branco, com reflexões da personagem inscritas ora horizontalmente, ora verticalmente. A composição verbal irregular provoca peso no lado direito inferior da página, contrapondo com a forma que ao mesmo tempo em que altera sua cor, não muda de forma, gerando certa ansiedade, pela instabilidade cromática que compõe as quatro páginas.



imagem 48 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 34 e 35.

**“E muda / com o sol /ou a chuva /Negro / salgado ou /Vermelho”**  
**O mar / é tão / inconstante / tem /tantas /cores / o mar / Mas / o pobre / do**  
**Flicts / suas /cores /não dão /lugar**  
**E o pobre Flicts / procura / alguém / para ser seu par / um companheiro /um**  
**amigo /um irmão / complementar / em cada / praça e jardim / em cada /rua e**  
**esquina: / ”Eu posso ser /seu amigo?”**  
**”Não” / avisa o / Vermelho/ ”Espera” /o Amarelo diz / ”Vai embora” / lhe**  
**manda o / Verde /**  
**e mais uma vez, sozinho Flicts se vai**



Imagem – 49 -FLICTS, 2ª edição, Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970, p. 58, 59, 60 e 61.

Agrupadas por semelhança, numa abordagem uniforme e coerente, diferenciadas apenas pela cor, ao centro do espaço Branco da página, as cores Vermelho, Amarelo e Verde direcionam sua vibração e compatibilidade de

opinião para a narrativa verbal localizada ao pé da página. Com o efeito do peso sofrido pelas cores unidas, e coerentes, a narrativa muda sua fonte para um tamanho menor encerrando assim, sua terceira etapa na história.

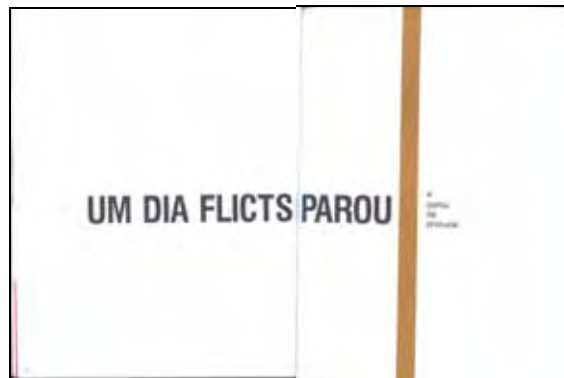


imagem 50 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 36 e 37.

### **UM DIA FLICTS PAROU e / parou /de / procurar**

Uma estreita faixa atravessa com ênfase vertical a uniformidade do espaço Branco, com a percepção acumulada na estrutura da memória, esta ação perturba gerando estranheza, provocando o destaque para sua ousadia, com forma plana e estável pela cor, sua posição gera estagnação, não demonstra a intenção de sequência, ao mesmo tempo, direciona seu próximo movimento. Dividindo o espaço, este numa configuração horizontal, a forma o separa em dois tempos: antes (lado esquerdo) e depois (lado direito), o antes é tomado por uma narrativa verbal em letras garrafais enfatizando o choque, a pausa, a não ação. E o depois (lado direito), disposto em 1/3 da página, numa narrativa oprimida, quase silenciosa, representada por fontes em caixa baixa dando a sensação de pausa, respiração, preparação para uma nova ação. E assim a personagem caminha para sua quarta etapa da sua trajetória.

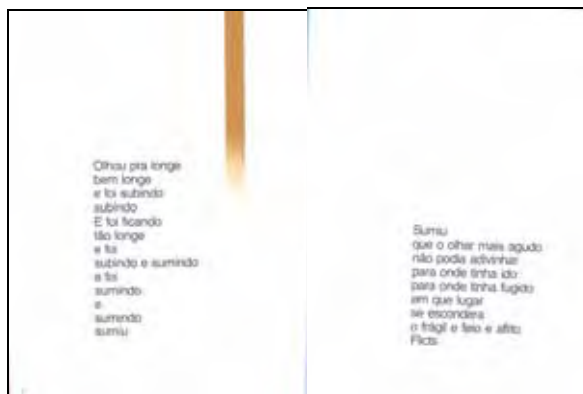


imagem 51 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 38 e 39.

**Olhou pra longe / bem longe / e foi subindo / subindo / E foi ficando / tão  
longe / e foi / sumindo/ e / sumindo / sumiu  
Sumiu / que o olhar mais agudo / não podia adivinhar / para onde tinha ido  
/ para onde tinha fugido / em que lugar / se escondera / o frágil e feio e  
aflito / Flicts**

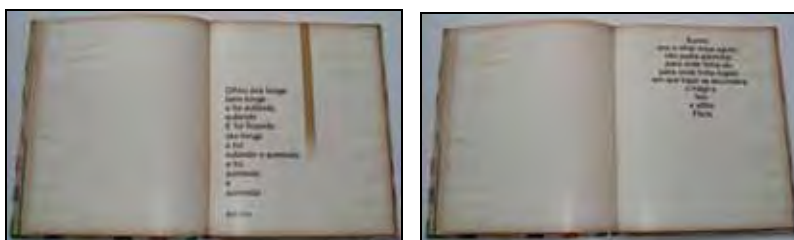


Imagem – 52 -FLICTS, 2ª edição, Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970, p. 64, 65, 66 e 67.

O vôo simbólico de *Flicts* é configurado pelo sentido de expansão da lucidez e da sensibilidade da cor personagem, sua referência física gradativamente se deforma, gerando tensão no campo visual por comparação, pois está sendo alterada, numa escala de valores a cor se decompõe com o Branco, cor que lhe acompanhou em toda sua trajetória e sutilmente some, este estado gera movimento e direção pela instabilidade da cor. Na página seguinte, a princípio um espaço Branco, não há sequência visual, sabe-se somente que *Flicts* não existe mais, partiu, num sentido sutil e vertical saiu do suporte para outra

dimensão. Observo que a narrativa verbal da página sessenta e três da 2ª edição é configurada em forma de estrela, sugestiva comunicação indicativa do plano assumido pela personagem. Inicia-se, então, uma nova história no tempo atual marcada pelo hoje.

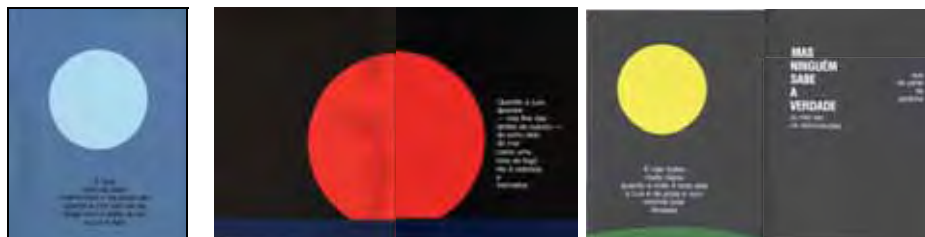


Imagem 53 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p.40, 41, 42, 43, 44 e 45.

**E hoje / com o dia claro / mesmo com o sol muito alto / quando a Lua vem  
de dia / brigar com o brilho do sol / a Lua é Azul  
Quando a Lua / aparece/ -nos fins das / tardes de outono- / do outro lado /  
do mar / como uma / bola de fogo / ela é redonda / e Vermelha  
E nas noites / muito claras / quando a noite é toda dela / a Lua é de prata e  
ouro / enorme bola Amarela  
MAS / NINGUÉM / SABE / A / VERDADE / (a não ser / os astronautas)  
Que /de perto /de pertinho**



Imagem – 54 -FLICTS, 2ª edição, Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 1970, p. 68, 69, 72, 73, 74 e 75.

A dimensão plástica destas páginas, na inter-relação verbo-visual, contribui para a síntese da linguagem e o movimento narrativo dinâmico. Observa-se a carga de informações sobre as faces cíclicas da lua, pelas mudanças de cores e contrastes, luz e escuridão, tons suaves e fortes, dimensão das formas por

proximidade e distanciamento, movimentação variável nas páginas, criando determinadas perspectivas e planos referenciais de observação, a lua em referência ao céu, mar e terra, a variação da imagem em relação direta com o tempo e lugar. As cores primárias voltam a ser evidenciadas e são configuradas em conformidade das suas sensações. A atualização temporal demonstra uma mudança discursiva muito importante, porque se passa do “Era uma vez...” para algo determinado, real. O passar do tempo proporcionou novos conhecimentos, gerando novas descobertas.

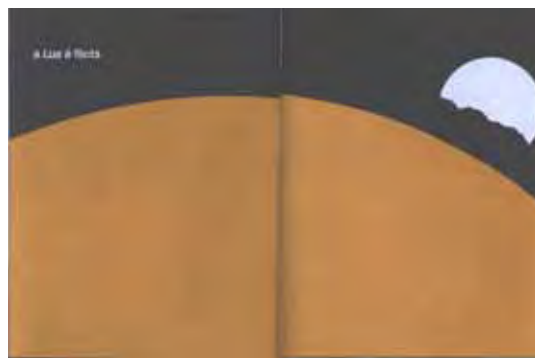


imagem 55 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p.46 e 47.

### **a Lua é Flicts**

Ao contrário das páginas anteriores, esta página traz uma forma arredondada em primeiro plano que ocupa mais de 3/4 do espaço em cor terrosa, contrastando com fundo preto. No segundo plano temos uma forma semelhante de cor azulada e sua base encontra-se deformada, sugerindo continuidade do objeto. A inter-relação dos planos sugere a dimensão de profundidade entre as formas. Com esta imagem cria-se um outro ambiente, pois o percurso de Flicts só existiu para aqueles que não tinham o conhecimento, pois a “verdade” sempre esteve presente. Contudo, apenas um

grupo detinha este saber, e a história se encerra com um argumento de autoridade, Um astronauta (o primeiro homem que pisou na lua) revela a verdade, pois ele tem a credibilidade, visto que esteve no local.

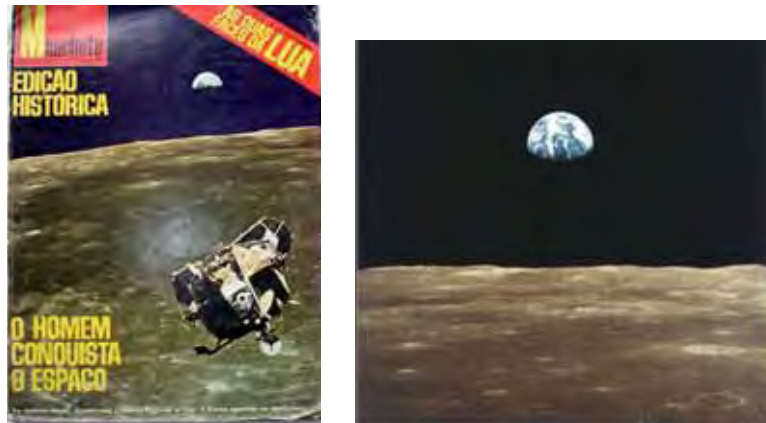


imagem 56 – Imagens do pôr-da-terra vistas da Lua, 1969.<sup>16</sup>



imagem 57 – Os astronautas da Apollo 11 (da esquerda para a direita): Neil A. Armstrong (comandante), Michel Collins (comandante piloto) e Edwin E. Aldrin Jr. (piloto lunar), agosto de 1969.<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Revista MANCHETE, Edição Histórica, Rio de Janeiro, 1969, capa e p.32.

<sup>17</sup> THE HISTORY PLACE. **Apollo 11, July 1969**. USA, 1999. Disponível em : <http://www.historyplace.com/unitedstates/apollo11/index.html>. Acesso em: 25 jan 2007.



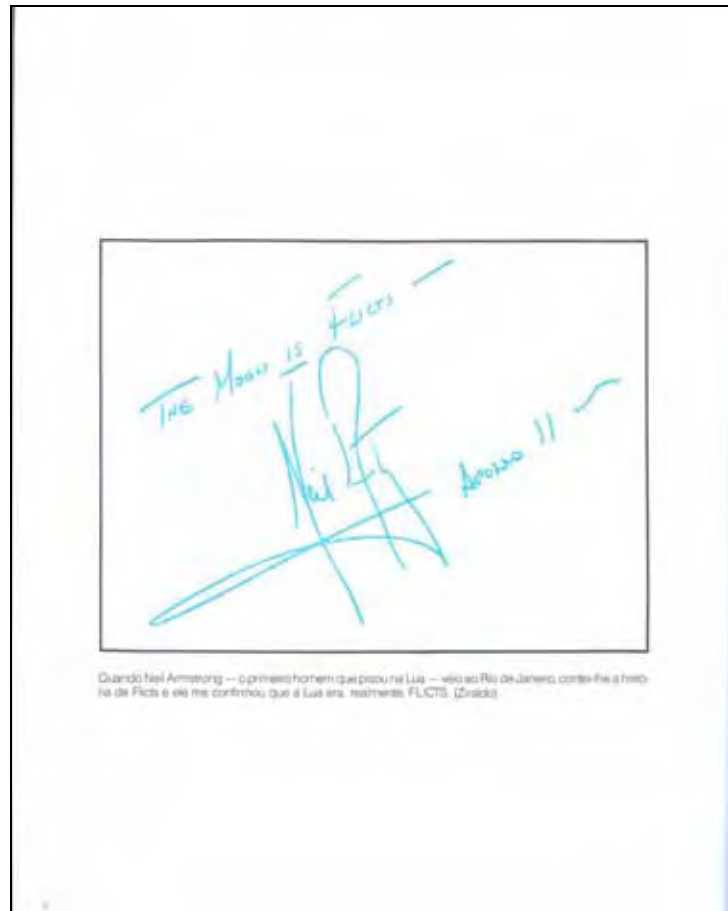
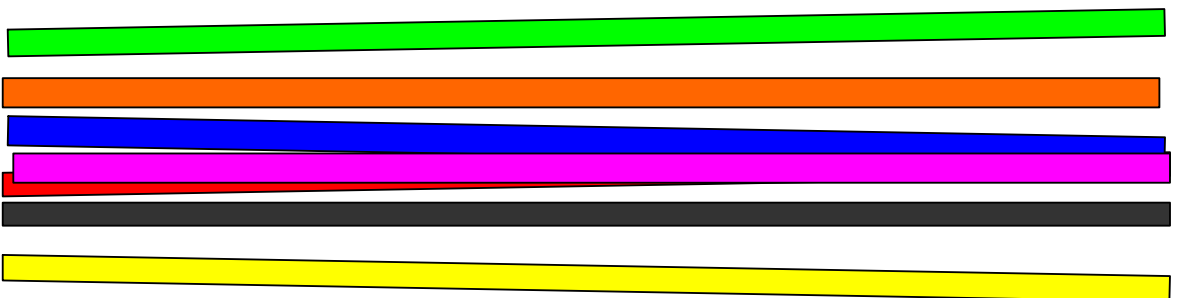
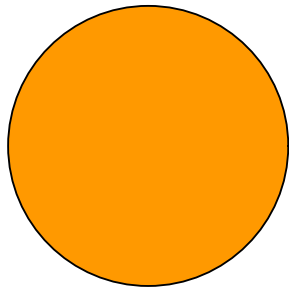


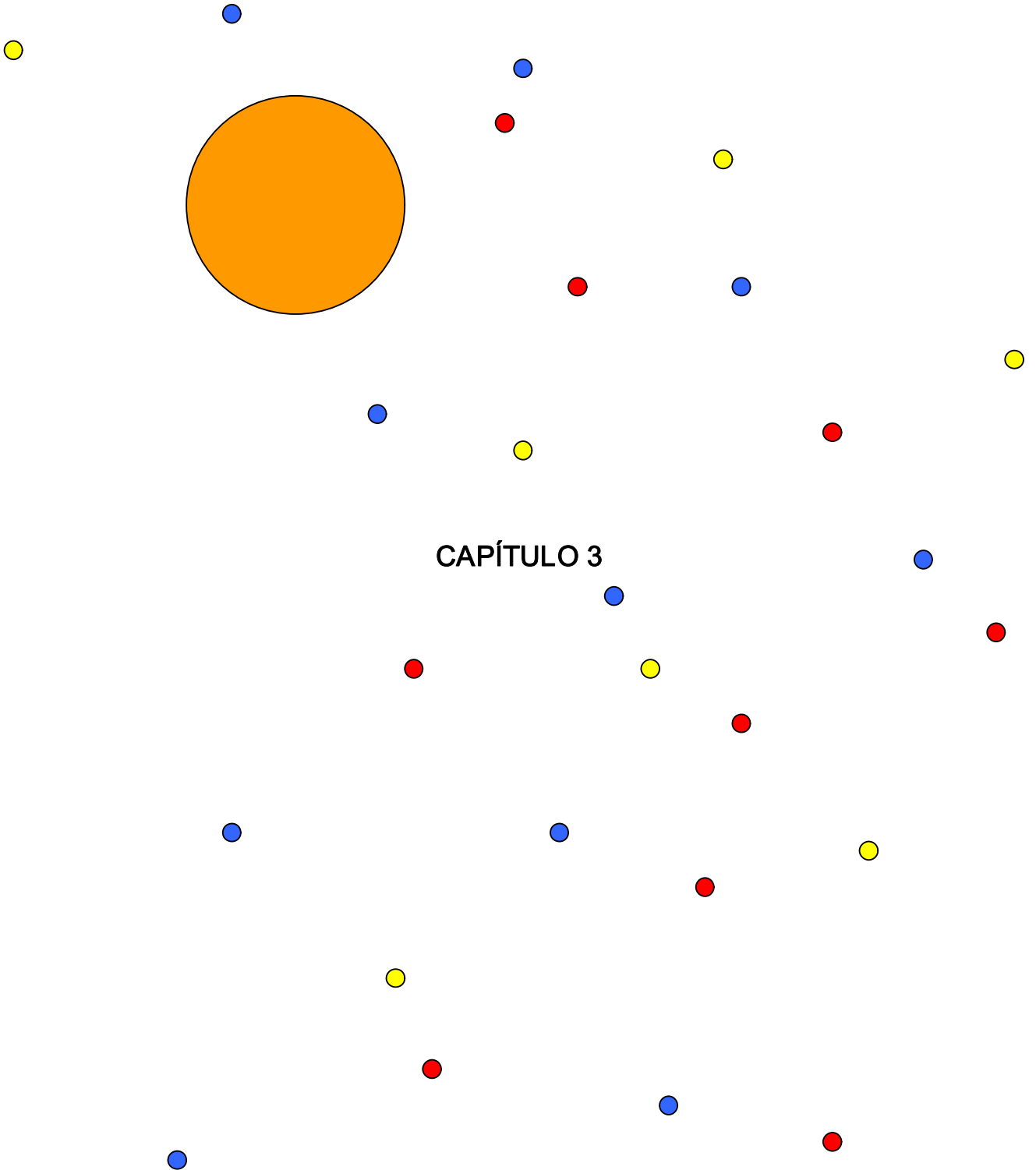
imagem 58 – FLICTS, 52ª edição, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 2005, p. 48.

**Quando Neil Armstrong – o primeiro homem que pisou na lua, veio ao Rio de Janeiro, contei-lhe a história de *Flicts* e ele me confirmou que a Lua era realmente, FLICTS. (Ziraldo)**





CAPÍTULO 3



## LEITOR - Livro - Leitura

---

“Ler as letras de uma página é apenas um de seus muitos disfarces. O astrônomo lendo um mapa de estrelas que não existe mais; o arquiteto japonês lendo a terra sobre a qual será erguida uma casa, de modo a protegê-la das forças malignas; o zoólogo lendo os rastros de animais na floresta; o jogador lendo os gestos do parceiro antes de jogar a carta vencedora; a bailarina lendo as notações do coreógrafo e o público lendo os movimentos da bailarina no palco; o tecelão lendo o desenho de um tapete sendo tecido; o organista lendo várias linhas musicais simultâneas orquestradas na página; os pais lendo no rosto do bebê sinais de alegria, medo ou admiração; o adivinho chinês lendo as marcas antigas na carapaça de uma tartaruga; o amante lendo cegamente o corpo amado à noite, sob os lençóis; o psiquiatra ajudando os pacientes a ler seus sonhos perturbadores; o pescador havaiano lendo as correntes do oceano ao mergulhar a mão na água; o agricultor lendo o tempo no céu – todos eles compartilham com leitores de livros e a arte de decifrar e traduzir signos. Algumas dessas leituras são coloridas pelo conhecimento de que a coisa lida e criada para aquele propósito específico por outros seres humanos – a notação musical ou os sinais de trânsito, por exemplo – ou pelos deuses – o casco da tartaruga, o céu à noite. Outras pertencem ao acaso.” (MANGUEL, 1997:19).

Considerando que as imagens pesquisadas estão inseridas no objeto livro, e que as análises propostas neste capítulo serão levantadas a partir da leitura e percepção do livro *Flicts* por crianças em idade escolar, vejo a necessidade de ressaltar as particularidades que envolvem a leitura, a fim de refletir rapidamente sobre o acesso ao livro e suas narrativas.

## A CULTURA DA LEITURA

---

Sendo que as narrativas chegam às crianças por meio da voz do adulto que é o contador de histórias, Cecília Meireles (1979: 66) afirma que a literatura tradicional, entendida aqui como a popular, é a primeira a instalar-se na memória da criança, ela representa o primeiro livro, antes mesmo da alfabetização. Para grupos sociais iletrados, pode até ser o único texto escutado. Neste caso, o contador realiza a mediação, propiciando à criança a interação com os conflitos vividos pelas personagens. Com o aparecimento do livro como objeto, a figura do narrador aos poucos foi reduzida e com o surgimento da escrita e da transferência da oralidade para a escrita, ocorre um distanciamento entre o texto e o leitor, que antes era ouvinte, pois não há mais o contato direto entre contador e ouvinte. A situação da mediação propiciada pelo contador é substituída por aspectos visuais como o planejamento gráfico e, mais especificamente pela narrativa visual. O texto então passa pela instância de mediação do olhar. Portanto, a imagem aparece na literatura infantil como linguagem de acesso mais imediato, auxiliando o leitor a interagir com a palavra. As duas linguagens compartilham o mesmo suporte e na narrativa visual predomina a imagem figurativa.

Assim, a imagem no livro que apoia a narrativa verbal ganha o sentido de arte pelo o seu aprimoramento estético e como veículo de atualização cultural pela imagem, solidificando a sua posição de parte integrante das diversas manifestações da linguagem visual, que se instala no texto como um todo de sentido.

Diante de um objeto qualquer, de uma obra de arte, ou de um livro, apreendemos suas qualidades por meio da percepção e da espontaneidade inicial de adesão ou descaso, de um gostar ou não. Mas na medida em que a compreensão avança, que a frequência e o aprofundamento com que as imagens ocorrem, o olhar e gostar são modificados, porque esse é um saber que se amplia. O contato e o diálogo com a visualidade em suas múltiplas formas criam e transformam estruturas internas e promovem o refinamento das abstrações.

O instante mágico, momento único e pessoal de prazer que se inicia na infância, quando o leitor é seduzido inicialmente pela visualidade, pelo reconhecimento figurativo e movido pela curiosidade e ativação da fantasia. A visualidade propicia a imersão à literatura infantil, pois tem na imagem um primeiro elemento mediador e orientador, e através da utilização do pensamento concreto e dependente das próprias experiências e da sua relação com o mundo, faz ingressar no ambiente fantástico.

Segundo Vygotski (2000), com o desenvolvimento da linguagem, a criança passa a sofrer a mediação dos conteúdos culturais e, sua percepção é fortemente influenciada pelos aspectos sociais; de igual modo, seu conhecimento sobre o mundo e suas experiências vivenciadas são frutos de um contexto social.

O leitor, que até bem pouco tempo foi tratado como um aprendiz da linguagem verbal, hoje se defronta com a complexidade das múltiplas linguagens num mesmo suporte de leitura e ainda, pela sua intuição, aprende a

atribuir sentidos e significados para o que lê. Paulo Freire (1992) aponta a primeira leitura, como aquela que se dá diretamente para a explicação do mundo e apresentada como um diálogo com a natureza e em todas as possibilidades de relação entre os sujeitos e seus produtos culturais.

Depois da invenção da fotografia e do cinema, o mundo nunca mais seria o mesmo, como já nos alertava Benjamin (1984), com certo otimismo. O século XX tem sido considerado como o século da imagem – aquele que registra, informa e expressa os acontecimentos, fatos e idéias com impacto e rapidez impensáveis. Nas sociedades contemporâneas, cada vez mais, a imagem se infiltra nos sistemas de comunicação e educação. Portanto, torna-se impossível desconsiderar a necessidade da alfabetização visual do cidadão, tendo como premissa que ainda temos altos índices de analfabetismo que assola vários países inclusive o nosso. A este respeito, escreve João Batista de Almeida Junior, (1997: 14):

“Cada vez mais a existência cultural do homem contemporâneo situa-se no plano da comunicação visual por imagens. Psicólogos, antropólogos, epistemologistas e educadores são unânimes em afirmar que a maioria absoluta das informações do homem moderno recebe, direta ou indiretamente, lhe vem pelas imagens.”

Essa nova configuração das relações culturais pressupõe a formação de leitores que não assimilem passivamente as informações visuais. Ao contrário, produzem leituras críticas, atentas aos elementos de manipulação e mistificação das imagens que circundam por todos os lados, sejam estas estáticas ou em movimento, associadas ou não ao som ou à escrita.

“Um elemento salva o interesse mesmo nas obras mais antiquadas e tendenciosas: a ilustração. Esta furtou-se ao controle das teorias filantrópicas e artistas e crianças entenderam-se rapidamente, passando por cima das cabeças dos pedagogos.” (BENJAMIN, 1984 : 50)

Outro ponto importante a ser considerado nesta reflexão diz respeito ao período de glória alcançado mundialmente pela ilustração de livro no final do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX, decorrente das pesquisas realizadas no campo por grandes nomes das artes plásticas da época. Foi nesta passagem de século que a imagem no livro pode reviver o status perdido desde que, o manuscrito foi substituído pelo volume impresso na indústria tipográfica. Livros ilustrados por Doré, Goya, Delacroix, William Blake, Daumier, Toulouse-Lautrec, Miró, Picasso, Chagall, Max Ernst, foram tão cultuados e apreciados que acabaram se tornando objetos cobiçados por colecionadores do mundo inteiro, devido a poesia das imagens estampadas sobre suas páginas.

Graças às novas técnicas de impressão, surgidas no começo do século XX, que permitiam conservar intactos os originais, as ilustrações passaram a ser difundidas e comercializadas com muito mais frequência e intensidade pelas galerias de arte. Toda esta movimentação em torno da imagem no livro, acabou contribuindo para notabilizar a figura do ilustrador, que viria a encontrar no livro infantil, um terreno fértil a ser explorado.

Depois deste período de intensa efervescência que envolveu a ilustração literária em uma aura de magia e encantamento, muitos artistas decidiram dar um salto, além de tomar para si o papel de protagonistas, dando início à criação de livros como objetos de arte. O livro, de suporte, do verbal impresso, passou a

ser visto como um volume no espaço, num encadeamento de momentos, numa estrutura autônoma espaço-temporal sequencial (PLAZA:1982). Veríamos despontar então, em várias partes do mundo, uma nova espécie de livro: os chamados *livros de artista*. Concebidos como objetos de *design*, teriam como precursores maiores: Willian Blake, Mallarmé, William Morris, Delacroix, a vanguarda européia e a vanguarda russa. E das propostas iniciais com livro ilustrado, surgiriam o poema-livro, o livro-objeto, o livro-conceitual, o livro-documento, o livro-intermídia e muitas outras vertentes exploradas por aqueles que tomam o livro como suporte para suas poéticas visuais.



## A NARRATIVA VISUAL NOS LIVROS INFANTIS

---

O livro para crianças constitui-se de um suporte para um texto verbo-visual composto de texto e imagem. Nesta composição ele exige que seu leitor seja capaz de ler palavras e imagens com a mesma interação.

Sendo a narrativa visual uma linguagem que o leitor percebe e interage, podemos ressaltar que suas funções não se restringem apenas ao código verbal, mas podem contemplar também outros sistemas de signos.

A imagem no livro infantil, assim como qualquer imagem, tem significados próprios, independentemente do texto que a acompanha. É comum ler ou ouvir, falar da imagem como se ela fosse apenas um acompanhamento do texto, como se ela fosse incapaz de “falar” por si própria. Essa hipótese leva o leitor a buscar na ilustração apenas os significados do texto, restringindo sua compreensão, pois sendo assim, aquilo que a imagem “diz” e não está contido no texto não é percebido.

Seria então a imagem um texto?

Segundo as propostas de Leonor Lopes Fávero e Ingedore G. Villaça Koch, existem dois conceitos sobre *texto*: um *lato* e um *stricto*. Em sentido amplo, o termo *texto* designa “toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, etc), isto é, tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos.” Já no sentido *restrito*, “o texto consiste em qualquer passagem, falado ou escrita,

que forma um todo significativo, independente de sua extensão.”(FÁVERO; KOCH, 1994: 25).

Uma razão para abordar a imagem como texto é procurar diminuir o preconceito em relação à imagem, essa questão cultural que vê na imagem apenas significados óbvios, que não exige “leitura”, reflexão e estudo.

Para o estudioso Luis Camargo (1995), a imagem no livro pode desempenhar algumas funções narrativas, são elas:

- 1) **Função Representativa:** a imagem tem função representativa quando imita a aparência do objeto ao qual se refere;
- 2) **Função Descritiva:** a imagem tem função descritiva quando detalha a aparência do objeto representado. Entre a função representativa e a função descritiva não há propriamente diferença de natureza, mas de grau;
- 3) **Função Narrativa:** a imagem tem função narrativa quando situa o objeto representado no tempo, por meio de transformações (no estado do objeto representado) ou ações (por ele realizadas);
- 4) **Função Simbólica:** a imagem tem função simbólica quando orientada para um significado sobreposto – e, nesse sentido, secundário – ao seu referente, mesmo que arbitrariamente, como é o caso dos animais que representam times de futebol ou partidos políticos, etc.;
- 5) **Função Expressiva:** a imagem tem função expressiva quando orientada para o emissor (o produtor da imagem), revelando seus

sentimentos e valores, bem como quando ressalta os sentimentos e valores do ser representado;

- 6) Função Estética:** a imagem tem função estética quando é orientada para a sua forma. Essa orientação pode ser de dois tipos: um, sintático e outro, semântico. A orientação de tipo sintático ocorre quando a imagem enfatiza sua configuração visual, ou seja, a configuração de seus elementos visuais – linha, forma, cor, luz, espaço, etc. – agenciando repetições, alternâncias, simetrias, contrastes, etc. A orientação de tipo semântico ocorre mediante a utilização de *figuras de linguagem* que enfatizam ou alteram o significado da imagem, como a hipérbole, a metáfora, a metonímia e a personificação. Na linguagem visual, a *hipérbole* corresponde aos procedimentos de exageração; a *metáfora* corresponde a transformações da imagem por meio de relações de similaridade, por exemplo, a imagem de um pimentão na praia, em anúncio de protetor solar, para sugerir a idéia de “ficar vermelho como um pimentão”, a *metonímia* corresponde aos casos em que um ser é representado por uma imagem que tem com ele uma relação de contiguidade, como, por exemplo, a representação de parte de um determinado ser para referir-se ao ser inteiro, a personificação é a atribuição de características humanas a animais, vegetais, objetos, bem como idéias abstratas;
- 7) Função Lúdica:** a imagem tem a função lúdica quando orientada para o jogo (incluindo-se o humor como modalidade de jogo), seja em relação

ao *emissor*, ao *referente*, à *forma da mensagem visual* ou mesmo em relação ao *destinatário*. Assim a imagem enfatiza o jogo em relação ao *referente* quando apresenta situações cômicas; enfatiza o jogo à *forma de mensagem* quando incentiva a participação do leitor, por exemplo, configurando-se como jogo;

- 8) **Função Conotativa:** a imagem tem função conotativa quando visa influenciar o comportamento do observador, por exemplo, por meio de procedimentos persuasivos (na propaganda) ou normativos (por exemplo, na sinalização do trânsito, em que sinais gráficos – como linhas e formas geométricas – e ícones determinam ações);
- 9) **Função Metalinguística:** a imagem tem função metalinguística quando orientada para o código, no caso, a linguagem visual, ou seja, quando o referente da imagem for a linguagem visual ou a ela diretamente relacionada, como situações de produção e recepção de mensagens visuais, citação de imagens, etc.;
- 10) **Função Fática:** a imagem tem função fática quando orientada para o canal, ou seja, o suporte material da imagem;
- 11) **Pontuação:** a imagem tem função de pontuação quando orientada para o texto no qual – ou junto ao qual – está inserida, sinalizando seu início, seu fim ou suas partes, nele criando pausas ou destacando elementos. Essa função é exercida especialmente para capitular e pela vinheta.

Portanto, a imagem pode representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, brincar, persuadir, normatizar, pontuar, além de chamar atenção para sua configuração, para seu suporte ou para a linguagem visual. Da mesma forma como ocorre na linguagem verbal, as mensagens visuais podem combinar várias funções.

Contudo, penso que há uma dicotomia entre consumidores e fruidores nas características da literatura infantil. Por hipótese, os leitores não são trabalhadores; dependem por isso, de algum tipo de mediação adulta para ter acesso aos livros. Essa dicotomia é complexa e não pode ser resolvida deixando-se a escolha dos livros infantis às crianças, até mesmo porque livros são objetos culturais que só funcionam dentro da comunidade de leitores. Os objetos culturais não têm significados neles mesmos, são veículos – ou portadores – de significados estabelecidos pela comunidade nos quais circulam. Nesse sentido, talvez o significado dos livros infantis não esteja tanto no uso que a criança faz deles, mas nas mediações propiciadas por diferentes espaços e mediadores, em casa, na escola, em bibliotecas, etc.

## NA ESCOLA, COM *FLECTS* E AS CRIANÇAS

---

Muito se fala sobre a importância de se desenvolver o prazer, o gosto pela leitura, mas pouco se reflete sobre o modo como se dá o processo de recepção dos produtos culturais pelas crianças. Comenta-se muito sobre a inadequação à determinadas faixas etárias, certos temas, estilos de música, imagem e linguagem, tamanho de texto e formato de letras, mas um número reduzido de pessoas se dispõe a ver, ouvir e analisar a interação mediada pelo outro – que se estabelece entre a criança e o livro, o desenho animado ou mesmo a obra de arte no museu.

“O mundo da criança sofreria, em decorrência, consequências fatais. Aquilo que lhe era vital foi sendo, pouco a pouco, tomado: o quintal, a rua, o jardim, a praça, a várzea, o espaço-livre. E essa tomada do real tenta-se compensar com o simbólico. A capacidade de readaptação do capitalismo é excepcional. É nesse sentido, pois, que ao roubo do espaço, ao bloqueio lúdico, oferece-se à criança, como substituição, a possibilidade dela viver através de produtos culturais aquilo que lhe é negado no real. Instaura-se a miséria no cotidiano e tenta-se remediá-la com produtos que promovam o ajustamento a esse cotidiano reduzido, com estruturas de consolação.” (IANNI, 1976 : 22).

Durante a minha carreira como educadora, ilustradora e fruidora em arte, e, principalmente na minha prática docente, percebi que algumas questões me intrigavam, e funcionavam como combustível para minhas pesquisas internas e perceptivas, por exemplo: como comunicar, sensibilizar e interagir com o leitor por meio da imagem, seja ele criança, jovem ou adulto? E ainda saber se ele irá interagir comigo por meio da sua percepção e canal de comunicação?

Foi pesquisando sobre livro-objeto e imagem no livro infantil, que conheci o livro *Flicts*, uma obra prima de Ziraldo. Hoje ele é o meu objeto de pesquisa

nesta dissertação e para encerrá-la, escolhi refletir a sua leitura por crianças de oito anos de idade neste terceiro capítulo. Fui a campo observar como seria a recepção do livro *Flicts* por estas crianças, habituadas como elas estavam a terem livros figurativos, apostilas didáticas, cartazes pedagógicos, como reagiriam ao ler imagens figurais?

A opção metodológica foi pela realização de uma pesquisa qualitativa-descritiva, que me permitisse analisar e correlacionar dados como meio facilitador do encontro de crianças de oito anos de idade com o imaginário literário, no momento da leitura do livro *Flicts*.

Apresentei o livro *Flicts* para oito crianças com oito anos de idade, a fim de observar suas leituras e fruição do objeto estudado. Segundo Piaget, (1967) estas crianças encontram-se no terceiro estágio de desenvolvimento, ou seja, no período das operações concretas.

Neste período que se estende dos 7 aos 11 anos de idade, as operações mentais da criança ocorrem em resposta a objetos e situações reais. A criança usa a lógica e o raciocínio de modo elementar, mas somente os aplica na manipulação de objetos concretos. Nas tarefas de classificação de objetos tem como base de referência: cor, forma e tamanho. Nesta fase a criança tem uma noção mais avançada de classes, em sentido abstrato. Compreende as relações entre classes e subclasses, reconhecendo que um objeto pode pertencer a duas delas simultaneamente. Também aprende termos de relação: maior, menor, direita, esquerda, mais largo, etc. No entanto, a criança ainda não pensa em termos abstratos, nem raciocina a respeito de proposições verbais ou

hipotéticas. Assim, ela experimenta com dificuldade os problemas verbais. “ (...) o espírito tendo tomado consciência de cada um dos fatores não mais isoladamente, mas em suas relações com os outros, todos agem ao mesmo tempo sobre o conceito e há síntese e hierarquia.” (PIAGET, 1967: 157).

A pesquisa de campo foi realizada no primeiro bimestre de 2006, no Colégio das Américas, localizado na Água Branca, bairro de classe média alta da cidade de São Paulo, que costumava atender, anualmente, aproximadamente duzentos alunos matriculados no ensino fundamental I, no período matutino (das 7h30 às 12h00).

Fisicamente a unidade do ensino fundamental I compreende um andar com seis salas de aula e dois banheiros, num edifício que mantém seis andares distribuídos entre o ensino fundamental II e ensino médio e ainda, no período vespertino ministra cursos livres de diversas modalidades e à noite ensino superior em várias áreas. O colégio oferece ainda, uma biblioteca ampla, um refeitório, sala de informática, duas quadras esportivas, piscina, um auditório para palestras e apresentações dos alunos, bem como um grande pátio com cantina no piso térreo.

Talvez seja interessante revelar que escolhi trabalhar no Colégio das Américas, motivada, principalmente, pelo fato de ter realizado meu estágio final para o curso de magistério, em 1998 nessa unidade de ensino, ocasião em que fui a muito bem recebida pela direção, educadoras, coordenadoras e funcionários. O que não foi diferente desta vez, quando retornei com o propósito de enriquecer minha pesquisa para a dissertação de mestrado. Deram-me livre



acesso para desenvolver meus estudos por duas horas no período da tarde com as crianças que frequentavam o curso livre de teatro. No total foram oito alunos sendo um menino e sete meninas com idade de oito anos. Foi muito importante ter um grupo reduzido de crianças, pois foi possível criar um ambiente que favoreceu o diálogo e a troca de informações, bem como suas experiências estéticas, possibilitando a captação de toda complexidade de interações dos leitores entre si e com o livro *Flicts*.

As sessões de leituras foram programadas da seguinte forma, respectivamente:

- 1) Leitura, percepção e fruição observadas em leitura individual com o livro em papel;
- 2) Leitura do livro em papel, sua percepção e fruição observadas num processo de mediação por um arte-educador seguida de oficina de arte;
- 3) Leitura, percepção e fruição observadas por meio de cd-room, no qual a história do *Flicts* é sonorizada e animada contendo ainda atividades lúdicas interativas.

Acredito que seja importante ressaltar que no grupo de oito crianças, somente duas tinham irmãos, três moravam com os pais, uma somente com o pai, e quatro somente com a mãe. Dentro de um perfil social, as profissões dos pais eram: odontologista, empresários, pedagogo, corretor, ouvidor e terapeuta.

## SESSÃO LEITURA

---

### PARTE 1

Foi iniciada a sessão leitura com cada criança manuseando um livro *Flicts*. Todos começaram a leitura juntos. Alguns murmuravam a narrativa verbal, outros se entre olhavam, num ar de ansiedade. Outros iniciaram a leitura do final do livro para o começo, ou seja, foi uma leitura livre, espontânea.

Até que ouvi os primeiros protestos:

- \_ Mas professora, quando é que começam as figuras? Que chato!
- \_ Não tem figuras!
- \_ É para ler até o final?
- \_ Não tem graça nenhuma...

Algumas crianças desistiram de continuar a leitura quando perceberam que se tratava de um objeto-livro diferente do convencional. Esse fato me deixou um pouco preocupada. Até que uma criança começou a ressaltar suas leituras:

- \_ Nossa! Tem um arco-íris! Eu já ví um arco-íris!
- \_ Professora, você já viu um arco-íris?

E outra criança já atropelando diz:

\_ Eu já ví um arco-íris, ele aparece depois da chuva quando ainda tem sol.

Percebi que a sessão leitura começava a ser salva...

- \_ Olha, tem uma lua *Flicts*!
- \_ Professora, o que é uma lua *Flicts*?

Silêncio coletivo...

Observei as reações neste momento e constatei que as crianças buscavam respostas para suas percepções, elas se entre olhavam muito, queriam saber se os colegas também estavam estranhando tal leitura. Neste momento sentí a necessidade de intervir, mediar a leitura, provocar suas percepções. Então, foi aberta a segunda parte da sessão leitura.

## PARTE 2

Depois de manuseado o livro *Flicts* e as primeiras leituras efetuadas, propus uma nova leitura, voltada para as qualidades essencialmente visuais. Neste momento mediei a leitura. O livro estava em minhas mãos, nos sentamos no chão em forma de círculo e iniciamos o processo. Percebi muita ansiedade neste momento, como se eu fosse revelar algo muito precioso para eles. No entanto, meu interesse circundava em algumas questões:

- Qual seria o estilo de imagem preferido por elas?
- O que, em termos visuais seria valorizado ou desprezado pelas crianças?
- Quais seriam as reflexões a respeito do processo de feitura das imagens?
- Que aspectos seriam levados em consideração quando solicitasse que comparassem as imagens entre si?

Denise Escarpit, explica que “ler bem” significa não somente se prender à literalidade da imagem, mas se voltar igualmente para o seu significado conotativo, isto é, ao seu valor estético e artístico que faz nascer outros mundos:

“Todos os estudos realizados sobre a imagem sublinham seu caráter de ambiguidade. A imagem tem como que dupla natureza. Por um lado descrevendo a realidade, apresenta-nos um mundo imediato, percebido pela razão, mas por outro, é profeta de um outro mundo pata além das margens do

conhecimento racional. E Lévi-Straus fala dos dois níveis de organização da imagem, o dos objetos representados e o da composição pictural da qual fazem parte. O significado da imagem é também duplo: por um lado, o significado denotativo que traz informações semânticas, por outro lado o significado conotativo, que traz informações estéticas.” (ESCARPIT, 1979:79).

Essa análise mais atenta das qualidades formais e expressivas das imagens contidas em *Flicts*, acredito, pode vir a contribuir para um projeto maior de prevenção contra a solidificação de um gosto voltado para o realismo e o virtuosismo técnico que impedem os leitores de estarem abertos para apreciar obras que não estejam enquadradas neste padrão estético.

Imprescindível, por isso, é que as produções visuais sejam analisadas tanto na sua condição de coisa material como em seus aspectos representacionais (OSBORNE: s/d). Importante, também é atentar para o fato de que as imagens corporizam um modo de ver; ver à visão do criador deve ser reconhecida como parte integrante do registro visual (BERGER, 1972); e que, portanto, o consumo efetivo das obras visuais pressupõe uma ação dialética que dê conta de pensá-las a partir de questões específicas da linguagem e de produção.

“Essa leitura mais atenta, voltada para o processo de criação, implica novas possibilidades de entendimento e discernimento da imagem, nenhum trabalho criativo em arte ou ciência existe plenamente para nós se não o tomarmos como artefato fabricado, se não o recriarmos em nossa imaginação.” (BRONOWSKI, 1983: 116).

Considerar a estrutura formal (configuração, cor, linha, espaço, equilíbrio, forma, luz, movimento, etc) durante a mediação no processo de leitura da imagem parece mesmo essencial se levarmos em conta o fato, de que são

justamente os elementos espaciais os entes verdadeiramente responsáveis por tornar *legíveis* tanto as obras mais remotas como a produção contemporânea, uma vez que o “conteúdo expressivo das obras de arte não se articula de maneira verbal, através de palavras, e sim de maneira formal, através de formas. São sempre as formas que se tornam expressivas.” Conforme nos explica Fayga Ostrower, (1987: 23).

Pensando num modo de discutir com as crianças aquilo que seus olhos observavam na narrativa visual, e ao mesmo tempo liam na narrativa verbal, bem como percebiam e entendiam os problemas de composição, estilo, técnica e gosto pessoal, decidi propor-lhe as seguintes questões:

- \_ **Vocês conhecem o autor do livro *Flicts*?**
- \_ **Vocês já leram outra obra do autor?**
- \_ **Há alguma diferença entre suas obras?**
- \_ **O que tem de diferente?**
- \_ **Vamos conhecer o livro *Flicts*, e saber o que Ziraldo pensou quando o fez?**

Conversamos sobre outras obras de Ziraldo e fizemos um rápido levantamento do repertório do autor naquele grupo, realmente eles conheciam Ziraldo por meio de outras obras, no entanto, não posso deixar de admitir que este momento de discussão dos assuntos referentes a natureza da imagem em um livro e em outro do mesmo autor acabou contribuindo para intensificar a relação das crianças com o livro e com o autor, conforme pude observar em inúmeras ocasiões. Era como se o olhar do pequeno leitor fosse despertado

para além da visão imediata, tornando-se mais penetrante, atento, reflexivo, capaz de estabelecer novas relações e de estipular uma quantidade maior de semelhanças e diferenças entre as imagens perante as narrativas verbais.

Isto talvez se justifique pelo fato de que, por mais simples que possa parecer, o treino modesto de enumerar e descrever o que vemos numa imagem, poderá conduzir-nos à descoberta de coisas importantes sobre as quais não nos daríamos conta à primeira vista, mesmo acompanhado da narrativa verbal.

“Longe de ser um registro mecânico de elementos sensórios, a visão prova ser uma apreensão verdadeiramente criadora da realidade – imaginativa, inventiva, perspicaz e bela. Tornou-se evidente que as qualidades que dignificam o pensador e o artista caracterizam todas as manifestações da mente. Os psicólogos começaram também a ver que este fato não era coincidência: os mesmos princípios atuam como um todo. Toda percepção é também pensamento, todo raciocínio é também intuição, toda observação é também invenção.” (ARNHEIM, 1998: introd.).

Numa primeira etapa, apresentei-lhes o livro página a página, fizemos uma primeira observação silenciosa, calma, não houve nenhuma interferência oral, eu somente mostrava as páginas abertas, do começo ao fim. Em seguida, como um segundo momento, recomecei a leitura narrando as inscrições verbais, de forma bastante interpretativa. Olhos estalados e brilhantes me acompanhavam. Desta vez, observei maior simpatia pelo livro, algumas crianças interagiram na leitura observando dados importantíssimos na narrativa visual que simbolizavam a trajetória da cor personagem. Ficaram indignados com a ação das outras cores personagens que excluía *Flicts* de participar de qualquer ação. E por fim chegamos a um terceiro momento da leitura, onde

detalhamos página a página, sobre as cores, suas impressões, as formas, dimensões, sobreposições, configurações, equilíbrio, intensidade, espaços, dinâmicas, etc. Foi um momento ímpar na compreensão da narrativa que até então se encontrava perdida num complexo de estranheza perante este novo objeto. Muitos comentários solidários foram direcionados à Flicts, mas ao mesmo tempo muitas identificações foram atribuídas às cores, tais como, as representações como jardim, a caixa de cor e até mesmo das bandeiras, estas realmente fizeram sucesso entre as preferências das crianças.

Para Michael Parsons, autor de *Compreender a Arte*, (1992: 37 a 43), o exame das partes, depois de ter saboreado o conjunto, parece bastante interessante em se tratando de um projeto de educação estética. Atentando para os pormenores, encontraremos sempre possibilidades novas de rever a nossa compreensão do conjunto, num jogo de ir e vir, que pode tornar mais complexa a leitura pictórica – que vai da percepção global ao trajeto mais analítico, mais voluntário e reflexivo, permitindo ao leitor penetrar cada vez mais fundo em camadas significativas do texto visual.

Estas reflexões me mostraram que através da discussão de questões voltadas para a essência visual das imagens, pois eram essas que intrigavam as crianças na leitura, elas poderiam se sentir estimuladas para reviver o percurso do artista no ato da criação, incluindo-se aí suas escolhas formais, suas influências e diálogos com as outras produções.

Ao verbalizarem suas percepções e compartilhá-las com seus pares, encontrarão ricas oportunidades para refletir sobre o que ainda não

compreenderam e, também, para tornar mais complexas e abrangentes os sentidos, idéias e impressões. Após estas reflexões as crianças foram encaminhadas para a oficina de desenho onde puderam expressar por meio da imagem a compreensão das leituras realizadas. Vale lembrar que os nomes que identificam os desenhos são fictícios a fim de preservar a identidade das crianças.



## OFICINA DE DESENHO

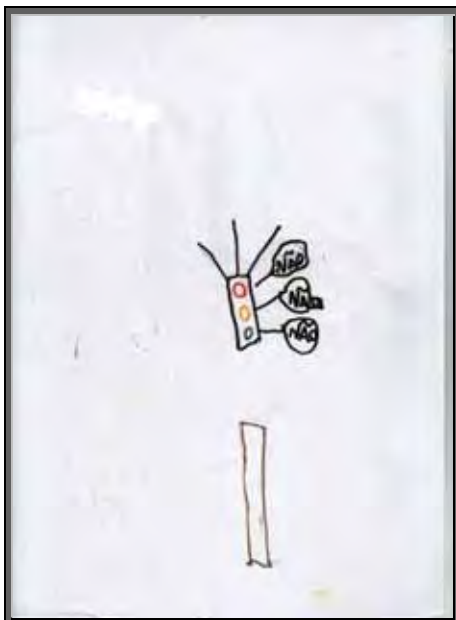


imagem 59: Flicts no farol -desenho feito por Isabela, uma menina com oito anos de idade.

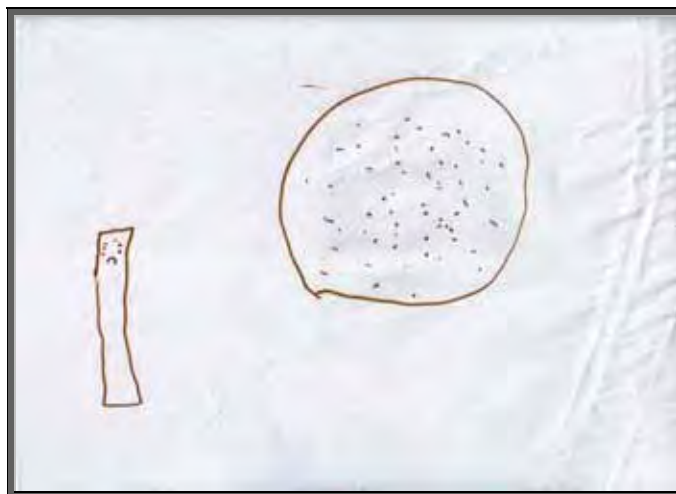


imagem 60 : A lua é Flicts -desenho feito por Jaqueline, uma menina com oito anos de idade.



imagem 61: Flicts - desenho feito por Gabriela, uma menina com oito anos de idade.

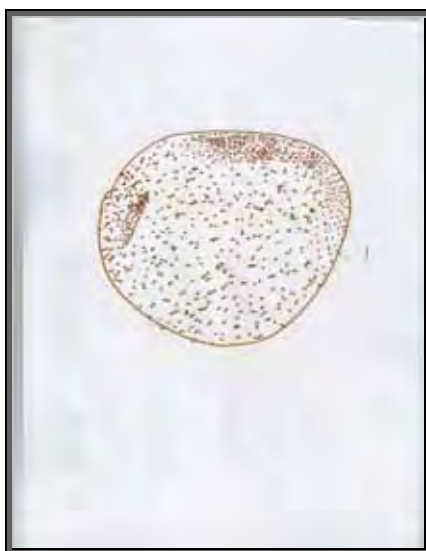


imagem 62 : A lua é Flicts - desenho feito por Paloma, uma menina com oito anos de idade.



imagem 63 : As cores no farol - desenho feito por Angélica, uma menina com oito anos de idade,

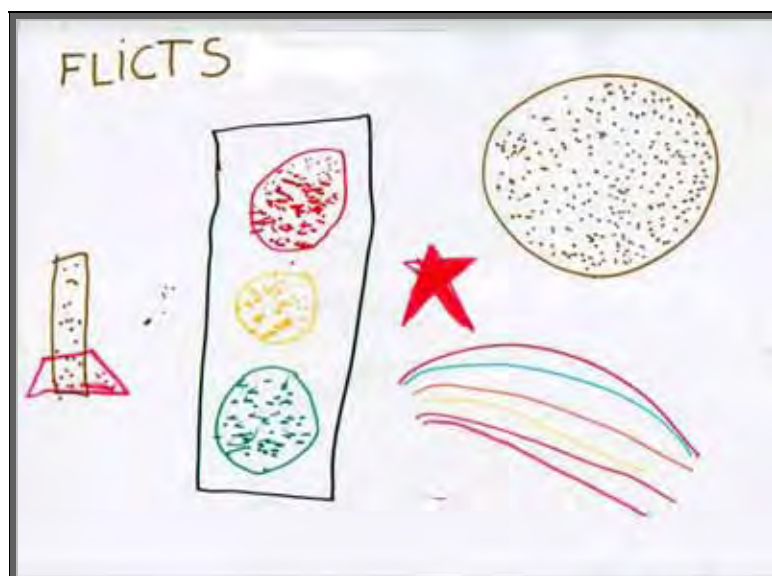


imagem 64: Flicts - desenho feito por Rosana, uma menina com oito anos de idade.

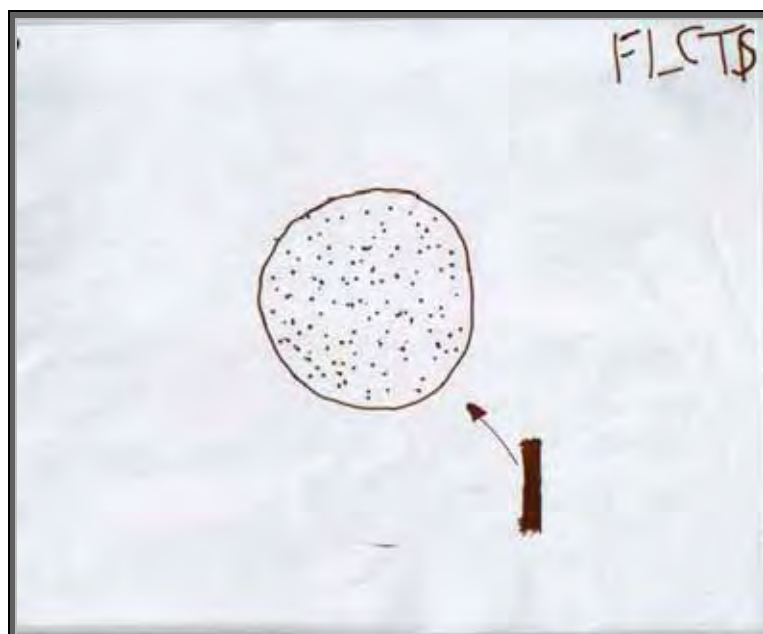


imagem 65 : A lua é Flicts - desenho feito por Adriana, uma menina com oito anos de idade.

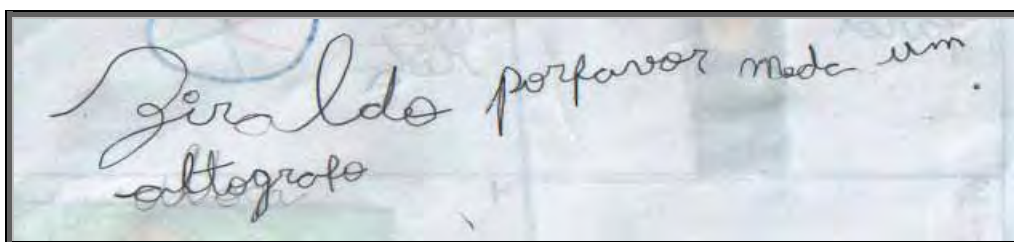


imagem 66: Bilhete para Zivaldo 1 – Escrito por Angélica, uma menina com oito anos de idade.

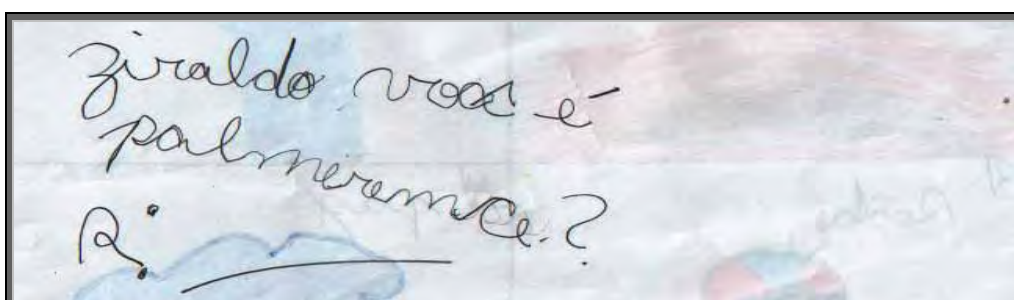


imagem 67 : Bilhete para Zivaldo 2 – Escrito por Rosana, uma menina com oito anos de idade.



imagem 68 : Desenho 9 – Flicts no gol com a camisa do time do São Paulo – desenho feito por Carlos, um menino com oito anos de idade.



imagem 69 : Flicts sumindo – desenho feito por Carlos, um menino com oito anos de idade.

## FLICTS MULTIMÍDIA

---

### PARTE 3

Muito me alegrou quando soube da existência de um livro multimídia de *Flicts*. Lançado pela Editora Melhoramentos no início dos anos 90, o CD-ROM traz todo o contexto do livro enriquecido com música e animação. O leitor pode acessar a história em quatro idiomas: inglês, alemão, espanhol e português, assim como, interagir com o livro através de símbolos e palavras-chave que aparecem em cada página, no modo interativo da história. Este material foi apresentado para as crianças, que o receberam com muito entusiasmo, acessaram todas as partes do cd incansavelmente. A cada página descoberta era motivo de comemoração. Após a sessão multimídia as crianças pediram para desenhar as bandeiras que viram no CD-ROM, pois nele são apresentadas bandeiras de todos os países do mundo, como 2006 foi um ano de copa do mundo, talvez isso tenha estimulado as crianças para produzirem os símbolos de cada país.

A embalagem do CD-ROM traz a imagem da capa das primeiras edições de *Flicts*, Ed. Expressão e Cultura, 1969.



imagem 70: CD-ROM *Flicts*, e livro *Flicts*, 2ª edição, 1970



imagem 71: CD-ROM Flicts, embalagens.

As imagens que seguem são algumas referências do conteúdo do CD-ROM, elas contêm o traço inconfundível de Ziraldo em suas ilustrações, abrangendo múltiplos significados no desenrolar das páginas. Neste trabalho foi inserido também algumas relevâncias encontradas no livro “A Fábula das três cores”, onde Ziraldo valoriza a fauna e a flora brasileira em comparação com a bandeira nacional. Personagens como *O Menino Maluquinho*, *O Bicho da Maçã* e outros, também são encontrados neste trabalho, além disso, o editorial mesclou páginas das primeiras edições com páginas modificadas nas edições pós anos oitenta, portanto, este trabalho além de ser um resumo geral da trajetória de *Flicts* é também uma coletânea do projeto gráfico de Ziraldo para *Flicts* em todas as suas possibilidades e edições. As sessões de leitura e principalmente a sessão multimídia foram muito enriquecedoras e valorizaram o processo e o acesso à fruição do leitor, possibilitando múltiplas leituras que podemos realizar, cada uma com sua importância respectivamente.



imagem 72: Cd room Flicts – imagens das páginas



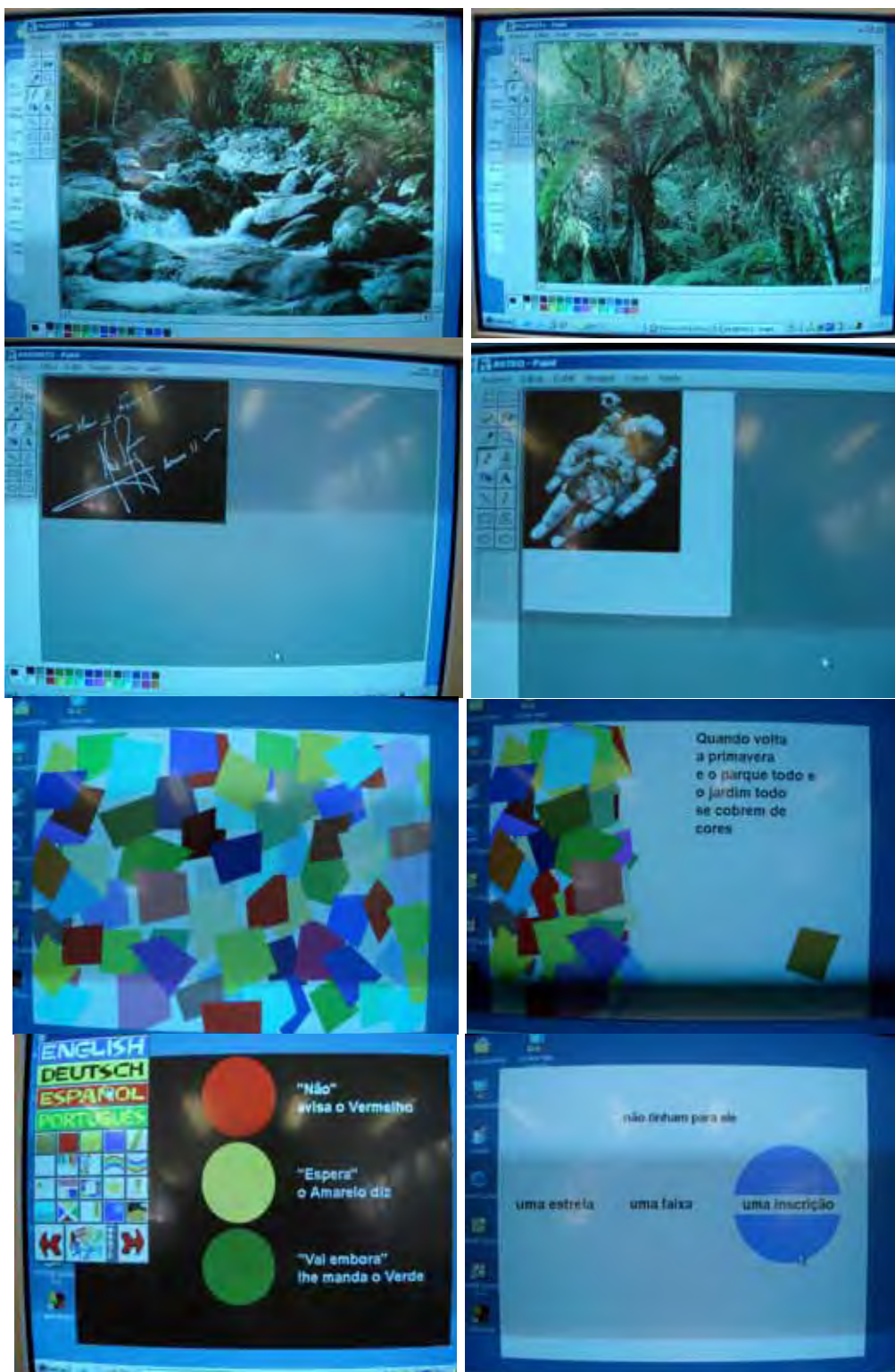


imagem 73: Cd room Flicts – imagem das páginas



imagem 74: Bandeiras – desenho e pintura coletiva / oficina.

**NÃO**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A razão mais significadora que sustentou esta pesquisa, foi o desejo de exploração da capacidade humana que nos faz surpreender sempre e que renova os modos de ver, pensar, ler e expressar, para ressignificar um assunto, uma questão, um autor, uma obra, um objeto, enfim.

Ao escolher uma obra literária de Ziraldo como objeto de estudo, sabia que ela se apresentava com um gama considerável de possibilidades intrerpretativas, porém me apoiei num ponto básico que auxiliou na delimitação e a exploração do tema: o lugar inaugural ocupado pela obra do autor na história da literatura infantil e juvenil brasileira, em decorrência da multiface das linguagens e da concepção do objeto-novo. Entretando ampliei as interpretações, priorizando a leitura e análise da concepção artística da obra, suas modificações a cada edição e editora, bem como a leitura perceptual por crianças com oito anos de idade e suas interpretações.

O sentido de busca da identidade, que constatamos na trajetória da personagem *Flicts*, prima pela vitória de forças libertárias, que, em jogo com forças opostas, exercem tensões de proveito quanto à crítica, à ficção e à linguagem poética, tão explorada por Ziraldo.

A compreensão do literário contemplando o texto verbal e visual, no qual o sentido é gerado pela inter-relação entre as narrativas, sob as quais se constrói as obras zirdianas, faz surgir, amadurecer e crescer a produção editorial no

Brasil, onde não são poucos os livros que merecem a qualificação de obras-primas.

A composição nova, contemporânea e para muitos tida como complexa que vemos em *Flicts* faz parte de um universo privilegiado, considerando a especificidade do livro infantil, que pode ser definido pela interposição de códigos, produtora da ação de representações simbólicas e muitas vezes complementar no processo da interação das múltiplas linguagens.

Com relação as duas reedições de *Flicts* ( Editora Primor/1976 e algumas da Editora Melhoramentos à partir de 1984, com exceção da edição comemorativa), comparadas à original, de 1969, Editora Expressão e Cultura, me deparei com modificações severas, algumas afetando aspectos gráfico-visuais e por sua vez a narrativa simbólica que Ziraldo concebeu em seu projeto gráfico inicial; lamento que medidas de economia adotadas pelas editoras tenham alterado a concepção estética original da obra.

Reconhecendo que o diferencial inovador representado por Ziraldo na Arte do seu país, incluindo a de fazer livros, levando em conta a criação de *Flicts* que foi considerado um livro único, um livro-objeto, um livro de artista pelo seu valor estético, e obras que surgiram a partir de *Flicts*, garante-lhes status inaugural e uma acolhida bastante abrangente, nacional e internacionalmente, onde sua literatura e sua habilidade plástica seja conhecida pela originalidade do seu modo de escrever-desenhar-fazer livros, anunciando e guardando lugar na produção editorial brasileira, e principalmente, exercendo a liberdade em arte,

trilhando o seu próprio caminho, insurgindo , pela criatividade, contra formalidades e convenções. Assim, como Ziraldo avalia:

“(...) não sigo tendências, não obedeco moda, não faço pesquisa de mercado pra ver o que devo escrever para agradar. Na verdade faço livros para a minha alegria pessoal. (...) o que me alegra (...) se parece com o que alegra os brasileiros como eu que, graças a Deus, são muitos (...)” (ZIRALDO, 1996: 10).

Se nesta oportunidade de pesquisa consegui avançar alguns pontos em prol da arte, muitos outros poderão ser retomados ou prosseguidos, a partir dos limites desenvolvidos aqui. Penso que esta pesquisa cumpre o seu papel, deixando margem para a continuidade, para novas surpresas, rumo ao caminho do conhecimento. Vislumbrar possibilidades de novas descobertas e revelações poéticas a serem desvelados sobre a obra *Flicts*, enobrece. Que cada leitura presente seja um raio de luz, uma nova consciência enriquecida com as maravilhas da percepção humana em direção à grande temporalidade.

**Bibliografia:** 

---

ABDALA JR, Benjamin.et CAMPADELLI, Samira Youssef. Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico, *ZIRALDO*. São Paulo: Abril Educação, 1982.

ALMEIDA JUNIOR, João Batista. *Imagem e conhecimento: análise das concepções representacionista e fenomenológica e suas implicações*. Campinas, SP: 1997. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de Campinas.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Flicts, o coração da cor . In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 de ago de1969.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. Trad. Ivone Terezinha de Faria, São Paulo: Pioneira, 1998.

BELINKY,Tatiana, PERROTI, Edmir, Mertem, Luiz Carlos et al. *A produção cultural para a criança*. 4ª edição, org. Regina Zilbermam. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança e o brinquedo, a educação*. São Paulo: Ed. Summus, 1984.

BERGER, John (org.). *Modos de ver*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

BRONOWSKI, Jacob. *Arte e Conhecimento: Ver, Imaginar, Criar*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil*. 3 ed., São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAMARGO, Luís. *Ilustração no livro infantil*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Donis A. Dondis ; [ tradução Jefferson Luis Camargo]. – 2ª edição. – São Paulo : Martins Fontes. 1997. – (Coleção a)

FÁVERO, Leonor Lopes. et KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística textual* : introdução. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Série gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, 9).

FERNANDES, Millôr – “Prefácio” - PINTO, Zélio Alves. *Ziraldo 40/55 – Itinerários de um artista gráfico*, – Rio de Janeiro: Ed. Salamandra, 1988.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. em três artigos que se complementaram. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ESCARPIT, Denise. A imagem e a criança. In: THIBAUT-LAULAN, Ane Marie. *A imagem e a comunicação*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. São Paulo: Ed. Edgar Blucher, 2ª edição, 1986.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 1991.



GOES, Lúcia Pimentel. *Olhar de descoberta*. São Paulo: Paulinas Ed., 2003.

GOMBRICH, Ernest Hans. *Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GOMES FILHO, João. *Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma*. São Paulo: Escrituras, 2000.

IANNI, Otávio. *Imperialismo e cultura*. Petrópolis: Vozes, 1976.

LINS, Guto. "O mundo Zira". In: *Nova Dimensão*, Uberaba, nº 28, novembro de 2000.

LOWENFELD, Victor Brittain, W. Lambert. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 1979.

MUNARI, Bruno. *Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. *Concretismo, Discutindo Literatura*, São Paulo: Escala Editorial, nº 2, 2006.

OSBORNE, Harold. *A apreciação da arte*. São Paulo: Cultrix, (s.d.).

OSTROWER, Fayga. A construção do olhar. In: NOVAES, Adauto. (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PARSONS, Michael. *Compreender a arte*. Lisboa: Presença, 1992.

PEDROSA, Mário. *Forma e Percepção Estética: Textos escolhidos II / Mário Pedrosa ; Otilia Arantes (org.)*. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. *Arte/forma e personalidade*. São Paulo: Kairós Ed., 1979.

PIAGET, Jean. *O raciocínio da criança*. Rio de Janeiro: Record, 1967.

PINTO, Zélio Alves - In: "Apresentação" de Ziraldo Alves Pinto, intitulado *Ziraldo 40/55 – itinerário de um artista gráfico* – Rio de Janeiro: Ed. Salamandra, 1988, p. 14.

PINTO, Ziraldo Alves. *Flicts*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1984.

\_\_\_\_\_. *Flicts*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970.

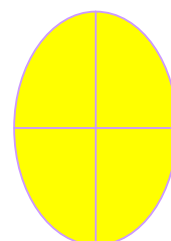
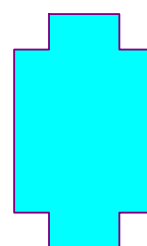
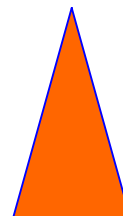
\_\_\_\_\_. *Flicts*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1970.

\_\_\_\_\_. *A Fábula das Três cores*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1985.

\_\_\_\_\_. In: *Jornal do Professor de 1º grau*. Brasília, nº 5, publicação do MEC/INEP, março, 1969, p.4.

\_\_\_\_\_. In: *Jornal Vertente* nº 1, dezembro, 1996, p. 10.

VIGOTSKI, L.S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



## ENTREVISTAS

---

### Entrevista 1:

Ziraldo para revista Literatura Comentada, 1989.

- “Dartagnan e a psicologia do herói provinciano”

LC – Como você explica as atividades múltiplas que desenvolve, dividindo-se pelo desenho de humor, literatura infantil, cartazismo, etc?

Você se considera um eclético?

Ziraldo – Eu quero é abraçar o mundo com as pernas. No meu caso, porém, acho que não é bem eclético. A vontade de falar as coisas, a necessidade de fazê-las e a aflição interior são tudo uma coisa só. Para transmitir isso, nós utilizamos todos os veículos, qualquer meio de comunicação, todas as *mídias*. Eu posso fazer história em quadrinhos, cartazes, anúncios, o que me der na telha, mas todas essas atividades minhas se enquadram dentro do Humor e do Desenho. Estes dois componentes determinam a unidade de meu trabalho.

Sou brasileiro e nós temos carência em quase todos os setores. Não sou norte-americano ou inglês, onde a organização social pede especialização. Não quer entrar na área de ninguém, mas acredito que todos os lugares no Brasil estão para serem ocupados ainda. (...)

- **“ E o rei de espadas era um general”**

**LC – Você vivenciou a atmosfera nacionalista anterior a 1964, que marcou o surgimento do Cinema Novo, da Bossa Nova, construção de Brasília, etc.**

Ziraldo – Sim, inclusive com o *Pererê*, que eu fazia para a revista *O Cruzeiro*. Em torno dos anos 60, havia a expectativa da nacionalização da história em quadrinhos. Nosso editor, para se precaver, resolveu publicar história em quadrinhos nacionais. E convidou o Péricles, O Carlos Estêvão e a mim. Péricles, muito complicado, morreu pouco depois. Carlos Estêvão fez o Dr. Macarra, um cafajeste carioca. Eu fiz o Pererê, saudado com a primeira revista em quadrinhos nacional de um autor só, e já saiu em cores. Durou quase cinco anos e foi uma das coisas mais importantes de minha vida. Depois, com a evolução política, mudou tudo: o último número da revista saiu significativamente em abril de 1964. Tentei retornar com a revista em 1976 com a editora Abril. Achei que poderia fazê-la com uma equipe, mas não deu certo, o preço do volume estaria fora das condições do mercado.

**LC – E depois de 1964?**

Ziraldo – Esta foi a época de minha conscientização política. Fui marcado profundamente pelo golpe militar. Até então eu era uma espécie de humanista

sem maiores preocupações políticas. Fazia cartuns humorísticos, isto é, caricatura e costumes. Só vim fazer charges políticas após o lançamento de *Hay Gobierno?*, livro de Jaguar, Claudius e Fortuna. Nós éramos os quatro discípulos de Millôr Fernandes e, neste livro, eu fui deixado de fora sob o argumento de que não fazia humor político. Isso me deixou assustado, mas logo depois já estava colaborando no *Pif-Paf*, um jornalzinho de crítica editado pelo Millôr. Fui à luta com toda a consciência. Fiz uma capa onde aparece uma carta de baralho: o rei de espadas é um general... Claudius publicou uma charge com uma personagem gritando: “Olha o drops, olha o drops...” e todo mundo saía correndo desesperadamente do cinema, pensando que era o Dops. Nessa época eu continuava no jornal do Brasil com charges políticas, Quanto mais o regime ia se fechando, mais a página ia ficando política. Em 1970, saiu uma charge de meia página que provocou telefonemas, cartas e abraços na rua. Fiz um mapa do mundo e um cara olhando para o céu, apontando para o Brasil e dizendo “Jesus Cristo, eu estou aqui”. Era o título de uma música de sucesso. A dificuldade para dizer o que estava acontecendo era tanta que aquilo foi considerado da maior coragem”. (...)

- **Liberdade, um problema de limites e de resistência**

**LC – Você falou de “resistência”... Não ocorriam pressões dentro do próprio jornal?**

Ziraldo – A gente precisa conhecer os limites. É um negócio de bom senso. Tenho liberdade de fazer meu humor no Jornal do Brasil, mas vou até onde o jornal pode bancar. Aprendi os seus limites e os do *Pasquim*. (...)

#### **LC – Como surgiu a “resistência” do Pasquim?**

Ziraldo – Foi uma resistência pessoal além da política. Se o Pasquim não surgisse, acho que teria ficado maluco. Entre outros cartunistas, velhos e Novos, eu estava entre os velhos. Quando comecei, havia Carlos Estevão e Péricles no *Cruzeiro* e o Borjalo, o Lan e o Appe. Pertenci, como disse, ao grupo do Millôr. (...)

- **À sombra do ato institucional número 5**

**LC – Ziraldo, você sofre a ação direta da repressão política. Foi preso três vezes. Quais foram as consequências?**

Ziraldo - Em um único ano, 1969, eu vivi dez. Foi uma época terrível, mas vista à distância tudo parece cômico. (...) Na noite do AI-5, eu estava no bar Veloso, quando de repente alguém chegou com a notícia: “Deram o golpe!” E aí foi aquele corre-corre para esconder gente. Passei a noite inteira escondendo amigos. Eles é que precisavam se esconder. Eu não. No dia seguinte, os homens invadiram minha casa. Eu estava em casa, desenhando, quando eles chegaram. Fui levado ao Forte de Copacabana. De longe me parece tudo tão ridículo.

(...) Aliás, 1969 foi um ano incrível: fiz o mural do Canecão, que foi reproduzido em várias revistas do mundo, fui o primeiro artista da América Latina a receber

um pedido para desenhar o cartaz da Unicef, ganhei o Oscar Internacional de Humor, houve a fundação do *Pasquim*, a publicação de *Flicts*, de *Jeremias*, o *Bom*. (...)

- **Novas perspectivas, pois “The moon is Flicts”**

**LC – Agora um pouco de sua literatura infantil. Drummond disse que você fez um poema exato com Flicts? Você trabalha muito os seus livros?**

Ziraldito – Eu fiquei muito satisfeito com o comentário de Drummond. É sinal que ele me respeita, não é? Trabalho muito, sim. *O Planeta Lilás*, por exemplo, permaneceu nove anos na gaveta. E quase sempre fico tentado a fazer modificações naquilo que produzo. Eu tenho guardado agora *O Menino mais Bonito do Mundo*. Sei que não está bom, falta alguma coisa (...) Quando escrevo, mando brasa. Depois vou cortando os adjetivos. Com Flicts eu trabalhei em regime de concentração: o editor estava esperando o livro que eu havia prometido. Quando entreguei, ele leu e aconteceu uma cena emocionante. Ele gritava: “Eu quero o melhor papel! Eu quero o melhor acabamento! (...)” Magalhães Pinto, nosso chanceler na época, deu um volume de presente ao astronauta Neil Armstrong que escreveu: “The moon is Flicts”.

O título Flicts é uma interjeição que inventei. Ela apareceu em um desenho da *Supermãe*, publicado no *Jornal do Brasil*. O Vagn usou-a em um texto seu publicado na *Fairplay*, com o título “As Aventuras da Senhora Flicts” e, depois, foi a minha vez de pedir licença ao Vagn para botar o nome no meu personagem. (Campedelli, 1982: 4, 8, 10, 12 e 14).



**Entrevista 2:  
Ziraldo para Claudia Cascarelli na Exposição “Mundo dos Quadrinhos  
2005”**

**Claudia: Ziraldo me conta como é que você pensou o Flicts?**

Ziraldo: Uma vez fui convidado pela Editora Expressão e Cultura, isso por volta de 1969, eu já tinha apresentado à ele alguns trabalhos quando ele me perguntou:

\_ Você não tem um livro pra criança?

E aí eu falei:

\_ Mas é claro, nós todos temos um livro infantil na gaveta! Tenho até mais de um!

O Fortuna, um outro desenhista da minha época, nós sempre ficávamos com a idéia de fazer um livro pra criança e aí o Ferdinando que era o editor disse:

\_ Então me traz que eu quero fazer um livro de capa dura, bonito!

Isso era numa sexta-feira e ele perguntou:

\_ Você pode trazê-lo na segunda-feira?

E eu falei:

\_ Claro!

E então saí, só que eu não tinha livro coisa nenhuma, como é que eu vou fazer um livro infantil sábado e domingo, pra entregar segunda!

Aí eu fui pra casa e disse: Meu Deus! Como é que eu vou fazer?

Tinha que ser um álbum colorido, e tava muito na moda estes livros, e todos os grandes cartunistas que a gente admirava tinham feito livro pra criança, mas eu

tinha que inventar um livro, como é que eu vou desenhar? Mas eu não queria desenhar como todo mundo fez, eu tenho que procurar uma coisa, pra desenhar fada, desenhar bichinho, não vai dar tempo, a não ser que eu fizesse um livro para crianças sem figuras, mas como é que eu ia fazer um livro pra crianças sem figura? Aí eu posso fazer um livro todo colorido, não tem figura, mas tem cor, aí eu faço uma página azul, outra amarela, outra página preta, e vou brincando. (...) E aí quando eu cheguei em casa tive a idéia de fazer o *Flicts*, e no caminho de casa, eu vi o outdoor da revista Manchete, que tinha esta foto (o pôr-da-terra vista da lua), a foto da lua onde mostrava a Terra, e aí me ocorreu a idéia de contar uma história que tinha a cor da Lua, fazer uma história de uma cor que não tinha lugar na Terra e fazer uma história de uma busca, mas nem me ocorreu que eu tava fazendo uma coisa pra ser comparada com *O Patinho Feio*, que é a história da busca, que é uma das estruturas mas recorridas, você tem poucas situações dramatúrgicas, uma delas é a busca da identidade e o encontro com a identidade, e tem quinhentas histórias famosas, e essa é *O Patinho Feio*. Bem, e aí, eu levei o livro pronto na segunda-feira. Consegui fazer porque, fiz com colagem, comprei “contatic” (papel auto colante de várias cores), quando ele acabou de ler o livro, ele levantou aos prantos, fez um escândalo... e disse:

\_ Espera que eu vou falar com o Ferdinando.

Que era o dono da gráfica, quando ele voltou, aí entraram ele e o dono da gráfica, os dois aos prantos e o Ferdinando dizendo:

\_ Meu Deus, eu esperei isso a vida inteira!! Eu quero o melhor papel, eu quero

capa dura!!

E aí eles fizeram o livro, foi um lançamento apoteótico, foi o lançamento mais caro que esse homem fez, eu dei autógrafos das nove da manhã até as duas da tarde sem saída da livraria e aí teve uma festa num clube do Ricardo Amaral, no Rio de Janeiro e eu lembro que, uma coisa curiosíssima, tinha uma banda de música e cantores na porta da livraria. De repente chega o Roberto Campos na livraria, aquela coisa, ele viu que eu fiquei meio constrangido, aí ele foi falar comigo, e disse:

\_ Ziraldo, autografa este livro para meu filho e escreve “aquele abraço”!

Ele quis dizer “aquele abraço”, eu nem olhei pra ele! Depois fiquei sabendo que ele tinha muitos livros de minha autoria em sua biblioteca.

**Claudia: Ziraldo, e essa mudança no livro, capa, papel, impressões, eu vi um exemplar da segunda edição e percebi que houve muitas mudanças.**

**Como você vê isso?**

Ziraldo: É um livro de noventa páginas! Não dá pra comercializar.

**Claudia: E o da última edição, a quinquagésima sétima, foi impressa com um papel muito fosco, o que você acha? Você participa destas decisões com a editora?**

Ziraldo: Eu prefiro o papel fosco, ele é muito melhor! O exemplar da primeira edição foi um impacto muito assustador para a época que foi lançado em 1969, algumas páginas eram inteira brancas, hoje elas foram reduzidas.

**Claudia: Eu sou professora e ainda hoje percebo este impacto no momento da primeira leitura por crianças. Como você percebe este público leitor?**

Ziraldos: O *Flicts* contraria toda esta coisa insuportável que é a classificação por faixa etária. O *Flicts* é para todas as idades. Na verdade não é só o *Flicts*, se você for ver o livro para criança é assim. O *Flicts* é indicado para educação infantil, para o final do curso primário, e assim vai. Eu já vi muitas apresentações do *Flicts* em escolas em forma de teatro, mas desde o jardim, todos com o figurino das cores é a coisa mais linda!<sup>9</sup>

### Entrevista 3:

**Leila Bortolazzi, editora de arte das edições de Ziraldos na Editora Melhoramentos São Paulo, em 26/06/2006.**

**Claudia: Como foi para Ed. Melhoramentos assumir as edições de *FLICTS* e as obras de Ziraldos?**

Leila: Ziraldos começou a trabalhar na editora como cartazista e desenhista de capa de cadernos na década de 70. Em seguida a melhoramentos propôs que Ziraldos trouxesse para a editora um livro infantil. Ziraldos traz então *FLICTS* e *O MENINO MALUQUINHO*.

**Claudia: Leila, você conhece o projeto gráfico inicial de *FLICTS*?**

Leila: Sim, temos dois exemplares em nossa biblioteca interna.

**Claudia: Qual o motivo principal das alterações do projeto inicial de *FLICTS* em suas reedições, principalmente quando a Melhoramentos assumiu em 1984?**

Leila: São vários os motivos, o primeiro projeto gráfico de *FLICTS*, originalmente é um modelo dos anos 60, capa dura, tipo álbum. Hoje se tornaria inviável editar

---

<sup>9</sup> PINTO, Ziraldos Alves - Senac – São Paulo “Mundo dos Quadrinhos 2005”. São Paulo, 12 de julho de 2005.

e vender um livro com estas qualidades, com o preço elevado ele se tornaria inacessível às pessoas de baixa renda. As modificações foram feitas por questões de custos e acesso. Formato, tipo de papel, impressão tecnicamente seguem um padrão. Corte da folha, número de impressões podem baratear o livro. Por isso decidimos reduzir as páginas e encadernar com grampos.

**Claudia: Por se tratar de um trabalho gráfico, as imagens em *FLICTS* ficaram comprometidas com as alterações feitas?**

Leila: Não. As novas impressões trazem um papel couchê fosco onde evitam o brilho e também mantém o baixo custo. O livro tem que ser acessível, se for feito um livro caro as pessoas, leitoras em sua grande maioria não teriam acesso.

**Claudia: Há algum projeto comemorativo para o 40º aniversário de *FLICTS*? *O Menino da Lua* seria uma suposta “edição de aniversário”?**

Leila: Até o momento não pensamos nisso, pode até ser! *O Menino da Lua* foi um novo projeto para Ziraldo. Ele não disse que seria uma extensão de *FLICTS*. Talvez ele diria: “Deixe o público tirar suas conclusões”.

**Claudia: *FLICTS* foi traduzido para outros idiomas, como é o retorno da leitura desta obra por crianças de outras culturas? Há este retorno?**

Leila: Recentemente Ziraldo ganhou um prêmio na Itália, é o prêmio “Andersen” da literatura. Um dos melhores prêmios no exterior como melhor lançamento. Hoje, ainda hoje, *FLICTS* é considerado um livro moderno. O público tem consumido e gostado muito!

**Claudia: Sendo um livro recomendado para crianças, você acha que este público está preparado e/ou alfabetizado visualmente para realizar a leitura de *FLICTS*?**

Leila: Sim, porém sua leitura caminha para a questão da exclusão/inclusão.

**Claudia: O lançamento do *FLICTS* multimídia foi uma iniciativa para facilitar a leitura, por ser interativo e em vários idiomas?**

Leila: O CD - rom foi lançado para inserir uma nova mídia, não tivemos a intenção de facilitar a leitura, foi mais uma nova versão de leitura, foi um dos primeiros livros infantis lançados em multimídia. Quando vemos um livro temos uma percepção, quando vemos uma mídia com áudio, movimento, a compreensão muda.

## FLICTS: O CORAÇÃO DA COR

“O mundo não é uma coleção de objetos naturais com suas formas respectivas, testemunhadas pela evidência ou pela ciência, o mundo é cor.

A vida não é uma série de funções da substância organizada, desde a mais humilde até a de maior requinte, a vida são cores.

Tudo é cor. O que existe, existe na cor e pela cor. A cor ama, brinca, exalta, repele, dá sentido e expressão ao sítio ou à aparência onde ela pousa.

Cores são seres individualizados e super-poderosos, que se servem de nosso veículo óptico para proclamar sua verdade.

Nossas verdadinhas concretas empalidecem ao sol múltiplo que elas concentram.

Aprendo isso, tão tarde! Com Ziraldo. Ou mais propriamente com Flicts, criação de Ziraldo, que se torna independente do criador, e vive e vibra por si.

Que é Flicts? Não digo, não quero dizer.

Cada um que trave contato pessoal com Flicts, e sinta o que eu sinto ao conhecê-la um deslumbramento, um pasmo radiante, a felicidade de renascer diante do espetáculo das coisas em estado puro.

Flicts faz a gente voltar ao ponto de partida, que, paradoxalmente, é ponto de chegada. No princípio era cor, e no fim será cor, alegria da percepção. Ou nem haverá fim, se concebermos a cor em si, flutuando no possível, desinteressada de pouso e tempo.

Flicts já flutua no bôjo desta idéia. Mais um passo, e não precisará de ponto de referência, ela que rodou por toda a parte para afirmar-se, e acabou se encontrando... onde, não digo, não quero dizer. Você é que tem que chegar lá para vê-la. O conto contado por Ziraldo só merece um adjetivo, infelizmente desmoralizado: maravilhoso. Não há outro, e sinto a pobreza do meu cartuchame verbal, para definir Flicts: não carece de definição. É.

Mestre do traço desmitificador ou generoso (Supermãe, Jeremias), Ziraldo abriu mão de suas artimanhas todas para revelar Flicts com absoluta economia de meios, ou, antes, sem meio algum. E dá-nos a festa da cor como realidade profunda, e não mera impressão da luz no olho. Sua revelação é fulgurante. Faz explodir a carga emocional e mental que as cores trazem consigo.

Disse que me faltam palavras: entretanto, o próprio Ziraldo, monstro inventor de Caratinga, soube encontrá-las, compondo com elas não uma explicação de Flicts, mas um guia lacônico de viagem, para acompanharmos o giro ancoso de Flicts pelo universo. Este guia saiu um poema exato. Do resto, que é Flicts senão poesia formulada de outra maneira por Ziraldo? E o consórcio das duas poesias forma uma terceira, dom maior deste livro.

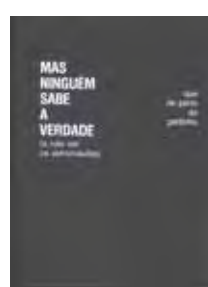
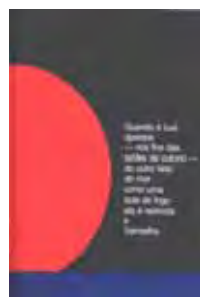
Flicts é a iluminação – afinal, brotou a palavra – mais fascinante de um achado: a cor, muito além de fenômeno visual, é estado de ser, e é a própria imagem. Desprende-se da faculdade de simbolizar, e revela-se aquilo em torno do qual os símbolos circulam, voejam, volitam, esvoaçam – fly, flit, fling – no desejo de encarnar-se. Mas para que símbolos se captamos o coração da cor? Ziraldo realizou a façanha em seu livro.”<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. In: “Flicts: o coração da cor”. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1969.







Ziraldo e Claudia Cascarelli na Bienal Do Livro  
São Paulo – 19-03-2006  
Autógrafos em FLICTS 2ª e 20ª edição.



Revista Veja Rio Editora Abril – Edição especial-  
07 de março de 2007  
“Ziraldo, O Senhor Maluquinho”

